

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**OS MODOS DE SER E DE FAZER: AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS
ENTRE OS TRABALHADORES DO PRÓ-RESÍDUOS DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-PR**

ALICE DIAS PAULINO

**MARINGÁ
2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**OS MODOS DE SER E DE FAZER: AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS ENTRE OS
TRABALHADORES DO PRÓ-RESÍDUOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ-PR**

Dissertação apresentada por ALICE DIAS PAULINO, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de Concentração: SOCIEDADE E PRÁTICAS CULTURAIS.

Orientadora:

Prof^(a). Dr^(a) : ZULEIKA DE PAULA BUENO

MARINGÁ
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

P328m Paulino, Alice Dias
Os modos de ser e de fazer : as relações simbólicas entre os trabalhadores do Pró-Resíduos da Universidade Estadual de Maringá-PR / Alice Dias Paulino. -- Maringá, 2012.
170 f. : il. col., figs., quadro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zuleika de Paula Bueno.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2012.

1. Identidade social. 2. Sujeitos liminares. 3. Liminaridade. 4. Invisibilidade social. 5. Estigma. 6. Identidade e reconhecimento. 7. Antropologia social. 8. Psicologia social. 9. Turner, Victor Witter. I. Bueno, Zuleika de Paula, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDD 21.ed. 302.5

AMMA-00354

ALICE DIAS PAULINO

**OS MODOS DE SER E DE FAZER: AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS ENTRE OS
TRABALHADORES DO PRÓ-RESÍDUOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ-PR**

BANCA EXAMINADORA

Prof^(a). Dr^(a). Zuleika de Paula Bueno (Orientadora) – UEM/PR

Prof^(a). Dr^(a). Fernando Braga da Costa – FMJ/SP

Prof^(a). Dr^(a). Marivânia Conceição de Araujo – UEM/PR

02 Maio 2012

Ao meu Pai Francisco Dias. Minha sempre gratidão pelos seus ensinamentos de respeito, perseverança, sua visão de mundo e o valor do conhecimento sempre incentivando novas conquistas. Meu maior e inesquecível reflexo, no *jogo de luz e espelho*.

Aos trabalhadores do PRORESÍDUOS pela permissão de conhecer suas histórias de vida. Sou grata pelo apoio e tolerância de minhas entradas e saídas diárias no grupo. Minha admiração e respeito.

AGRADECIMENTOS

À professora Zuleika de Paula Bueno pelo prazer de aprender como sua aluna e orientanda, e por sua postura sempre generosa de encorajamento. O acolhimento amigo durante o tempo que passamos juntas e seus firmes direcionamentos, conduziram o meu antigo *sonho* de realizar um estudo dessa natureza.

À professora Marivânia Conceição de Araujo, por sua atenção especial em me ouvir, em ler meu primeiro material onde ensaiei as idéias iniciais, e pelo incentivo para continuar meu projeto de estudo. E depois, pelas valiosas observações e contribuições dadas na banca de qualificação.

Ao professor Paulo César Seron, do Departamento de Psicologia/UPA, pela disponibilidade de trocas de idéias na elaboração do pré-projeto de pesquisa. Fica a boa lembrança do seu apoio irrestrito, das conversas sobre os temas de estudo, e por sua atitude de encorajamento na minha intenção de realizar o mestrado.

Em especial à minha família: mãe Alice, filho Rafael, esposo Dimer, pela cumplicidade e silencioso consentimento das minhas ausências, pelo suporte *logístico* no dia-a-dia. Valeu todo o apoio para a execução deste trabalho.

Às Professoras do corpo docente do mestrado, em especial:

... Carla, pelos debates e o entusiasmo contagiante de suas aulas;

... Simone, por seu incansável empenho e a força impressionante das informações;

... Cleyde, pela visão e conhecimentos interdisciplinares que muito me ajudaram nas leituras integradas.

Nesse momento de ritual, de ritual de passagem entre o ponto de partida e o de chegada, tenho certeza que muitas outras pessoas estiveram presentes ouvindo, lendo e me ajudando nas reflexões para escrever. Nesse ritual de cerimônias de agradecimentos deixo expressa minha gratidão a tantos outros profissionais e amigos que fizeram e fazem parte de minha experiência de vida. Obrigada pelos incentivos, elogios, críticas, que certamente contribuíram para a construção da minha visão-de-mundo.

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos.

(Paulo Freire, *Conceito de Sociedade em Transição*, in *Educação e Mudança*, 1979).

PAULINO, Alice Dias. **OS MODOS DE SER E DE FAZER: AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS ENTRE OS TRABALHADORES DO PRÓ-RESÍDUOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-PR.** (170 f.). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof^a. Dr^a Zuleika de Paula Bueno. Maringá, 2012.

RESUMO

A pesquisa objetivou entender a produção e as trocas simbólicas de significações coletivas e intersubjetivas em um grupo de trabalhadores em situação liminar. Nesse contexto, a visão teórica da antropologia da experiência e do modelo de ‘drama social’ de Victor Turner foram o fio condutor para esta análise. O estudo se orientou pela premissa de que os fenômenos sociais são construídos entre os indivíduos onde os diferentes mundos se conectam, o pessoal (subjetivo) e o social (intersubjetivo), combinando os *sentidos* e os significados. Tais aspectos nortearam a definição dos procedimentos metodológicos e o teor qualitativo da pesquisa. Para este universo das interações humanas, a construção do campo teórico e os conteúdos de análise empírica se deram a partir do diálogo entre a antropologia, a psicologia social e a sociologia. Desse encontro multidisciplinar definiram-se o tema e o recorte teórico de análise social sobre a experiência humana, centrados na concepção da liminaridade um importante construto capaz de explicar diferentes condições de expressão da vida em sociedade que ocorrem em sistemas institucionalizados. Realizou-se a investigação etnográfica entre 2010 e 2011 com um elenco de treze pessoas integrantes do Pró-Resíduos, um programa responsável pelas tarefas de gerenciar todos os tipos de resíduos sólidos e líquidos, produzidos na Universidade Estadual de Maringá-PR. Os registros de análise colhidos por meio das observações de campo envolveram questões que tocam o grupo em sua natureza, estrutura e competência. Com o recurso da entrevista pode-se estudar a articulação dos indivíduos em suas trajetórias de vida e experiências profissionais. Além dos *modos de ser e de fazer* do grupo, as análises se voltaram para o processo das identificações e da construção das identidades sociais, fundamentadas em teorias psicológicas e autores cujas idéias se voltam para a dinâmica interacional. Foi possível discutir os *sentidos* de vida atribuídos e construídos pelos integrantes do grupo em condição liminar, ressaltando o *percurso do reconhecimento* e o seu lugar no processo identificatório. O estudo possibilitou, em especial, entender o fenômeno da liminaridade enquanto forma positiva de expressão subjetiva e de associação de pessoas, conferindo ao grupo uma condição liminar que expressa uma forma de aproximação e de identificação, nem tão negativa e excludente, como apontam originalmente os estudos de Victor Turner. O processo do reconhecimento, outro ponto de conclusão de igual importância, revelou ser um movimento fundante e constituidor da identificação, essencial para a existência humana, responsável por articular o sujeito ao seu mundo social. As constatações finais me permitiram aproximar ainda mais da convicção de que os mundos sociais e psicológicos são e estão entrelaçados.

Palavras-chave: Identidades Psicossociais. Liminaridade. Invisibilidade Social. Estigma. Reconhecimento. Pró-Resíduos.

PAULINO, Alice Dias. **THE WAYS OF BEING AND DOING: THE SYMBOLIC RELATIONSHIPS AMONG THE WORKERS OF THE PRO-RESIDUES PROGRAM AT THE STATE UNIVERSITY OF MARINGÁ-PR.** (170 f.). Dissertation (Master's degree in Social Sciences) - State University of Maringá. Advisor: Prof^a. Dr^a Zuleika de Paula Bueno. Maringá, 2012.

ABSTRACT

The research aimed at to understand the production and the symbolic changes of collective and inter-subjective significances in a group of workers in a liminal situation. In that context, the theoretical vision of the anthropology of experience and model of Victor Turner's 'social drama' were the conductive thread to this analysis. The study was guided by the premise that the social phenomena are built among the individuals where the different worlds are connected, the personnel (subjective) and the social (inter-subjective), combining the senses and the meanings. Such aspects guided the definition of the methodological procedures and the qualitative tenor of the research. For this universe of human interactions, the construction of the theoretical field and the contents of empiric analysis started from the dialogue among the anthropology, the social psychology and the sociology. From that multidisciplinary encounter the theme and the theoretical aspect of social analysis about the human experience were defined, centered in the conception of liminality, an important construct capable of explaining different conditions of life expression in the society which happen in institutionalized systems. The ethnographic investigation took place between 2010 and 2011 with a cast of thirteen individuals from the Pro-Residues program, which was responsible for the management of all types of solid and liquid residues, produced in the State University of Maringá-PR. The analysis registrations obtained through field observations involved subjects related to the group in its nature, its structure and competence. With the interview resource it was possible to study the individuals' articulation in their lives and professional experiences. Besides the group's ways of being and doing, the analyses focused the process of identification and construction of the social identities, based in psychological theories and authors whose ideas are directed to the interactional dynamics. It was possible to discuss the meanings of life attributed and built by the members of the group in liminal condition, pointing out the course of the recognition and its position in the identification process. The study also made possible, to understand the phenomenon of liminality as a positive form of subjective expression and of people's association, conferring to the group a liminal condition that expresses a form of approach and of identification, nor so negative or excluding, as originally pointed by Victor Turner studies. The recognition process, another point of conclusion of equal importance, revealed to be a founding and constituting movement of the identification, one that is essential for the human existence, responsible for articulating the individual with his social world. The final verifications brought me even closer to the conviction that the social and psychological worlds are entwined.

Keywords: Psychosocial Identities. Liminality. Social Invisibility. Stigma. Recognition. Pro-Residues.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Perfil dos Entrevistados PRORESÍDUOS/UEM.....	24
Ilustração 1	Fachadas (entrada/lateral) do prédio do Programa Pró-Resíduos.....	27
Ilustração 2	Pró-Resíduos - Administração (secretaria geral).....	28
Ilustração 3	Pró-Resíduos - Oficina de Produção de Papéis.....	28
Ilustração 4	Pró-Resíduos - Oficina de Reaproveitamento.....	28
Ilustração 5	Pró-Resíduos - Separação de Materiais.....	29
Ilustração 6	Pró-Resíduos - Coleta de Lixo/Resíduos.....	29
Ilustração 7	Pró-Resíduos - Setor de Projetos.....	29
Ilustração 8	Pró-Resíduos - Agenda de Pedidos/Setor de Reaproveitamento.....	41
Ilustração 9	Coleta de Lixos Comuns.....	68
Ilustração 10	Coleta de Lixos Comuns.....	68
Ilustração 11	Coleta de Lixos Comuns – Área de Descarte.....	69
Ilustração 12	Coleta de Lixos Comuns – Área de Descarte.....	69
Ilustração 13	Coleta de Lixos Comuns – Área de Descarte.....	69
Ilustração 14	Separação de Materiais – Parte Externa.....	85
Ilustração 15	Separação de Materiais – Espaço Interno.....	85
Ilustração 16	Separação de Materiais – Espaço Interno.....	86
Ilustração 17	Separação de Materiais – Espaço Interno.....	86
Ilustração 18	Produtos da Oficina de Reaproveitamento.....	95
Ilustração 19	Produtos da Oficina de Reaproveitamento.....	95

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 20 Produtos da Oficina de Papéis.....	96
Ilustração 21 Produtos da Oficina de Papéis.....	98
Ilustração 22 Produtos da Oficina de Papéis.....	99
Ilustração 23 Objetos Simbólicos.....	104
Ilustração 24 Objetos Simbólicos.....	106

LISTA DE ABREVIACÕES

ANPACIN	Escola para Deficientes Auditivos Campus UEM (Associação Norte Paraná Áudio Comunicação Infantil de Maringá)
CAIC	Centro de Atenção Integral  Criança/UEM
CAP	Colégio de Aplicação Pedagógica/UEM
DSM	Diretoria de Serviços e Manutenção/UEM
IAP	Instituto Ambiental do Paraná
UEL	Universidade Estadual de Londrina-PR
UEM	Universidade Estadual de Maringá-PR
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo-SP
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas-SP
USP	Universidade de São Paulo-SP

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. O CAMPO E A CONDUÇÃO DA PESQUISA.....	18
2.1 O PONTO DE PARTIDA – O CAMPO EMPÍRICO	18
2.2 IDENTIFICANDO OS SUJEITOS SOCIAIS E ATIVIDADES.....	23
2.3 O PRINCÍPIO E A ORGANIZAÇÃO DO GRUPO PRORESÍDUOS	32
2.3.1 O Setor da Coleta.....	36
2.3.2 As Oficinas	39
2.3.3 O Setor de Projetos.....	43
2.3.4 A Separação de Materiais	44
2.4 A CONDUÇÃO DA PESQUISA.....	47
2.4.1 Procedimentos metodológicos.....	53
3. A NOÇÃO DE LIMINARIDADE.....	58
3.1 O GRUPO LIMINAR.....	58
3.2 O TRABALHO NO ‘MUNDO DO LIXO’ – O INDIVÍDUO <i>SEM ROSTO</i>	64
3.3 ENTRE O LIXO E RESÍDUOS – DA INVISIBILIDADE AO ESTIGMA.....	78
3.3.1 Reciclado ou Lixo?	84
3.4. OS MODOS DE SER E DE FAZER NA LIMINARIDADE	93
3.4.1 O lugar de todos.....	102
4. PROCESSOS IDENTIFICATÓRIOS.....	112
4.1 IDENTIDADE – QUESTÕES CONCEITUAIS.....	112
4.2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE	118
4.3 A DINÂMICA INTERACIONAL – O PROCESSO IDENTITÁRIO	130
4.4 RELAÇÕES E OS SIGNIFICADOS – TRANSFORMAÇÕES DA IDENTIDADE ..	137
4.4.1 Outros <i>status</i>, outras identidades	141
4.5 NO PERCURSO DO RECONHECIMENTO E DA IDENTIFICAÇÃO.....	144
4.6 IDENTIDADE E RECONHECIMENTO – SENTIDOS DE VIDA	152
5. NOTAS DE CONCLUSÃO.....	155
REFERÊNCIAS.....	163
APÊNDICES.....	167
ANEXOS.....	150

1. INTRODUÇÃO

[...] Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam (GUIMARÃES ROSA em Grande Sertão: Veredas).

Ao voltar o olhar, percebo o quanto a convivência com as pessoas proporciona as histórias de vida e consolida um conjunto de experiências *eu e todos nós*, num universo plural de vivências, de encontros ocasionais e outros intencionais.

De início, no âmbito da família, depois com as primeiras amizades, a escola, seguindo por diversas e diferentes etapas, tudo muito dinâmico e contínuo. Chega a idade adulta e com ela mais experiências se somam em estudos e em relação aos diferentes trabalhos que se faz. Eventos que se juntam, misturam-se aos momentos vividos também em função dos lugares de convivência, ou pelos inúmeros e novos relacionamentos.

Tudo e todos são partes integrantes de uma espécie de paisagem viva, portanto, modificável. Um imenso cenário dinâmico de atores no campo social onde se dão as relações que proporcionam saberes jamais imaginados. As experiências se ampliam, consolidam e dão ‘forma’ às pessoas.

Nesse campo infinito de experiências que fazem parte do mundo cotidiano, considero esta que se inicia no âmbito da vida acadêmica um momento diferenciado pelo seu duplo sentido: aprender com o outro e interatuar em várias situações. Significa para mim, sobretudo, um momento especial de busca de conhecimentos com vistas a ampliar a compreensão de dois mundos complementares – o psicológico e o social.

Por formação e atuação profissional¹, a psicologia tem sido a lente teórica que me auxilia a compreender esse mundo cotidiano e quase ‘mágico’ das interações humanas, amplamente estudado por diferentes campos das humanidades.

Em grande parte, as leituras relativas ao meu universo de conhecimento tocam as questões fundamentais ao exercício da profissão. São escolhas necessárias às atualizações requeridas pela própria natureza das atividades do psicólogo voltado ao mundo do trabalho, em função das transformações históricas que o cercam.

No entanto, são muitas e pertinentes as questões preocupantes relacionadas a pouca visão social dos processos de intervenção feitos no exercício da psicologia, independente da

¹ Psicóloga na área Trabalho, atuação em Gestão de Pessoas e Desenvolvimento Organizacional e, desde 1996, no cargo de Psicóloga do Trabalho na Unidade de Psicologia Aplicada (UPA) - Formação de Psicólogos, da Universidade Estadual de Maringá- UEM/PR.

área específica em que o profissional psicólogo se dedique. E para se compreender o mundo psicológico, diz Bock (2001), é obrigatório trazer a realidade social na qual o fenômeno psicológico se constrói.

A meu ver, a possibilidade de retomar as concepções teóricas do campo das ciências sociais aplicadas trouxe outra lente, outro foco de compreensão da organização da vida cotidiana. Em outras palavras, uma forma de apreensão da consciência coletiva e da coletividade que se misturam aos fenômenos da consciência individual – uma aproximação dos arranjos dos fenômenos sociais e psicológicos que definem os fatos humanos (MAUSS, 2007).

Com a expectativa de encontrar subsídios de discussão a esse universo de conhecimento, num primeiro momento, me orientei por referenciais teóricos e leituras sobre as questões prioritárias para as ciências sociais e humanas – indivíduo-sociedade, indivíduo-sujeito, mundo objetivo-subjetivo, realidade material-simbólica – algumas das dimensões que caracterizam o universo dos estudos humanos.

O intuito também era construir um conhecimento que afastasse a dicotomia que marcou os estudos iniciais da psicologia ao abordar questões como a ‘objetividade e subjetividade’, ‘natural e cultural’, ‘razão e emoção’, ‘indivíduo e sociedade’.

Esse período de novas visões e reflexões, procurando apreender o contexto das interações humanas me conduziu a pensar e a limitar um problema que pudesse ser investigado teoricamente. O encontro com o objeto de estudo veio com a descoberta de uma pequena organização de trabalhadores da Universidade Estadual de Maringá conhecido como PRORESÍDUOS², um ‘símbolo’ identificador que já estabeleceu um elo específico entre as pessoas e a atividade que se ocupam.

Considerando meu foco de observação empírica sobre o ‘Pró-Resíduos’ – *Programa de Gerenciamento de Resíduos da Universidade Estadual de Maringá-PR*, com a permissão oficializada junto a eles, aumentou minha expectativa em torno do grupo e sua trajetória, agora enquanto objeto de estudo, se haveria possibilidades concretas de constatação de uma dinâmica social e realidade no eixo da investigação.

Desde os meus contatos iniciais, em pequenos momentos informais a partir de 2009, constatei uma realidade e um movimento cotidiano deste grupo bastante distinto do universo das atividades e do ambiente estruturado e já convencionado da universidade. Uma pista

² No decorrer do trabalho vou usar a forma de escrita PRORESÍDUOS numa menção simbólica, de conotação de uma ‘marca’ que define o contexto do grupo e o lugar das pessoas. A referência Pró-Resíduos será usada para o programa, às atividades, ou mesmo, quando aparecer transcrito nas falas dos sujeitos.

preliminar que aumentou meu desejo, já presente, de que eu deveria ampliar minhas reflexões acerca dos processos interacionais e com outros patamares teóricos, repensando a dinâmica do cotidiano das pessoas a partir de uma rede de conexões entre as dimensões psicossociais, culturais, políticas, econômicas, ambientais.

Algumas questões iniciais em torno da situação e de seus atores foram sendo colocadas – ‘o que os unem’; ‘as contradições sociais que se apresentam’; ‘como as pessoas coexistem nesse sistema’; ‘que significados e simbolismos definem esses atores sociais, no grupo, ou fora dele’. Tais questões foram importantes guias para as minhas expectativas e no direcionamento e busca de subsídios de informações do universo teórico de consolidação deste estudo.

Tais questionamentos passaram a incentivar e me conduzir na escolha dos referenciais teóricos, um primeiro passo para rever conceitos sobre a multiplicidade de elementos que integra a pessoa ao mundo. As novas leituras, e o reencontro de outras, me impulsionaram pensar de maneira mais integrada os referenciais das grandes áreas dos saberes humanos – a sociologia, a antropologia e a psicologia social –, que reúnem esforços e temas de humanidades que possam explicar o comportamento psicossocial.

Com essa forma conjugada de reflexão acerca da dimensão dinâmica da interação de pessoas e contextos sociais, encontro principalmente os autores Victor Turner e Roberto DaMatta cujas interpretações contemplam as dimensões simbólicas que se expressam em função de uma rede de significados subjetivos e intersubjetivos, misturados e organizados num processo contínuo de construção da realidade dos sujeitos sociais.

Esse segundo encontro, teórico e multidisciplinar, contribuiu na escolha do tema e a definição do recorte teórico para a análise social da experiência humana pautada na concepção da liminaridade (TURNER, 1974, 2005). Trata-se de um importante construto das ciências sociais e dos estudos da antropologia social, capaz de explicar diferentes condições de expressão da vida em sociedade que ocorrem em sistemas institucionalizados.

Considera-se o ‘liminar’ a representação das posições simbólicas e de significações, constituída e construída por pessoas e pelas relações sociais que lhes conferem um caráter identitário. Portanto, o conjunto das experiências vividas na liminaridade envolve percepções, comportamentos repetitivos, enfim, as expressões particularizadas do indivíduo, transpostas coletivamente.

Assim definidos os principais pontos norteadores da pesquisa, a presente investigação buscou conhecer a dinâmica interacional do grupo contextualizada nas diversas atividades desenvolvidas, no que diz respeito à sua natureza, estrutura e competência. Uma busca

voltada aos procedimentos e as relações que possam explicar os ‘modos de ser e de fazer’ que os distinguem na atuação cotidiana.

A pesquisa traz por objetivo entender a produção e as trocas simbólicas de significações coletivas e intersubjetivas, que vou empreender esforços para conhecê-las e analisá-las. A visão teórica da antropologia da experiência e do modelo de ‘drama social’ de Vitor Turner tornam-se o fio condutor para esta análise.

Na delimitação do tema liminaridade e no recorte dado para essa investigação relativo às vivências e identificações coletivas numa situação liminar, o PRORESÍDUOS abriu a oportunidade de conhecer mais proposições em torno da complexidade que envolve as relações psicossociais.

Espera-se nessa trajetória, entender mais sobre os modos de interação e pensamento que coletivamente se transformam em experiências significativas às pessoas e aos grupos. Gerar um conhecimento que possa explicar como as pessoas definem, e se definem, mediante determinadas situações pertinentes aos ‘mundos sociais’.

Quanto às reflexões produzidas nesse momento de vida acadêmica – das observações percebidas e registradas no campo empírico –, penso que permitem ao pesquisador dar um sentido ao seu trabalho.

Em relação ao processo de escrita, organizar os dados que recolhe, em suas reiteradas intervenções pensando e repensando sobre eles, ou categorizando-os conforme as temáticas que emergem do material coletado. Na partilha das informações, a possibilidade de criar outros elos de estudos, ao mesmo tempo em que possam traduzir resultados aplicáveis na vida em comunidade (ou sociedade) de maneira mais ampla.

Com essa intenção, além desta introdução, o conjunto do material teórico e empírico está organizado em três seções, iniciando com as considerações sobre o campo de pesquisa e os procedimentos metodológicos que nortearam a realização deste estudo.

Na segunda seção, com o suporte teórico principalmente de Turner (1974, 2005) e DaMatta (1986, 2000), reservou-se a discussão em torno da noção da liminaridade e da existência de alguns de seus aspectos mais evidenciados que decorre da condição liminar do grupo, como a produção simbólica, a caracterização das experiências pessoais e profissionais, bem como, as elaboradas coletivamente. Essa etapa descreve os conteúdos de análise voltados para as questões simbólicas e de significações que compõem a vida coletiva e as práticas do grupo.

A terceira seção aborda sobre a dinâmica interacional e os processos identificatórios. Relacionam-se teorias e concepções trazidas por Goffman (1988), Strauss (1999), Costa

(2004), Gonçalves Filho (2004), Barus-Michel (2004), autores cujas idéias fundamentam a constituição identitária nos processos interacionais e simbólicos. Estudou-se a articulação do indivíduo em sua trajetória de vida e experiências, a partir do seu cotidiano social.

Para o fechamento dessas discussões destaquei, em especial, as contribuições trazidas por Paul Ricoeur que ajudam a explicar o lugar do reconhecimento na construção das identidades. São discutidos os *sentidos* de vida construídos e as significações atribuídas a partir da percepção do grupo da situação liminar, ressaltando o *percurso do reconhecimento*.

Ao final, em ‘notas de conclusão’, produzi algumas considerações sobre os principais pontos resultantes de minhas análises e reflexões retiradas do *modo de ser e de fazer* do PRORESÍDUOS. Relatam-se, também, as apropriações feitas no percurso deste vasto campo de investigação e a identificação dos pontos prioritários que envolvem a constituição social do ‘indivíduo’ e do ‘sujeito’, e da questão estrutural e estruturante da vida em sociedade.

Esse conjunto de análises apresenta uma visão integrada do conjunto teórico-prático que permeou essa pesquisa. A sua produção expressa as apreensões feitas em campo, num exercício de minha vivência combinada com os componentes teóricos revisitados.

Numa menção ao Roberto DaMatta, descobri e repasso os registros do encontro de dois universos de interpretações o ‘meu’ e o do ‘outro’, numa vivência dos dois domínios entre um ponto de partida e outro de chegada.

Como expressa o autor, “[...] é necessária a presença dos dois termos (que representam dois universos de significação) e, mais basicamente, uma vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los” (DaMATTA, 1978, p. 28, grifos do autor). Um movimento entre ‘universos’ que se revelou imprescindível para as minhas interpretações e descobertas, um encontro cuja dinâmica proporcionou o desenvolvimento dessa pesquisa.

2 - O CAMPO E A CONDUÇÃO DA PESQUISA

2.1 O PONTO DE PARTIDA - O CAMPO EMPÍRICO

Descobrir o pensamento de Victor Turner e o conceito de performance social que fundamenta a antropologia da experiência me fez voltar os olhos para a constatação do quão fundamental é a relação entre o pensamento e a ação. Este é um processo que implica em variabilidade ritual presente em nossos comportamentos, resultante das relações estabelecidas no dia-a-dia. À luz desses estudos, os comportamentos são vistos e entendidos no ‘campo de encenação’.

Seguindo por essa vertente e pelo eixo de investigação direcionado ao cotidiano do grupo PRORESÍDUOS, serão as relações cotidianas e os movimentos que ocorrem no universo social e simbólico delas, os elementos que sustentarão a minha análise empírica.

Passo a descrever, por conseguinte, um pouco mais do ‘campo’ onde transitam os integrantes do grupo, ao encontro dos aspectos relevantes e constituintes que definem a estrutura dessa pequena organização. E para melhor entendimento de como se caracteriza um núcleo específico de atividade, é preciso contextualizar a origem e natureza do programa.

O Pró-Resíduos/UEM nasceu regulamentado por uma portaria gerada no gabinete da reitoria³, e permanece assim constituído diretamente vinculado a ele, desde a sua criação.

[...] O Pró-Resíduos é um Programa Institucional e Multidisciplinar, foi criado para gerenciar todos os resíduos produzidos na Universidade Estadual de Maringá - UEM Campus Sede e Extensões. É composto por um Conselho Técnico Científico formado por Coordenadora Geral e Supervisores das Áreas: I – Área de Resíduos Químicos Agressivos Líquidos e Sólidos; II – Área de Resíduos de Origem Agronômica: Biomassa Vegetal, Agrotóxicos e suas Embalagens; III - Área de Resíduos Biológicos; IV – Área de Resíduos Radioativos; V – Área de Resíduos de Serviços de Saúde e VI – Área de Resíduos Comuns; Apoio Técnico PRH/SESMET e PRH/DRH. Todas as atividades desenvolvidas pelo Programa envolvem o docente, o técnico e o discente em projetos de pesquisa e extensão, através do desenvolvimento de novas tecnologias de tratamento, passivação, reaproveitamento e co-processamento dos diferentes resíduos produzidos na UEM (GOBBI e outros, 2005)⁴.

³ Portaria n.º 1283/2003-GRE – que regulamenta o Programa de Gerenciamento de Resíduos Biológicos, Químicos e Radioativos – PRORESÍDUOS/UEM/PR.

⁴ Fonte Website: “PRORESÍDUOS - Programa de Gerenciamento de Resíduos Químicos, Biológicos e Radioativos da UEM”, trabalho publicado e disponível em [<http://www.proresiduos.uem.br/>], link ‘publicações’.

Conforme aponta em seu escopo, existem diferentes áreas técnicas de alcance do programa. Porém, na abrangência de atividades desenvolvidas, verificou-se que o grupo em estudo tem a responsabilidade sobre os *Resíduos Comuns* e os *Resíduos Químicos Agressivos Líquidos e Sólidos* (relativo às áreas I e VI). Efetivamente, são essas as duas áreas que concentram pessoas envolvidas diariamente nas atividades, e não estão apenas em caráter de multiplicadores ou representantes, como se estruturam e são representadas as demais áreas relacionadas do programa (algumas delas ainda sendo organizadas).

A denominação ‘Pró-Resíduos’ dada ao contexto geral do programa passou a ser utilizada para referenciar uma parte dele, neste caso, o ‘nosso grupo’ de estudo. Embora o grupo específico não represente a totalidade do programa de gerenciamento de resíduos, vou continuar tratando-o dessa forma, mesmo porque é dessa maneira que ele é conhecido pela comunidade universitária, e é assim referenciado externamente pela comunidade local.

Seguindo com a caracterização em torno do grupo, é importante destacar duas questões que marcam a relação dele com a universidade.

A primeira envolve a sua natureza e estrutura. Refiro-me aqui ao conhecido modelo de estrutura do ensino superior, organizado em centros e departamentos de graduação e de estudos. Nesse sentido, o grupo se diferencia dos demais que são instituídos para a produção acadêmica, ou mesmo daqueles grupos reconhecidos como parte do ‘modelo produtivo’ de ensino, pesquisa e extensão.

Igualmente, ele também não se integra às estruturas de procedimentos mais administrativos e institucionalizados, como são as outras unidades de apoio técnico e de serviços de suporte necessários ao conjunto organizado de atividades para o funcionamento de uma instituição de ensino.

Entretanto, ao que se constatou, a responsabilidade assumida pelo PRORESÍDUOS tem ‘peso’ semelhante aos compromissos institucionais assumidos pelos demais grupos que compõe a estrutura da universidade.

Com essa especificidade, e olhando um pouco mais dos detalhes da sua origem, a regulamentação seguida à sua criação, veio justificar a constituição do programa, bem como, do grupo de pessoas que viria a se organizar para atender aos seus propósitos.

[...] Art. 1º. (I) Desenvolver, nortear e determinar as ações necessárias para o cumprimento da legislação do meio ambiente [...] e do Código Sanitário Municipal. (II) Orientar, fiscalizar e propor medidas tecnicamente corretas e seguras para o descarte de resíduos em geral [...] visando sempre proteger a saúde do trabalhador, bem como o meio ambiente; [...] (contido no *Regulamento do Programa de Gerenciamento de Resíduo Químico, Radioativo e Biológico*).⁵

Conforme está descrito em suas finalidades, o programa e as pessoas envolvidas nas atividades são responsáveis em dar certo ‘destino’ aos resíduos gerados na instituição.

No conjunto geral das atividades, como visto, as práticas do programa atendem a uma demanda específica ligada a área dos resíduos, assim determinada por seus objetivos de criação, conforme também se divulgou para a comunidade universitária.

Os principais objetivos do Pró-Resíduos são: quantificar e qualificar os diversos resíduos gerados na UEM, inclusive nos campus regionais, e desenvolver tecnologia para passivação, reaproveitamento e descarte final de maneira ecologicamente sadia; desenvolver as ações necessárias para o cumprimento da legislação ambiental; orientar, fiscalizar e propor medidas tecnicamente corretas e seguras para o descarte de resíduos em geral; proceder a segregação, tratamento, passivação dos resíduos infectantes, químicos, radioativos, efluentes e encaminhar para aterro industrial os não recuperáveis; incentivar, articular e sistematizar as atividades relacionadas ao gerenciamento de resíduos, desenvolvidas no programa (Fonte: *Pró-Resíduos: uma necessidade indiscutível*, Informativo 765-UEM, 2007).

No entanto, em termos de atuação geral desse programa de gerenciamento dos resíduos e dessa extensa prática descrita, o trabalho do grupo ficou restrito à execução dos aspectos mais operacionais, envolvendo a retirada dos lixos comuns produzidos pela comunidade universitária, e dos resíduos químicos provenientes dos laboratórios de manipulações químicas e de farmácia, ou dos processos de pesquisas desenvolvidos.

Na prática, o grupo se tornou mesmo uma ‘célula operacional’ reunindo pessoas em torno de uma atividade bem distinta, tanto em relação ao escopo geral do próprio projeto, quanto por desempenhar tarefas não usuais se comparada às demais atividades *centrais* da universidade.

Sua condição de ‘programa’ e o fato de representar um tipo de estrutura diferenciada pelo que faz, são aspectos que deixam o grupo ‘fora’ do perfil institucional – o grupo nem está para o atendimento das necessidades de ensino superior, se pensar na usual concepção do ensino, pesquisa e extensão, e nem se define como órgão suplementar ou de apoio à administração, dessas atividades já convencionadas.

⁵ Universidade Estadual de Maringá - Portarias n.º 032/2004-GRE e n.º 033/2004-GRE, de 30 de janeiro de 2004.

Tal fato pressupõe que o PRORESÍDUOS tem uma situação caracterizada como *liminar*, usando a expressão de Victor Turner, *nem-lá-nem-cá*, de tal maneira que o situa em uma condição delimitada fora dos espaços convencionados.

Reconhece-se, a priori, que a realidade da estrutura do grupo traz esse movimento liminar em razão da posição que ele ocupa no contexto estruturado da UEM. Por pressuposto, uma condição que o caracteriza entre ‘ser’ e ‘não ser’, próprio de uma situação liminar.

O programa, representado pelo grupo, tem vida própria no conjunto das atividades que respondem, entretanto, obedece ao vínculo legal e institucional quanto ao cumprimento dos prazos para a realização dos trabalhos ou dos seus objetivos, em razão da demanda de resíduos produzidos na comunidade universitária.

O grupo, social e institucionalizado, enquanto local de trabalho possui plena autonomia nos seus afazeres diários e no modo como organiza suas atividades no geral, desde os recursos materiais necessários, quanto às pessoas envolvidas. Porém, em função do vínculo legal e trabalhista que mantém com a instituição, ‘presta conta’ à universidade caso deixe de cumprir os compromissos do dia-a-dia.

O programa mantém em suas operações certa independência administrativa-financeira, pois arrecada recursos em projetos de prestação de serviços para a comunidade, interna ou externa, mas não possui autonomia financeira para proceder a gastos, pagamentos de fornecedores, ou mesmo para realizar investimentos, sem a devida autorização do órgão ao qual se subordina (reitoria).

Posso afirmar que são únicos no que fazem, mas, ao mesmo tempo, estão isolados da estrutura da universidade principalmente pelo que fazem, pois a natureza do programa e das ações desenvolvidas por ele, não se inscrevem no conjunto das atividades fins da universidade. O PRORESÍDUOS fica às margens da estrutura dela, mas são necessários pelo que fazem.

Seguindo um pouco mais com essa caracterização, vamos examinar a organização do grupo quanto à atividade, no que diz respeito ao tipo de ocupação as relações de atuação.

A configuração deste núcleo específico de atividades é a segunda questão relevante a se pensar nessa investigação. Primeiro, como se descreveu, o grupo não se ‘enquadra’ no que se refere à estrutura e aos tradicionais campos do ensino, pesquisa e da extensão, que conferem a existência ou a essencialidade de uma instituição superior de ensino.

Segundo, o grupo realiza um tipo de atividade não ‘convencionada’ no universo da instituição e vive grande parte do seu cotidiano, limitado em ações de descarte dos lixos comuns e dos resíduos químicos produzidos na universidade, ou ligados aos trabalhos de reciclagem, que também inclui a produção de artefatos com materiais reciclados.

Nesse sentido, com o decorrer das análises e sob um olhar mais detalhado, vamos encontrar situações interacionais específicas no cotidiano de trabalho de cada um dos integrantes. São momentos que também produzem particularmente ‘pessoas liminares’, pois a dinâmica da liminaridade também está associada aos momentos de transição e de mudança na vida das pessoas – relaciona-se com as condições que produzem as posições sociais individuais e liminares.

Nessa ótica de compreensão, a liminaridade traz no seu processo uma fase de transição para as pessoas com dimensões sociais e simbólicas. Nela Turner (1974, 2005) discute a noção de passagem, momentos que podem se constituir como modificador e transformador na medida em que pressupõe a ação do sujeito. Nesta condição, o ‘liminar’ caracteriza um movimento gerador de momentos e situações diferenciadas de vida, ou até, a possibilidade de criação de novas estruturas sociais.

Aos poucos, vou agregando e ampliando os pontos de observação que ajudam a entender minha percepção inicial de escolha do grupo. Estes pontos que levantei preliminarmente auxiliam esse percurso de investigação, e são importantes sinalizadores das condições e os ‘modos de ser’ do grupo, pois há um ‘movimento’ diário presente na relação deles com a universidade, bem como, deles para com as atividades que realizam.

Estes são alguns dos aspectos visíveis com os quais o grupo e seus integrantes convivem diariamente. São contrastes que os colocam em situação ambígua, por vezes contraditória. Não estão no ‘perfil’ da universidade, situam-se no *límen*, numa condição diferenciada que os separam e distinguem dos ‘outros’. Ao mesmo tempo, se definem enquanto ‘grupo’ pela situação de convivência entre eles que os faz semelhantes (‘entre-si’) por suas particularidades e as tarefas que realizam cotidianamente.

São os motivos pelos quais se acatou os pressupostos de que o estado ou situação liminar não é somente ‘mera experiência’ e, sim, ‘uma experiência’, dado a intensidade dos significados que o *límen* produz às pessoas ou aos seus grupos. Com a aproximação das histórias que envolvem o encontro dos integrantes do grupo, se poderá entender mais sobre esses movimentos que ocorrem no universo social e simbólico do PRORESÍDUOS.

2.2 IDENTIFICANDO OS SUJEITOS SOCIAIS E ATIVIDADES

Para essa discussão retomo parte dos registros iniciais de minha inserção em campo relativos às fases de reconhecimento e de aproximação das pessoas que integram o grupo observado.

Os registros a que me refiro são os oriundos das interações realizadas com o elenco de treze pessoas que são permanentes e responsáveis operacionalmente pelas tarefas de gerenciar e dar um encaminhamento a todos os tipos de resíduos, os sólidos e líquidos, produzidos pela UEM. De forma sistemática e semanalmente, meus relatos de campo nascem a partir de 2011 quando passo a me integrar mais no cotidiano deles, entre os meses de janeiro a dezembro, conhecendo as relações e as atividades que desenvolvem.

As anotações foram tomadas a partir do diálogo e da convivência com eles e sistematizadas a cada contato de observação. Os registros são resultados das entrevistas e observações *in loco*, e contém a descrição do cotidiano dos sujeitos sociais e de como constroem suas realidades. Para complementar alguns registros relativos à organização do programa, além dos depoimentos colhidos com os entrevistados, recorri às informações que constam divulgadas nos materiais do Pró-Resíduos.

Sempre que necessário, o uso dos conteúdos das falas para as análises foram transcritas como registradas nos contatos, procurando preservar no máximo em sua originalidade (linguagem e temporalidade), porém, ficando o material resguardado quanto às identificações reais.

Recorro, então, a esse material de apoio para essa fase de caracterização. Já se observou que o programa está incorporado institucionalmente pela responsabilidade em relação à questão social e ambiental, como também, para a gestão dos lixos e resíduos.

Depois de já constituído e ao longo dos anos de funcionamento do grupo, é a própria coordenação que faz os ‘arranjos’ para trazer as pessoas para o grupo. Digo *arranjos*, pois o programa não tem autonomia de contratação externa. Os integrantes fazem parte do quadro técnico e operacional da UEM inseridos na carreira de ‘técnicos universitários’. São procedentes de diversos departamentos e de diferentes níveis de funções, superior, médio ou operacional. As pessoas ‘chegam’ pela área de recursos humanos da universidade ou pelos departamentos, quando há a possibilidade de serem cedidos, ou então, funcionários que querem mudar de setor.

Nas várias atividades desenvolvidas, se encontram pessoas distintas em formação, experiência, idade, tempo de universidade. Não existem critérios ou impedimentos para se trabalhar no grupo. Como afirma a própria coordenadora: “*Fico feliz em pegar funcionários com problemas na UEM e manter todos trabalhando.*”

No dia-a-dia observei que existe uma oscilação na presença das pessoas que contribuem em algumas das tarefas, principalmente das oficinas. E isso se deve à variação na demanda dos trabalhos, situações quando são solicitados os ‘reforços’, e estes chegam em caráter de estágio, ou até de funcionários voluntários que ajudam após o expediente nos seus departamentos de origem.

Conhecendo mais do funcionamento do grupo em sua ‘célula operacional’, observei ainda certa ‘divisão’ interna que além de caracterizar as operações, também define as pessoas e suas ocupações.

Diante dessa dinâmica interna do grupo, meu foco de investigação se deteve nos integrantes permanentes do PRORESÍDUOS, aqueles responsáveis pela execução da atividade como já adiantei.

Relacionei este elenco de treze pessoas conforme as ocupações, mas as identificações foram preservadas usando nomes fictícios, uma prática adotada para evitar a exposição dos participantes da pesquisa.

Identificação	Setor/Atividade	Idade (anos)	Tempo no Pró-Resíduos (anos, meses)	Função de origem/ Universidade
Marta	Coordenação/ Administração	53	6,6 m.	Eng ^a Química
Walter	Administração	45	6,6 m.	Advogado
Alicia	Oficina de Papéis	57	5,6 m.	Zeladora (Copa)
Maria	Oficina de Papéis	51	7 m.	Zeladora (Copa)
Taciana	Oficina de Reaproveitamento	54	5 a.	Bióloga
Silvia	Oficina de Reaproveitamento	50	2,6 m.	Aux. Laboratório
Antonio	Setor de Coleta	66	6 a.	Aux. Operacional
Zeção	Setor de Coleta	48	6 a.	Aux. Operacional
Joel	Setor de Coleta	59	6 a.	Tratorista
Jairo	Setor de Coleta	59	4 m.	Aux. Operacional
Clemente	Setor de Coleta	47	2 a.	Aux. Laboratório
Pedro	Separação Materiais (Segregação)	47	4 m.	Aux. Operacional
Luis *	Setor de Projetos	49	3,6 m.	Eng ^o Ambiental

* o único integrante contratado pela universidade na condição de prestação de serviços.

Quadro 1. Perfil dos Entrevistados PRORESÍDUOS/UEM

Minha primeira descoberta acerca da organização do grupo foi a questão relativa ao funcionamento com essas espécies de *divisões* interdependentes, mas separadas, mantendo certa autonomia de execução. Verifico que as pessoas se definem em termos da ocupação e das responsabilidades em torno do que fazem no seu dia-a-dia.

Diante dessa constituição internamente formalizada, me deparo com a dificuldade de estudá-los como uma ‘unidade’, dado o fato da formação e de como funcionam essas ‘pequenas células’ de atividades. Além de fisicamente separadas, as pessoas se organizam de acordo com a atividade pela qual se responsabilizam.

Aos poucos vou entendendo a importância deste fato, e da relação entre a pessoa e aquilo que executa. Uma vez que seus membros assumem e ‘coordenam’ as atividades específicas, estes já se tornaram ‘partes’ consolidadas pelo tipo de atividade, e vice-versa. Observei, dessa maneira, que cada um desses locais com as suas respectivas atividades, receberam ‘vida’ com as pessoas que ali se integraram.

Diante dessa constatação, minha programação de aproximação do grupo teve que ser ‘ajustada’ a essa realidade. Passei, então, a realizar um ‘esquema’ de observação alternada em cada uma das operações, porém, atenta aos demais locais, pessoas e aos acontecimentos gerados em torno do grupo, ou mesmo do programa.

No intuito de facilitar a descrição dessas operações, adotei a menção de ‘setor’ para cada ‘pequena célula’ de trabalho, algo que não está na constituição formal do programa, tampouco na origem do projeto. Segue a sistematização observada de como se organizam, se constituem e são constituídos os ‘setores’:

* Administração que representa os serviços de uma secretaria geral. Abriga todas as rotinas administrativas financeiras e jurídicas relativas às demandas de pedidos do programa. Possui uma coordenação geral, feita por Marta, vinda do Departamento de Química, com formação e atuação na área. Foi também ela quem idealizou a estrutura inicial do projeto e que o assume na liderança das atividades, bem como, para a representação formal do programa. Além de Marta, tem o apoio de Wagner, responsável pela elaboração e acompanhamento dos contratos em execução de serviços.

* Oficina de Produção de Papéis é o local onde se manipulam os papéis, as fibras de cana-de-açúcar, de banana, dentre outras, para a fabricação dos papéis reciclados. Envolve toda a produção artesanal de papéis na coordenação de Alicia, e conta com a ajuda de Maria (e estagiários de escolas técnicas, quando precisam).

* Oficina de Reaproveitamento é o espaço responsável pela criação e desenvolvimento dos materiais e produtos artesanais, a exemplo de pastas para eventos científicos, cartões comemorativos, embalagens, artefatos decorativos e para presentes, dentre outros. A matéria prima principal é o papel artesanal produzido na oficina de papéis. Fica sob a coordenação de Taciana com o apoio de Vanda (e voluntários extras da universidade, quando precisam).

* Setor de Coleta tem a responsabilidade de retirar e acondicionar os lixos comuns e os resíduos químicos. Funciona como um *sub-grupo* do maior, dada a especificidade do trabalho que se ocupam ‘viajando’ diariamente por toda a extensão do campo universitário. São responsáveis por esse trabalho de descarte: Joel, Antonio, Jairo, Zezão e Clemente.

* Separação (Segregação) de Materiais é o local destinado a receber somente os materiais recicláveis, a saber, papéis, papelões, plásticos, apostilas, separados pelos departamentos ou demais órgãos da universidade. É o espaço onde os materiais ficam acondicionados, separados e depois vendidos. Nessa espécie de *depósito* a atividade central de segregação dos materiais aproveitáveis é feita por Pedro.

* Setor de Projetos é que elabora e realiza trabalhos de orientação e assessoria externa em tratamento de resíduos para as prefeituras de Maringá e outras cidades da região. Uma área que responde pela criação e o planejamento de projetos ambientais para órgãos públicos, ou demais empresas do setor público que necessitam de um plano estratégico e medidas técnicas no tratamento de resíduos. Está na responsabilidade de Luis que possui uma estagiária de nível técnico para ajudá-lo.

Desde a origem e início oficial das operações, as instalações físicas do programa são precárias para o funcionamento de todas suas diversas atividades e etapas.

O atual local onde estão em operação (Anexo 1), embora se diga que também não é em caráter definitivo⁶, era ocupado por um departamento que foi transferido para um bloco novo. Este espaço ficou sem ‘uso’ imediato, aproveitado como espécie de depósito de arquivos, até o momento em que a coordenação negociou com a administração do campus, a ida do grupo para esse prédio.

Quanto à estrutura física (instalações), há um projeto de construção, ainda no *papel*, de uma sede própria que abrigaria a administração do programa e os setores operacionais, incluindo determinados processos necessários de tratamento, de segregação e reaproveitamento dos resíduos coletados. Estima-se que neste novo local seja possível realizar

⁶ Sediado no campus principal da UEM, já realizaram três mudanças de local, e desde 2010, estão em funcionamento no Bloco 115, próximo ao prédio da Reitoria.

todas as atividades que o programa se propõe a fazer, mas que ainda não o faz devido à falta de espaço físico, de pessoas e de estrutura adequada.

Enquanto isso não ocorre, os ‘setores’ se organizam de maneiras distintas, entre reformas e ajustes para adequação do local e o funcionamento das *salas* das oficinas, da administração e de descanso do pessoal da coleta. Porém, tudo é feito pela iniciativa da coordenação e com o envolvimento dos próprios participantes.

As fotos podem auxiliar na identificação dos ‘setores’, tornando mais fácil ‘visualizar’ e reconhecer a relação dada entre ‘objeto-pessoas’.



Fachada da entrada lateral



Fachada lateral



Fachada da entrada da administração



Logotipo-entrada

Ilustração 1 – Fachadas (entrada e lateral) do prédio do Programa Pró-Resíduos



Sala da administração



Entrada da administração

Ilustração 2 – Pró-Resíduos - Administração (secretaria geral)



Fachada da entrada da oficina



Grupo em atividade

Ilustração 3 – Pró-Resíduos – Oficina de Produção de Papéis



Fachada da entrada da oficina



Sala de trabalho

Ilustração 4 – Pró-Resíduos - Oficina de Reaproveitamento



Fachada da sala de descanso



Interior da sala de descanso

Ilustração 5 – Pró-Resíduos – Coleta de Lixo/Resíduos



Entrada do setor



Visão do Interior

Ilustração 6 – Pró-Resíduos - Separação (Segregação) de Materiais



Ilustração 7 – Pró-Resíduos - Setor de Projetos

É nesse cenário e com a permissão deles (Apêndice 1), que entro no cotidiano de cada integrante do grupo, nos locais em que trabalham, sem agenda prévia, alternando os contatos de observação em dias e horários diferentes.

Observo, aprendo como faz e também sou convidada a participar de algumas das atividades. Há momentos em que me incluem, explicam e me ensinam a fazer a atividade como se eu fosse ‘parte deles’. Estou ‘junto’ com eles e percebo as reações de satisfação quando estão reunidos em torno da tarefa e quando me elogiam pelo trabalho que fiz.

Essas interações me fazem lembrar de que toda ação de pesquisa é por si própria uma forma de intervenção e interação, em que se estabelece uma relação de interdependência simbólica no jogo relacional entre pesquisador e os atores sociais implicados no campo empírico. Demanda cuidados e procedimentos bem delineados que possam me conduzir nessa trajetória.

Retomando a questão do fazer científico e da adequação da metodologia científica para proteger o sujeito (pesquisador) de si próprio, Brandão (1987), assim como DaMatta (1978), relatam as dificuldades a serem vencidas em torno da etapa de averiguação que integra a atividade científica. Mencionam os autores que o ‘outro lado’ também é constituído por pessoas, sujeitos sociais, e estes pensam sentem e agem como o fazem, com semelhanças e diferentes entre si. Portanto, uma relação que é preciso refletir.

Mesmo ao admitir, por vezes, que são de origens diferentes do pesquisador (índios, negros, camponeses, migrantes/imigrantes, marginalizados, etc), é preciso refletir sobre as diferenças e semelhanças entre o pesquisador-pesquisado. “Uma relação antecedente de alteridade que se estabelece, e que, na maioria dos casos, é a própria condição de pesquisa” (BRANDÃO, 1987, p. 08).

Essa noção e reconhecimento teórico são para mim, na condição de aprendiz no processo de formação acadêmica para a pesquisa em ciências sociais, indispensáveis reflexões para a minha incursão no campo prático, e quanto à escolha dos procedimentos que vão compor a investigação.

A verificação da ‘subjetividade social’, aquela relativa ao sujeito e construída pela história pessoal, se faz na realidade vivida e é analisada a partir do conjunto de valores pessoais que expressam.

Conhecer e tornar-se conhecido, mostrar suas qualidades e limitações e aprender a admirar as do outro; descobrir o que se espera dele e deixar que ele descubra o que se pode esperar é sempre um processo delicado e, às vezes demorado, mas necessário ao estabelecimento de uma relação interpessoal mais ou menos duradoura e mutuamente produtiva (TOMANIK, 2004, p. 200).

Acredito como bem explicita o autor, de que o processo de inserção passa por momentos de familiarização de ambos os lados, e de que a proximidade gradual é facilitadora para se sentir a vivência cotidiana do grupo e na identificação de ‘pontos-chave’ que possa descrever o objeto de estudo.

Se considerar minha aproximação informal com o grupo e alguns de seus membros, em contatos espaçados desde meados de 2009 na convivência interna da universidade, e outros efetuados em 2010, entendo que essa fase de ‘iniciação’ já se misturou aos contatos formalizados em 2011, no sentido de que não sou desconhecida a eles, e nem eles a mim.

A atitude colaborativa e receptiva é algo notório desde os meus primeiros contatos com a coordenação do programa e os demais participantes, mesmo quando ainda me aproximo do grupo em contatos não-sistematizados, em meados de junho de 2010, para definir o estudo e proceder às questões de permissão formais e éticas da pesquisa.

A coordenação, quem autorizou inicialmente minha presença, à medida que me apresentava aos demais, reforçava com eles a iniciativa do estudo. Dizia ela: “*finalmente o grupo seria olhado como algo importante*”. O grupo se percebeu ‘escolhido’ como tema de um trabalho de mestrado, e isso foi manifestado por eles como sendo um ‘feito’ importante para o grupo e a atividade que desenvolvem para a universidade.

Se tornar um foco de estudo significou para eles um motivo e oportunidade de ‘ser lembrado’, ‘ser visto’ por suas práticas e pela relevância do que fazem para a comunidade universitária.⁷

No decorrer dessa experiência vou relatando, entendendo e explicando mais, como essa nova organização de pessoas cria seus recursos, internos e externos, materiais e pessoais, subjetivos e intersubjetivos, que marcam seus aproximados oito anos de existência.

Trago na sequência, alguns pontos de análise em relação à estrutura do grupo, de como iniciaram e se encontraram nas práticas, nos relacionamentos e de como seus membros se organizam no dia-a-dia, aspectos que vão contribuir na averiguação das formas identificatórias e simbólicas dessa convivência. Partindo da expectativa de constatar os fatos/fenômenos da maneira em que são percebidos por quem os vivencia, combinei o processo de observação diário nos locais onde ocorrem as atividades com o recurso inicial da entrevista individual.

⁷ Repensando agora, nesse momento da escrita, percebo de certa maneira ‘velado’ nos meus desejos o motivo de escolha do objeto de estudo, e de que ele tenha sido ‘intencionalmente’ o PRORESÍDUOS, ao reconhecer a falta de seriedade na condução da gestão (política e ambiental) em relação aos resíduos. Torná-los foco de pesquisa parece ter *unido os interesses*, pois há muito penso no descuido que existe nas relações da universidade, para não afirmar *descaso*, para com as pessoas de maneira em geral.

2.3 O PRINCÍPIO E A ORGANIZAÇÃO DO GRUPO PRORESÍDUOS

Vou começar a partir da constituição formal do programa Pró-Resíduos, mostrando os principais pontos de surgimento do grupo.

Como já adiantei, este material organizado é parte das anotações de campo feitas nos locais onde o grupo desenvolve suas atividades diárias. Para complementar alguns dados relativos à organização do programa, além dos depoimentos colhidos com os entrevistados. Também recorri às informações que constam divulgadas nos materiais do Pró-Resíduos.

O Pró-Resíduos/UEM surge de modo ‘oficial’, configurado em termos de seus objetivos de gerenciamento dos resíduos em final de 2003, por meio de uma portaria do gabinete da reitoria⁸. Em janeiro de 2004, após a regulamentação de funcionamento, aos poucos foi se organizando em torno de suas principais atividades.

Porém, pela falta dos recursos de ordem financeira, material e de pessoas, não havia como iniciar suas atividades. Nem mesmo possuíam instalações físicas para operacionalizar o trabalho proposto, motivos pelos quais a sua história de criação só ficou conhecida pela comunidade interna a partir de suas primeiras atividades, em 2005.

Ao iniciar suas operações, assumiu um caráter institucional em razão de seus propósitos de criação e do direcionamento ambiental. Com a responsabilidade socioambiental de lidar com todos os tipos de resíduos, desde o lixo comum aos materiais residuais dos laboratórios que, por sua natureza, precisam de tratamento e descarte especiais, o programa veio também para atender a legislação ambiental.

Ao que se constatou no tocante à abrangência do programa, a maior parte das responsabilidades ainda estão por se organizar, e diante dos poucos recursos e sem dotação orçamentária, ao PRORESÍDUOS coube operacionalizar algumas atividades mais emergenciais correspondentes aos *Resíduos Comuns* e os *Resíduos Químicos Agressivos Líquidos e Sólidos* (relativo às áreas I e VI descritas no programa geral).

Em um dos meus contatos no setor de administração, registrei a seguinte explicação para essa forma reduzida e operacional que caracteriza o seu funcionamento.

O Programa aqui é operacional mesmo. A coordenação fica nessa célula resolvendo todos os problemas mesmo [...] O modo de fazer o Programa não consegue levar a cabo o que se propõe. A rotina do dia-a-dia é de incêndios, tem o boicote velado, falta campanhas informativas à comunidade. Acham que o Programa está interferindo demais. Criou-se certas resistências na UEM em relação aos trabalhos do Programa (Walter).

⁸ Reitor Gilberto Cesar Pavanelli - Gestão julho 2002/ março 2006.

Inicialmente ao caracterizar as relações entre o programa e a universidade, fiz referências de algumas condições que o caracteriza em um espaço ‘às margens do sistema’. Uma percepção que começa a tomar *forma*, pois entre a condição de ‘ser ou não’ considerado fundamental pelo que faz⁹, há certa ‘distância’ que fica a cargo da conveniência política e de gestão interna da universidade.

Se usarmos como comparação os ‘padrões’ de funcionamento relativo à estrutura de pessoas e de recursos financeiros dos demais órgãos existentes na universidade, vamos encontrar mais contradições que cercam a vida do grupo, como por exemplo, a questão da implantação do *Plano de Descarte dos Resíduos Perigosos* gerados na UEM. Consta no procedimento de trabalho que o grupo deverá seguir os seguintes objetivos principais (transcrito do website):

- a) determinar a roteirização e nortear a coleta seletiva e comercialização dos resíduos comuns gerados na UEM;
- b) caracterizar os resíduos perigosos (passivo e o ativo) da Universidade;
- c) estabelecer, dentro dos resíduos perigosos de geração contínua, as principais correntes (químicos, biológicos e radioativos). Essa identificação permitirá, no futuro, trabalhar sobre a discriminação dos resíduos na fonte geradora, e ao mesmo tempo facilitar eventuais processos locais de passivação e disposição final desses resíduos.

Fazer inventários, cadastramentos de áreas poluentes, e ‘*desenvolver tecnologia para passivação, reaproveitamento e descarte final de maneira ecologicamente sadia*’, conforme divulgado (Informativo 765-UEM, 2007), são ações dependentes de maiores diretrizes e recursos. Como seguir e tornar concreto esses passos previamente determinados sem que haja uma estrutura mínima para realizá-los? Uma ‘saída de emergência’ foi apontada no citado material de divulgação: “[...] A expectativa é que a comunidade acadêmica se engaje na luta pela preservação ambiental, porque sozinho o Programa não tem capacidade para promover as mudanças.”

São fatos diante dos quais, não se pode dizer foi uma ação *voluntária* do grupo escolher aquelas duas áreas de atividades, ou de permanecer limitado aos trabalhos mais operacionais atendendo mais as demandas dos lixos e resíduos da universidade. São apreensões importantes, mas não respondem às indagações iniciais sobre as formas identificatórias e simbólicas dessa convivência.

⁹ Constatei no material de apresentação oficial da Universidade, histórico e perfil, ambos disponíveis em [www.uem.br], não constam referências sobre o programa. Por iniciativa do grupo, criou-se um *link* na página para acesso aos dados e informações específicos das atividades desenvolvidas por ele.

Portanto, vou continuar a busca de maiores dados acerca da realidade do PRORESÍDUOS, a partir das histórias em torno da origem do grupo, lembradas e relatadas por meio das entrevistas realizadas com os integrantes.

Concretamente o programa nasceu, passou a existir e se organizou, a partir de uma proposta idealizada por sua Coordenadora ao retornar de seu doutorado, no qual realizou uma pesquisa experimental de avaliação de resíduos orgânicos.¹⁰

Em suas palavras:

Algo intempestivo mesmo... uma ideia que me ocorreu quando voltei para UEM carregando um conhecimento de grandes universidades. Fui prá universidades grandes, UNESP, UNICAMP, fiz o projeto voltado para UEM, apresentei para o Reitor [...] Montei um programa de gerenciamento de resíduos; comecei com uma portaria e uma cadeira [...]. Meu papel – além de ser minha tese de doutorado a ser implantado na UEM, tento coordenar as atividades e trazer dividendos para o programa, os recursos prá ele, equipamentos etc, aumentar os projetos externos e ajudar a criar um Fórum na Semana do Meio Ambiente. Na UEL, UEPG não tem nada disso, somos pioneiros nesse trabalho de gerenciar resíduos (Marta).

Aos poucos, e por necessidade de seu funcionamento, outras pessoas se incorporaram ao projeto dando certa estrutura ao grupo. A ‘administração’, feita por um advogado¹¹, foi quem no início organizou juridicamente o programa.

O responsável relata e relembra o período de constituição do programa:

A Marta fez doutorado nessa área e teve a ideia do programa, em 2003. Ela veio com o projeto pronto. Sua pesquisa de gerenciamento de resíduos veio com a idéia de implantar esse projeto, pois já havia trabalhado em laboratório de agronomia, depois de química. Tinha uma angústia que o pessoal não tinha critérios para tratar os resíduos. Esse passivo todo ficou acumulado na UEM com a saída dos pesquisadores dessas áreas. Antes existia o Projere, era de um grupo só científico. Só dava assessoria para os pesquisadores, mas não conseguiu cumprir com os objetivos de gerenciar esses resíduos. Ela então veio com a ideia e experiência de universidades paulistas. Aproveitando a legislação mais intensa, apresentou o projeto para reitoria, passou pela auditoria. A UEM já estava com notificação do ministério público nessa questão. A administração avaliou que o programa não poderia ficar lotado em um departamento específico. O papel do programa é multidisciplinar e foi implantado pela Reitoria, ficou institucional. Meu papel aqui é assumir toda a parte da administração e a parte da legislação ambiental - dos contratos, a parte burocrática e parte legal (Walter, Administração).

Ou ainda, conforme relembra Luis, integrante do programa no Setor de Projetos há três anos e meio, que reproduz e mantém viva essa história de criação do Pró-Resíduos. “[...] Não

¹⁰ Título da Tese: “Avaliação da potencialidade de diferentes resíduos como fonte de macronutrientes na cultura do milho (Zea mays L.)”. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Química. 1998.

¹¹ Pós-graduado em Direito Ambiental. Responsável pela retaguarda para todas as questões e implicações da legislação ambiental aos projetos de assessoria para a gestão de resíduos hídricos e sólidos.

estava aqui quando começou. A Marta veio do doutorado e teve ideia de abrir um projeto. Deram uma portaria e ‘boa sorte’ para trabalhar com resíduos. Depois veio a Oficina de Papéis, depois de Reaproveitamento [...]”.

A existência do forte vínculo do programa associada à imagem de Marta, e em sua iniciativa de propor uma ideia e de executá-la, é um fato que se destaca nessa trajetória do programa.

Uma trajetória de duplo vínculo, pois há por parte dela um investimento do seu conhecimento pessoal e técnico, que foi se ‘materializando’ e, de forma gradativa, tornou-se uma criação original e afetiva dela, para ela, e para quem foi se incorporando, se envolvendo e desenvolvendo a ideia em torno da gestão de resíduos.

Com a intenção de criar um trabalho de gerenciamento dos resíduos, o esforço de início solitário, era de início visto com certa ‘reserva’ pela comunidade universitária, como ela mesma afirma: “[...] *o programa era visto como algo que a ‘Marta’ inventou, mas a ideia era ter um grupo técnico não político. Um grupo treinado pra fins específicos, não pra reitoria ‘colocar pessoas’.*”

Mas, a força da ideia e o momento em que a oportunizou, em razão da preocupação ambiental e das legislações ambientais, fez com que a proposta do programa fosse encampada em caráter institucional.

[...] Ouvia falar que o Pró-Resíduos vinha numa hora certa na UEM e que a Marta acertou em cheio nessa ideia de cuidar dos resíduos (Silvia, Oficina de Reaproveitamento).

Com o intuito de um conhecimento pessoal, num breve levantamento que fiz a respeito da questão dos resíduos, percebi que o tema aponta alta complexidade envolvendo o discurso econômico, ambiental, ecológico, ideológico e político.

Analisando a interface entre a questão do lixo e a educação ambiental, Layrargues (2002) observa em seu trabalho que há uma excessiva predominância da discussão de importância, sim, voltada aos aspectos técnicos, psicológicos e comportamentais da gestão do lixo, em detrimento de seus aspectos políticos.¹²

Segundo esse pesquisador, quando se fala em ‘reciclagem do lixo’ resolve-se apenas uma diminuta fração do problema. Nessa ótica e vivência com os problemas técnicos e sociais

¹² Philippe Pomier Layrargues, pesquisador da UnB (Laboratório de Investigações em Educação, Ambiente e Sociedade-LIEAS), em *O Cinismo da Reciclagem* aponta que a discussão se desloca para o eixo da formação da e a questão do lixo nas suas variadas facetas, mas, ainda não se tornou objeto de demanda social específica pela criação de políticas públicas.

recorrentes, ele ressalta a gravidade do descuido político (e das políticas públicas), e da falta de ações amplas e abrangentes sobre a produção do lixo/resíduos.

Sob um olhar de quem conhece, o autor nos sinaliza que a questão dos resíduos, em sua origem, precisa muito mais de uma gestão que se inicie efetivamente pelas soluções técnicas, e caminhe para as ações de cunho pedagógico abrangendo as práticas educativas.

Compreendemos, então, diante da amplitude do tema, a preocupação de Layrargues ao apontar a necessidade de haver muito mais do que um discurso ecológico ou uma organização de coleta seletiva.

No decorrer desta pesquisa deparei com fatos que também me fizeram refletir sobre essa ausência de uma matriz metodológica para solução da produção dos resíduos internos da UEM, algo que não está claro no conjunto das políticas administrativas da universidade. Pensando também no período de existência do programa, isso reflete no problema técnico e social recorrente em sua não gestão ambiental e dos resíduos para a instituição.

Aos poucos, no conjunto das análises, vamos averiguando e completando essa história.

2.3.1 O Setor da Coleta

Seguindo com os relatos sobre a formação do PRORESÍDUOS, logo no início das operações em 2005 chegaram os primeiros integrantes responsáveis pela Coleta de Lixo, atualmente um pequeno grupo composto pelo tratorista Joel e quatro coletores – Antonio, Jairo, Zezão e Clemente.

Descrevo a história narrada por um dos mais antigos coletores deste grupo:

A Marta convidou para ajudar aqui. No caso nosso, aqui é recolher o lixo comum, reciclados, resíduos químicos. Antes de vir pra cá também já coletavam o lixo, era no DSM, (refere-se à Diretoria de Serviços e Manutenção). Na época era latão aberto, colocava numa carreta e levavam pra queimar lá em baixo, jogava tudo no buracão. Foi reclamado de muita fumaça, poluição e cheiro ruim e mudou para ensacar o lixo. [...] Hoje já pegam os sacos já está separado, provas, livros velhos para reciclar. Os lixo comum a gente retira, não mexe, vão pros containers para o lixeiro pegar. Os reciclado tem um depósito, perto da marcenaria, nós leva pra lá pra separar. Os lixo químico, quando tem, vai pra outro depósito aqui perto pra separar. Antigamente no DSM era que cuidava dessa parte dos lixos, depois veio o Pró-Resíduo com a Marta. Ela não tinha prática desse serviço e nós tinha a prática. Ao invés de pegar gente de fora, pegou nós que tinha experiência. Ela não tinha experiência, foi uma troca (Antonio).

Além de Antonio, trabalhando desde o início das operações, também estão Zezão e Joel, cujas atividades anteriores sempre foram ligadas aos serviços gerais, desde que iniciaram na UEM, na Diretoria de Serviços e Manutenção (DSM), junto à Prefeitura do Campus.

Zezão relata que já completou vinte e nove anos de serviço na universidade e que ‘já fez de tudo’. No começo cuidava da horta do CAP (Colégio de Aplicação Pedagógica/UEM): – “*plantava verdura, passava veneno, colhia*”, conforme ele explica. Depois, transferido para a Diretoria de Serviços e Manutenção – DSM, de início se ocupava mais com trabalhos de serviços gerais. Recordou que “[...] *lá fazia um pouco de tudo... servente pedreiro, mudanças internas, carregava, descarregava*”. Quanto à Coleta de Lixo, relembra como foi seu início:

Depois comecei catando papelzinho com espeto (explica que é um trabalho feito por uma pessoa que circula a pé, por todo o campus, recolhendo os lixos espalhados). Hoje é o ‘fulano’ que faz isso. Andava com balainho, ensacava tudo e colocava no ponto que as zeladoras coloca no lixo prá ser recolhido. Comecei na parte de recolher o lixo da UEM com Antonio, Joel e outro que já aposentou. A turma não respeita, joga as coisas pelo chão, não nos lixos (Zezão).

O grupo da coleta tem uma longa trajetória de vida de trabalho na universidade, o que justifica as idades avançadas e a proximidade do período de aposentadoria de quase todos eles.

O mesmo acontece com Jairo que está efetivo na coleta há apenas quatro meses. É tratado de o ‘novato’ entre eles apenas por ser o mais novo integrante do grupo. Ele mesmo recorda sobre sua história de trabalho na universidade:

Trabalhava em outro setor na fábrica de blocos (Fábrica de Artefatos e Cimento), mexia com alambrados e telas desse tipo que usa prá cercar. Aí convidaram eu prá tirar férias de uma pessoa, fiquei uns tempos. Daí convidaram prá ficar aqui com eles. Na UEM já tenho trinta e dois anos no total. [...] Gosto do trabalho aqui, não tem tempo ruim. Lá eu mexia com óleo, graxa, cimento, muita sujeira. Eu queria mesmo mudar de setor [...] Sempre convidaram eu pra vir pra cá. Quando o Clemente ia tirar férias no ano passado resolvi vir e ninguém barrou (Jairo).

Com Joel, parte desse movimento se repete trazendo algumas mudanças pessoais desde que entrou na universidade. Mostrando sempre uma admirável animação, inicia a entrevista dizendo: “*Na UEM estou há trinta e dois anos. A única coisa que sei é que chamaram os três lá do DCM prá vir prá cá.*” (refere-se a si, ao Antonio e outro funcionário já aposentado).

É ele quem ‘leva’ o trator e conta esse fato com muito orgulho: “[...] *Fiz um concurso de ajudante geral. Depois fiz outro concurso prá tratorista. Tenho minha função de tratorista.*”

Em relação ao seu experiente tempo de serviço na universidade, relata: “[...] *Eu trabalhava com a roçadeira aqui dentro da UEM. Hoje é outro quem eu ensinei prá ficar no lugar. Eu atendia a roçadeira e os carreto, puxando lixo [...]*”.

Em todos os momentos de encontro meu com este grupo, e durante as observações de campo, Joel mostrava muita disposição e bom humor, me recebendo da mesma maneira, calorosa e afetuosamente – “*Oi menina!*” dizia ele, quando me encontrava. Por vezes, numa demonstração de que ‘sou bem vinda’, me abraçava e, nos casuais encontros pelo campus, mesmo de longe, fazia questão de corresponder aos meus acenos de cumprimentos.

Clemente, outro integrante, já com dois anos no Setor da Coleta, relata a história de contato inicial com o programa quando passou a fazer algumas horas extras na oficina de papéis (um recurso interno permitido, mas nos limites dos aspectos legais). Lembrou das diferentes atividades que fazia: “*Cortava, lavava fibras, colocava prá cozinhar e ajudava nos cursos. Depois o pessoal foi precisando, comecei a ir no lixo também.*”

Quanto ao seu ingresso na UEM, explica que fez concurso para auxiliar de laboratório e iniciou em 1988. Ficou no Nupélia¹³ por dezoito anos, se ocupando da sistemática e identificação de peixes, preparação para análise de estruturas (vísceras, partes externas, etc), além das demais atividades de auxílio laboratorial.

Passou também pelo Departamento de Farmácia, na função de auxiliar de laboratório, de onde saiu para assumir definitivo o trabalho junto ao grupo da Coleta. “[...] *Passei a ajudar na parte do lixo... é crítico. É absurdo isso aqui. Com essa necessidade passei a contribuir mais aqui do que lá com a Alicia (refere-se ao trabalho no setor de papéis artesanais). Eu que abri essa oportunidade aqui. Saí da Farmácia.*”, explica Clemente.

Expressou igualmente aos demais, o vínculo que reforça a imagem criada em torno de Marta e o nascimento do programa:

Sem a Marta não teria uma pessoa prá olhar para todos os setores. Não é só o lixo. Tem os resíduos químicos, o material reciclado. Tudo que a UEM tem, gera resíduo. Mal sabem como os laboratórios que geram muitos resíduos e ninguém dá finalidade prá aquilo tudo. [...] É coisa incrível (Clemente, Setor de Coleta).

Na forma com que Clemente conta as histórias e trajetórias de trabalho, e mesmo em relação à atividade atual, observei argumentos mais elaborados; ele possui uma atitude reflexiva sobre as condições de trabalho, relaciona os fatos e os momentos, seu e do grupo, com a clareza de quem percebe a influência da dinâmica das relações da universidade sobre as pessoas.

¹³ Núcleo de Pesquisas em Limnologia, Ictiologia e Aquicultura/UEM.

A experiência que obteve junto à Oficina de Papéis, que o aproximou do grupo, também o ajudou a conhecer um pouco mais das dificuldades do programa que vão além daquelas que passou a viver com a Coleta.

2.3.2 As Oficinas

A atividade de produção de papéis artesanais traz uma realidade própria e aconteceu quase ‘ao acaso’, se posso assim considerar, conhecendo a história de sua criação:

Quando eu cheguei estava o Walter e a Marta. Tava afastada quarenta e cinco dias com desvio vértebra (explica a queda ocorrida no departamento, em seu local de trabalho, deslocando a coluna). A Coordenadora foi ao PRH pedir gente para trabalhar no programa e fui indicada. (explica que a Pró-Reitoria de Recursos Humanos fez sua transferência). A Marta explicou sobre o programa e que precisava de gente para atender telefone e levar documentos. Comecei no bloco 118, depois fui para o galpão lá em baixo (explica que ficava perto do bloco G34). Fui requisitada prá auxiliar num curso de reciclagem de papéis para crianças, lá no CAIC. Essa oficina de papel me despertou prá trabalhar com reaproveitamento de papel. Voltei e disse para a Marta - já sei o que quero fazer no Programa [...] (Alicia, Oficina de Papéis).

Quando Alicia relata sua história de descoberta de uma nova atividade, que se tornou efetiva para o programa, há um brilho importante no que diz e como diz. O contato que ela teve com as crianças do CAIC - Centro de Atenção Integral à Criança da UEM, atualmente Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP), auxiliando na realização de um curso para os alunos de reciclagem com papéis, foi algo que na época representou para ela um feliz encontro. Nessa época, por questões médicas, não podia retornar ao serviço de zeladoria na Copa, seu setor de origem.

Ela relembra toda essa vivência de ‘descobrir’ e de se envolver com o novo trabalho; o quanto investiu de si para aprender a confeccionar papéis artesanais, usando fibras de cana, restos de papéis. Em suas palavras,

Conheci o trabalho de cartões com fibras, feito por um chileno que cultivei a amizade com ele. Conseguiram um curso com ele na minha casa. Pagaram prá ele ensinar eu e mais dois do grupo (explica que o recurso veio do programa). Aprendeu, mas ainda não era muito bom, o papel quebradiço. Ernesto (o chileno com quem aprendeu a técnica) foi convidado de novo prá um curso na UEM. Mas o papel ainda não era bom de qualidade. No dia que ele voltou ao Chile, na ida para o aeroporto, me deu as dicas como melhorar a produção (Alicia).

Conta detalhes das dificuldades de fazer desse aproveitamento um produto de boa qualidade. Insistindo sempre, Alicia não parou suas tentativas de aprimorar o que fazia, até chegar ao ponto de poder produzir e ensinar como se faz o papel artesanal.

A Oficina produz cerca de cem folhas/dia, mas já alcançou uma produção de até quatrocentas folhas/dia nos picos de pedidos. Além dessa matéria prima, continuamente, preparam os lápis cobrindo-os com tiras cortadas coloridas, reaproveitamentos das sobras do papel artesanal.

Na prática de educação ambiental, é Alicia quem recebe os estudantes para ensinar o processo de fabricação e dá cursos em outras universidades ou escolas, quando convidada. Portanto, o ‘seu’ produto alcançou uma qualidade tão satisfatória, que outros municípios do Paraná a convidam para repassar as técnicas de produção artesanal de papéis. E ela o faz, com muita seriedade e mostra competência no seu trabalho.

Quase na mesma época, até um pouco motivada pela oficina de produção de papéis, foi incorporada outra atividade com a vinda de Taciana para o grupo, um setor só para confecção de produtos a partir dos materiais de origem reciclada.

Criou-se, então, a ‘Oficina de Reaproveitamento’. A maioria dos produtos confeccionados nela usa os papéis artesanais produzidos pela ‘Oficina de Papéis’, como a exemplo das agendas e diversos modelos de pastas para eventos científicos, congressos internos da UEM, ou outros realizados pela região. São essas peças criadas por Taciana que representam o ‘carro-chefe’ dos trabalhos dessa oficina.

Esta é outra história que, como as demais, tem dimensões únicas. Taciana chegou ao Pró-Resíduos um ano depois do começo das operações, mas, já faz quase trinta anos que trabalha na universidade: “*Conheço Marta há muito anos, tenho quase o mesmo tempo de UEM, eu e ela [...]*, e continua explicando:

O Programa é um sonho da Marta. Eu pedi prá vir pra cá – deixa eu pegar um pedacinho do seu sonho e montar um sonho meu? Esse também era meu sonho. Consegui vir prá cá desenvolver a atividade que gosto. Dou aula pro pessoal da UNATI (Universidade Aberta da Terceira Idade) às terças-feiras (Taciana).

Conta que trabalhou como Bióloga¹⁴ no departamento de Biologia, mas antes de vir para o grupo passou pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Análises Clínicas (Lepac). Começou a se interessar pela questão dos resíduos, daí uniu o seu interesse em vir para o grupo, com o pedido de transferência já solicitado pelo departamento, efetivado pela área de recursos humanos.

Relata como foi o começo da atividade e de como nasceu essa oficina de produtos.

¹⁴ Fez especialização em Morfofisiologia e Meio Ambiente.

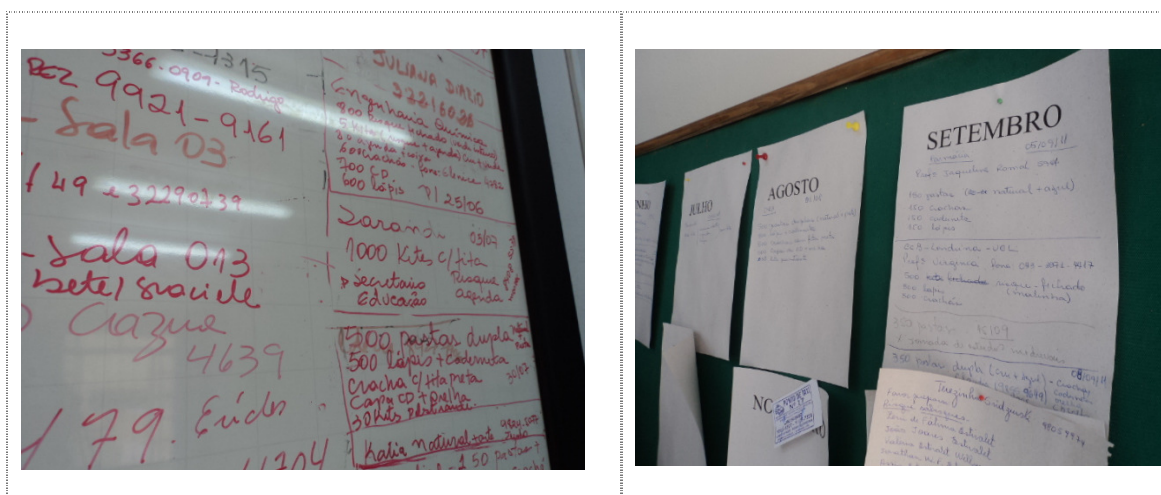
O Programa era com foco no resíduo e não pensava no reaproveitamento direto [...] A oficina de papel veio antes Eu chamava de papel podre. Ela (Alicia) aprendeu, pesquisou prá fazer como faz hoje. Foi com o papel podre dela que comecei. Foi um cartão de Natal com o desenho da catedral e as avenidas de Maringá. O Convention Bureau (associação de promoção ao turismo) veio pedir o cartão prá o Brasil todo, foi extremamente trabalhoso, bem artesanal. Foi o começo (Taciana, Oficina de Reaproveitamento)

Em seu depoimento, na medida em que relembra dos seus ‘feitos’, mostrava sempre muito orgulho, tanto por ter iniciado a atividade, quanto pelo trabalho que hoje realiza. Ao relatar sua história, exhibe algumas peças produzidas contando das ideias que deu e que foram aprovadas, todas elas confeccionadas com materiais reaproveitados.

Mostra a quantidade de pedidos, feitos e a fazer – “*Estou fazendo um pedido de mais de quatrocentas peças para um evento internacional na UEM, mas já tem outros pedidos de mil pastas. Tenho que dar conta*”, explica Taciana.

É assim o tempo todo. Ela não para nem durante as conversas; vai confeccionando as pastas e, simultaneamente, contando suas histórias.

As ‘ordens’ de serviço são feitas manuscritas (Ilustração 8). Os pedidos que chegam são registrados, em sua maioria, por Marta. São anotações precárias no quadro branco, ou em folhas/bilhetes que vão sendo pendurados, listando as quantidades de peças que precisam fazer, e os dias das entregas.



Legenda:

800 risque fechado, 5kits risque+agenda, 80 agendas, 600 crachás, 700 porta cd+ 600 lápis – Engenharia Química (25/06)

1000 kits de ‘risque e agenda’- Secretaria da Educação Sarandi (05/07);

500 pastas duplas, 500 lápis + cadernetas. Crachás com fitas pretas e 30 kits para palestrantes (30/07);

150 pastas, + crachás azuis e 9 kits para palestrantes (setembro);

50 pastas duplas (30/06)

Nota: elaborada pela pesquisadora, conforme os dados anotados no quadro e na ordem em que aparecem.

Ilustração 8 – Setor de Reaproveitamento - Agenda de Pedidos

Existe o interesse e a aceitação por parte da comunidade nas encomendas dessas peças artesanais, e a prova disso são os pedidos que não param de chegar. Para tudo tem que haver uma solução vinda deles e entre eles.

A falta de verbas, outro problema com o qual lidam, às vezes tem que ser superada com trocas de produtos com o solicitante – materiais do tipo cola, barbante, folhas de papel sulfite recicladas, que são necessárias e podem ser aproveitadas em outros trabalhos.

São aspectos que trazem preocupações constantes e ficam agastados com isso. Algo que também deixa Taciana de ‘mau-humor’ são as pressões em razão dos prazos e muito material para confeccionar. Em função do acúmulo de solicitações e da falta de estrutura para realizá-las, este setor também conta com os funcionários extras de outros departamentos após o expediente; dependendo do tempo para a entrega dos materiais, chegam a reunir dez a doze pessoas na oficina por vários dias (ou até aos sábados).

Também é possível perceber o ‘tamanho’ do compromisso e comprometimento de Taciana na oficina. Dedicada e muito envolvida, ela mesma resume o seu perfil e descreve seu ‘jeito de ser’:

Eu sou muito chata, chego à perfeição, as meninas vem ajudar, mas eu faço um crivo grande. Um trabalho mal feito no meio dos outros não se sabe na mão de quem vai cair. Por exemplo. Prá um evento um agricultor precisa um tipo de bloco, não pasta. Eu dou a sugestão. Tudo é feito sob medida, de acordo com o que vai precisar. O padrão é importante, não pode ter diferenças (explica sobre as diferenças de cores ou de textura dos papéis artesanais que ela recebe). Eu já aviso a pessoa que talvez não saia com esse padrão final (Taciana, Setor de Reaproveitamento).

Em um dos contatos, cheguei a presenciar a irritação dela motivada por materiais que foram feitos, mas, segundo ela, as peças não apresentavam um bom acabamento; enquanto fazia o trabalho, mostrava para mim a variedade de tons e espessura dos papéis que está usando numa capa de agenda indicando que não tem um padrão.

Taciana explica: “*Quando a gente recebe uma encomenda a pessoa passa o que quer, é um sonho dela [...] O padrão é importante, não pode ter diferenças*”. Comenta que os setores (ela chama de vertentes) há uma interdependência. “[...] *Prá fazer esse material, eu não tenho como fazer se não receber as folhas. Fazemos questão dessa interdependência. É uma célula muito pequena. Aqui somos todos técnicos.*”

Assim sendo, sua alta exigência e a pouca tolerância faz com que nem sempre exista uma harmonia no trato dela para com as outras pessoas do grupo.

2.3.3 O Setor de Projetos

Quanto ao ‘Setor de Projetos’, integrado ao grupo mais recente, está sob a coordenação de Luis¹⁵, formado em engenharia ambiental e com ampla vivência na área.

Esta área veio em atendimento a uma demanda de assessoria à comunidade externa e interna nas questões ambientais. Ao mesmo tempo, foi necessária essa organização para viabilizar economicamente o programa, pois são os projetos realizados para as prefeituras ou órgãos públicos (locais e da região) que fazem a captação do dinheiro para a manutenção e execução das demais atividades que desenvolvem.

Em setembro de 2007 eu era sócio em uma escola técnica de resíduos. Conheci a Marta e acertei alguns detalhes para trabalhar aqui. Criei uma área de projetos que atende mais de cento e oito municípios, [...]. Recebo ajuda do trabalho da química (do laboratório), geografia (em análise projetos, mapas de campo). O elo que tem é para fora, é da minha responsabilidade, praticamente 97% dos contatos vieram através de mim, do trabalho que fazia desde o IAP (Instituto Ambiental do Paraná). Tenho vínculos, ‘entradas’, que outros não têm (Luis).

Como bem justificou Walter, “[...] *tem muito a ser feito, a ser trabalhado. Cada vez mais o Programa está assumindo coisas e precisa ter mais estrutura para gerenciar tudo isso.*”, e isso inclui os recursos financeiros.

Foi o encontro dessa oportunidade de criar projetos de assessoria para as prefeituras e empresas públicas, voltados à gestão de resíduos hídricos e sólidos, que consolidou o setor de projetos e, também, a captação de recursos. Segundo relatou Marta, – “*O Luis caiu do céu. Aposentado pelo IAP começou a fazer projetos pra captação de dinheiro em prefeituras da região. Agora ele está em fase de credenciamento na UEM [...]*” (refere-se ao vínculo como prestador de serviços).

Aproveitando a larga experiência de campo de Luis em gestão ambiental, bem como, de seu conhecimento com órgãos públicos e entidades ligadas à área ambiental, os projetos conquistaram rapidamente um ‘espaço’ junto à comunidade externa trazendo, além dos recursos financeiros, um destaque pelos trabalhos realizados. Uma relação que aumentou muito a projeção do PRORESÍDUOS para fora dos ‘muros’ da universidade, como

¹⁵ Desenvolve as atividades como gestor ambiental e geógrafo. Profissional de larga experiência nesse campo, aposentado pelo IAP (Instituto Ambiental do Paraná), administra este setor que se tornou a principal e maior base de captação de recursos financeiros para o programa. A Coordenação informou que a captação via projetos externo, em prefeituras da região, foi na ordem de R\$ 800 mil em 2009, e de R\$ 1.200 mil em 2010.

oportunamente será demonstrada pelos depoimentos deles.

2.3.4 A Separação de Materiais

A unidade de segregação de materiais, veio por último, é onde se faz a seleção de reciclados. Está instalada em local fisicamente distante do prédio da administração e das oficinas.

Este setor que batizei como ‘Separação de Materiais’ foi ‘improvisado’, e está funcionando num espaço já existente, próximo aos barracões de consertos gerais da universidade.

No local, muito parecido com um depósito, trabalha apenas uma pessoa, o ‘Reciclador’, que se ocupa do recebimento dos materiais reciclados coletados e trazidos para este local. Paulo foi incorporado ao programa em meados de novembro de 2010, conforme ele mesmo relata essa história de chegada ao grupo:

Eu não sei como começou o programa. Vi eles fazendo a viagem deles (refere-se ao grupo da coleta) carregando papel, prá lá e prá cá. Quando cheguei peguei tudo pronto e em andamento. Vi eles trabalhando por aí (refere-se à coleta), mas não me interessei em saber [...] eu não sei o que fazem no programa. Trazem o papel aqui e eu reciclo (Pedro, Separação de Materiais).

Esta atividade passou a ser pensada depois da realização de um programa de treinamento e conscientização para o pessoal interno da universidade, momento em que se estabeleceu certa condição de ‘multiplicadores’ de pequenas equipes de funcionários de diferentes departamentos da universidade¹⁶.

Embora a separação e descarte de resíduos aproveitáveis ainda não tenha grande escala – ao menos não se percebe essa intenção por todos os usuários da instituição –, esse movimento estimulou internamente algumas pessoas a selecionarem parte do descarte de materiais em seus locais de trabalho. Com essa iniciativa, o programa teve que se organizar para ‘dar conta’ de mais essa atividade.

Ao se olhar o local e as condições dele, a impressão que passa é de que a ideia foi uma ação isolada e pontual, portanto, não articulada com o programa, ou com a gama de tarefas

¹⁶ O projeto piloto feito com alguns dos setores do campus universitário foi realizado em 2009 por um grupo de estagiários do 5º ano (Formação de Psicólogos) de Psicologia do Trabalho. Treinaram-se multiplicadores do Pró-Resíduos - funcionários que fazem a ligação entre seu setor e o programa -, para atuar como coordenadores na separação e descarte de resíduos sólidos e líquidos no setor de origem. Na continuidade, em 2010, o treinamento foi realizado com a equipe de Zeladoria, também com o auxílio de estagiários do 5º ano Psicologia.

descritas no conjunto geral das atividades do Pró-Resíduos. Mas, em função de ser sua tarefa ter um plano de descarte dos resíduos gerados na universidade, essa demanda dos resíduos sólidos descartados, ainda em pouca escala, fez com o programa apresentasse uma solução, mesmo que de maneira ‘improvisada’.

Como esse histórico não chegou ao conhecimento de Pedro, os quatro meses de atividade já vividos nesse espaço, faz com que ele tenha impressões pessoais também de forma isolada e pontual a respeito da atividade, bem como, do programa que ele diz desconhecer.

No escopo interacional e das identificações, observaremos os efeitos dessa realidade sobre sua vivência e experiência, como de fato se constatou no decorrer das análises, e oportunamente vou discutir.

A Coordenadora do programa visivelmente se esforça em manter todas as frentes de trabalho em funcionamento, uma tarefa exaustiva em razão da realidade do grupo, tanto por sua precária estrutura física, quanto pela escassez de recursos disponíveis para desenvolvê-lo, principalmente em termos de pessoas. Em suas palavras: *“Dificuldades existem, de trabalhar e montar a estrutura do programa, de trabalhar com pessoas, algumas até com dificuldade de relacionamento”* (Marta).

Ela se refere à falta de assistência em todos os sentidos, incluindo as questões de relacionamento entre pessoas que possuem histórias diferentes e que se encontram juntos por motivos diversos. Homens e mulheres reunidos meio ao acaso, parte deles, próximos a se aposentar e deixar a universidade. Diante da dificuldade de formar um quadro funcional para o programa, cada um que se desliga deixa um ‘lugar’ vazio até que se disponha de outro funcionário em transferência (embora alguns falem que não vão se *separar* da atividade que criaram para o programa).

No geral, todos se veem envolvidos em dificuldades operacionais de manutenção das atividades, como explica Walter, que possui maior conhecimento da administração do programa:

[...] Como bem se sabe, uma instituição pública não tem de onde tirar verbas. Tudo já está programado. [...] Cobra-se o custo operacional, não lucratividade. Aqui não se visa a questão comercial, ou concorrer com o mercado privado. Não somos uma empresa, representa um programa da UEM.

Portanto, os depoimentos iniciais nos ajudam a pensar as bases específicas de criação, desenvolvimento e de funcionamento do programa – uma portaria, escassez de recursos materiais e de pessoas, e uma alta dose de boa vontade são os ingredientes que se apresentam

na constituição do grupo.

Essa é a atual configuração do PRORESÍDUOS, cuja organização de pessoas e operações lhes dá as características e a 'forma' distintas dos demais grupos funcionais estruturados e que compõem o universo de atividades da universidade.

É nesse cenário que me insiro. Está apenas começando uma jornada de investigação e de produção de conhecimento que marcará uma estreita relação entre o pesquisador e o grupo pesquisado.

2.4 A CONDUÇÃO DA PESQUISA

É sempre um desafio a busca de maiores aproximações entre as diversas interpretações sobre o mesmo fenômeno estudado entre diferentes campos de estudos.

A procura da constituição das relações simbólicas como força integradora ao meio social traz a hipótese de que as experiências dos sujeitos psicológicos e sociológicos podem ser compreendidas no contexto em que foram vivenciadas. Tem a premissa de que os fenômenos sociais são construídos nas relações - entre indivíduos que agregam significados aos de outros indivíduos.

Com vistas a esse complexo universo justifica-se, primeiramente, a construção do campo teórico de análise a partir do diálogo entre a antropologia, psicologia social e a sociologia, conforme sugere o alcance do tema e a construção de um pensamento multidisciplinar.

Na prática e nessa via de reflexão interpretativa, é importante estar ciente de que as incertezas e as ambiguidades fazem parte dessa construção. As análises das relações acontecem em um contexto particular, onde há um esforço de se entender o outro (diferente), e diante da impossibilidade de acesso pleno ao significado por aquele que não é membro daquela cultura.

Reconhece-se, todavia, que as interações simbólicas¹⁷ oferecem um rico material para a compreensão do comportamento coletivo na medida em que a percepção do mundo social acontece como um fenômeno intersubjetivo. Dessa maneira, só se consegue apreender os *sentidos* (subjetivo) e significados (intersubjetivo) das ações sociais da maneira como elas se dão, cotidianamente – como as pessoas vivem e se organizam no cotidiano e que consequências causam, em dado tempo e lugar.

Deste modo, estudar as questões humanas na sociedade contemporânea nos dá a possibilidade de retomar fatos que foram recombinações e, assim, criaram novos significados para as pessoas, para determinados grupos, ou para uma cultura. Considera-se que, na temporalidade, ocorrem as mudanças efetivas de padrões de vida, fruto de combinações sociais, ou de criação de novas necessidades a partir, por exemplo, de um pensamento político-social ou um modelo de cultura predominante.

¹⁷ A tradição do 'Interacionismo Simbólico' retrata os pressupostos da fenomenologia na interpretação dos contatos interacionais. O modelo segue a linha de pensamento sustentada pela Escola de Chicago, resultante do pensamento do grupo heterogêneo e interdisciplinar de pesquisa sociológica e psicossociológica (JOAS, 1996).

Enquanto uma forma de aproximação/separação de pessoas e grupos, trabalhar com a concepção da liminaridade significa procurar o conhecimento da realidade social pelas suas margens e aspectos simbólicos, conforme sugerem os expoentes teóricos da antropologia social Turner (1974, 2005) e Douglas (2007). Particularmente, a noção do liminar entendida como parte essencial da experiência humana e que se consolida pela ação dos sujeitos, direcionará nosso olhar em busca das dimensões sociais e simbólicas, individual e coletiva, que ocorrem nas situações interacionais vividas no cotidiano do grupo.

Na dimensão sócio-histórica e na condição dinâmica inerente ao processo liminar, tem-se a hipótese de que se trata de momentos transformadores e modeladores na construção dos processos identificatórios individuais e coletivos, pois a liminaridade expressa a ideia de passagem ou de mudança (estrutural e estruturante).

Assim delineado o apoio teórico, e sem me distanciar da perspectiva de um olhar interdisciplinar, em um segundo momento com o suporte empírico das experiências cotidianas do grupo, vou ao encontro das condições de coexistência que indiquem uma convivência liminar. A escolha deste grupo como ‘objeto de estudo’ se deu por alguns indicativos observados em contatos informais, conforme já mencionei. Tais informações a respeito da intrigante história das pessoas e das atividades do PRORESÍDUOS, de certa maneira, me conduziram nessa definição.

Mas isso tudo foi aliado ao amadurecimento das questões teóricas trazidas nas reflexões e dedicadas discussões, principalmente com os conhecimentos da antropologia social, e por professores dedicados a essa área de conhecimento, fatos que me influenciaram na escolha e definição do tema de estudo. Começo a perceber nesses primeiros passos quão importantes são as relações no curso das ações humanas, afinal, eu mesma estou num movimento de mudança.

Conhecer *in loco* o definido objeto de estudo passou a ser meu compromisso, no sentido de construir um conjunto de reflexões em torno de como o grupo se organiza em seu cotidiano, o modo como seus integrantes estruturam o ambiente e as atividades, quais as contradições e ambiguidades vividas e como estas se vinculam à realidade deste grupo.

A princípio, relembro as recomendações metodológicas, até tomadas como regras para os iniciantes em pesquisa, no que se refere às preocupações de quem se aproxima do campo das ciências sociais e de como deve abordar as pessoas em seus contextos culturais e sociais.

É o objeto investigado que estimula o comportamento do pesquisador. Sigo, então, em boa parte do tempo, a metáfora do holofote sugerido por Karl Popper, como um ‘alerta’ – estou direcionando a luz, estou iluminando a parte da realidade que quero conhecer?

Nos primeiros contatos, tudo parece ser relevante.

Observo ‘tudo’ e ‘todos’, anoto, fotografo, na tentativa de não perder detalhes que possam me faltar no exercício dessa práxis e em direção ao foco da pesquisa. Busco me apoiar na analogia de Popper (1975) para conduzir e afunilar meu olhar para onde quero conhecer.

O que realmente importa na produção do conhecimento científico, assegura o autor, é a observação planejada e preparada para um efetivo estudo de campo.

A considerar a observação como uma percepção pura, à priori, destituída de interpretações, não é possível que se consiga observar ‘tudo’, pois nossa capacidade de perceber é limitada; nosso sentido de percepção é seletivo, resultante do processo de reconhecer, discriminar.

Ainda assim, tenho por expectativa que as observações realizadas, associadas às manifestações dos sujeitos sociais, serão guias fundamentais para iluminar a realidade e indicar para onde devo concentrar a atenção e ser capaz de averiguar a construção simbólica e identitária de um grupo liminar.

Na produção de uma pesquisa recordo-me sobre as dificuldades de aproximação do pesquisador para conhecer o campo social. Uma delas é a construção da objetividade científica que tanto pesa ao controle da ciência. Embora vista como um produto subjetivo, resultado de um exercício coletivo, as ciências sociais necessitam da construção objetiva na produção do conhecimento de caráter científico (controlado e sistematizado). Para tanto, não deve ‘escapar’ ao pesquisador no curso de suas ações e explicações no campo de estudo, os cuidados com os valores pessoais ou de juízos sobre o que observa e interpreta.

Diante dessa problematização que permeia a relação entre o pesquisador e o sujeito de estudo é a descrição da ocorrência do fenômeno que deve conduzir a atitude do pesquisador, não a interpretação prévia. Com esse referencial me guio para as anotações de campo.

Outro aspecto relevante no processo da investigação científica, desse tipo de ‘fazer’, está em conseguir produzir um conhecimento crítico. Todavia, ele não vive ‘descolado’ de seu objeto de estudo. Existe o compromisso ‘deixe o seu objeto falar’, uma premissa de conduta vinda de recomendações sábias e firmes de pesquisadores (nossos professores) que já estiveram inúmeras vezes nessa posição de observador-participante.

Fazer pesquisa qualitativa, e quem já o fez, reconhece a complexidade das regras do distanciamento e da não interferência do pesquisador sobre o objeto pesquisado.

Demanda um trabalho de olhar de dentro e de longe, que exige disciplina, disposição para repensar, de se contradizer, de lembrar detalhes pequenos, momentos, gestos, de representar objetivamente o mundo das ideias. A descrição é indispensável para a ciência no

sentido da produção e apropriação do conhecimento, mas não há como isolar o ativo papel dos sujeitos na condução das intervenções.

Assim se dá a construção do conhecimento científico. Ele é gerado a partir da realidade e construído para agir sobre ela. É um tipo especial de conhecimento humano que se formula na linguagem e em proposições e isso o torna objetivo, comunicável, acessível aos outros e, portanto, criticável (POPPER, 1975; JAPIASSU, 1975; BRANDÃO, 1987; DEMO, 1995).

Nos contatos realizados com o PRORESÍDUOS, em entrevistas ou nas observações de campo, assim se deu essa experiência. Das minhas anotações, um material tratado como uma fonte valiosa, qualquer que fosse a observação ou o registro feito, tinha o cuidado de organizá-las e transcrevê-las, de tal maneira a preservar o máximo as idéias, as imagens, pois nada me poderia faltar para a retomada dos apontamentos organizados e para a construção das reflexões teóricas.

Confirma Severino (2007, p. 27), o “conhecimento é o referencial do agir humano em relação ao agir de outras espécies”. O conhecimento não é uma mera representação mental, senão um fruto de nossa capacidade de reconstituição (simbólica) dos dados de nossa experiência, dos fenômenos vividos. Sem dúvida, esse é o completo significado de ‘pesquisar’, um processo de construção do conhecimento que demanda um exercício controlado e sistematizado do pesquisador e que se constitui em um ir-e-vir entre a teoria e a prática, ou ao contrário.

Um processo que, de fato, demandou muitas retomadas aos registros de minha inserção em campo, trazendo dessas anotações pontos de análise sobre as práticas e a estrutura desse grupo em seu dia-a-dia, com a expectativa de encontrar subsídios de discussão teórica para o recorte dado nesta investigação.

Um exercício com o qual constato de que toda ação de pesquisa é por si uma forma de intervenção e interação.

Uma condição na qual se estabelece uma relação de interdependência simbólica no jogo relacional entre pesquisador e os atores sociais implicados no campo empírico, uma prática que exige um distanciamento do objeto pesquisado (BRANDÃO, 1982; DEMO, 1995). Contudo, não deixa de implicar um ‘olhar subjetivo’ de quem observa, ou mesmo, a sua ação (do sujeito cognoscente) sobre aqueles a quem observa (sua intervenção sobre os observados).

Quando se vai a campo, guiado principalmente pela antropologia social, uma disciplina da comutação e mediação, sabe-se da existência e exigência do modo artesanal e paciente, conforme reconhece DaMatta (1978, p. 27), “dependendo essencialmente de humores, temperamentos, fobias e todos os ingredientes das pessoas e do contato humano [...]”.

Essa observação experiente me conforta, pois vivi de perto um momento aflitivo em um dos contatos realizados, talvez o mais difícil da minha caminhada, com Taciana, uma das integrantes do grupo. Meu relato, registro de observação em 25 de março de 2011.

[...] Está sozinha, na mesa de trabalho, fazendo pastas, recortando o papel no papelão. São muitas pilhas desse material sobre a mesa e o chão (8.40h). A sala ainda não terminada, janela sem vidros, com tábuas encostada fechando os buracos, fica praticamente no escuro. O pedreiro fazendo os reparos na sala ao lado. TV ligada, programa da Ana Maria, o gato preto está sobre a mesa. Não se mostra receptiva, fico de pé, próximo à mesa, pouca conversa. Observo o trabalho. Pergunto sobre o modelo. *‘Tudo aqui é criação minha nada vem pronto’* (responde). *‘Mandei fazer uma faca e mandei cortar nesse modelo’*. Tento mais uma vez – pergunto se foi a gráfica da UEM. Responde meio seco. *‘Isso não é trabalho de gráfica, é de facaria...’* Continua fazendo os recortes, de cabeça baixa. Sai da sala sem dizer nada. Fico só, faço as anotações. Volta um pouco depois, faz mais alguns recortes, sai novamente da sala. Parece ser um sinal. A sensação é que não estou bem vinda. Continuo mais um pouco na sala. Marta está à sua procura, para atender uma ligação. Não sei onde localizar. Resolvo, então, deixar um bilhete de agradecimento sobre sua mesa de trabalho. Saio para ver os outros setores [...] (Anotações de Campo).

Passado o fato, continuo em minha jornada de observações. Em outro dia de contato, a coordenadora faz comentários sobre alguns momentos de tensão que ocorrem nas relações entre eles, *“assim como o que ocorreu com você”*, explica ela.

Ainda sem entender, deixo que ela fale a respeito do fato. Marta comenta, referindo-se à Taciana: *“Se até com você ela fez aquilo, imagine com os outros. Ela chegou aos berros prá mim dizendo ‘tire aquela mulher de lá não consigo trabalhar com alguém me olhando, não suporto isso!’*. Então, não era só mera percepção. Era um acontecimento.

A experiência humana - enquanto vivência real através dos acontecimentos não é mera sensação: partindo da percepção mais imediata até o julgamento mais mediado, ela é uma sensação significativa – uma sensação interpretada, uma sensação aprendida (GEERTZ, 1989, p. 179).

Registrei no dia em que ocorreu, mas não tinha o conhecimento do ‘constrangimento’ que ela manifestou. Taciana, naquele dia, expressou com comportamentos de esquiva que não queria minha presença em sua sala de trabalho, um episódio que posteriormente, ao acaso, tomei conhecimento.

De fato. Não se tem como ‘isolar’ a ação do sujeito e a questão da subjetividade. No processo interacional existe a carga afetiva/emocional que é inerente a cada indivíduo, como a de quem está sendo observado, e a que vem com o pesquisador.

Defende DaMatta (1978, p. 35),

[...] é preciso recuperar esse lado extraordinário das relações pesquisador/nativo. Se este é o lado menos rotineiro e o mais difícil de ser apanhado da situação antropológica, é certamente porque ele se constitui no aspecto mais humano da nossa rotina.

Tão surpreendentemente humano que nos contatos que se seguiram àquele dia não havia sequer ‘sombra’ dessa manifestação, ficando apenas como um fenômeno isolado, porém, significativo na experiência e nas relações entre o ‘observado e o observador’.

São os ‘atos cognitivos’, representados pelas ações dos sujeitos sociais, que mediam a construção do conhecimento (teoria) social. E, com esse exercício de “olhar, ouvir, escrever”, segundo Cardoso de Oliveira (1998, p. 18), que se sistematizam as etapas da pesquisa e da produção do conhecimento.

Esse conjunto complexo de ações denota de minha parte maior vigilância na apreensão dos fenômenos sociais. Assumo o papel do ‘outro’ no campo investigativo com os meus propósitos de análise sem, contudo, me deixar levar pelo ‘primeiro olhar’ e devendo ser capaz de exercer uma capacidade interpretativa, de percepção, e de diálogo junto ao universo simbólico e cultural dessas mulheres e homens que participam ativamente no desenvolvimento e manutenção de um programa de controle de resíduos.

Insiro-me nesse processo de experimentação e de verificação e, como pesquisadora tenho que me resguardar para apresentar de ‘maneira objetiva’ o mundo das ideias (meu e deles), do qual vamos nos apropriando em função desta estreita relação pesquisador-pesquisado.

Nesse cenário, vai se tornando mais claro e fácil de assimilar a proposição de Japiassu (1975) de que o pesquisador não pode estar sujeito às incoerências das paixões para poder representar suas ideias com a objetividade que se espera.

Porém, cabe ao observador não negar ou deixar de assumir o lado humano que media e desperta nossa própria subjetividade (DaMatta, 1978), que cruza os caminhos dos contatos, das interações, sempre presente nos momentos do jogo das descobertas.

Afinal, “[...] sem a percepção e pensamento, como então podemos conhecer?” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 18).

2.4.1 Procedimentos metodológicos

Severino (2007) defende que o conhecimento se legitima quando mediado pela intencionalidade da existência histórico-social dos homens, ou ainda, quando ele se torna uma ferramenta que o homem dispõe para melhorar sua existência.

Em relação ao conhecimento mediado pela pesquisa e prática da investigação científica, registram-se importantes diferenças para a abordagem da investigação humana. Graças às intervenções qualitativas da sociologia¹⁸, contrárias ao positivismo, se pode conceituar e estudar a realidade humana como construída por ‘sujeitos’. O reconhecimento do homem constituído como um organismo vivo, transformador, com seus valores, história, consciência, marca um diferente ‘objeto de estudo’ sociais, e com ele, novos e mais apropriados referenciais teórico-metodológicos de estudos vieram oportunizar e dar maior amplitude às explicações dos processos humanos.

Em outras palavras, diferentes concepções e pressupostos filosóficos de entendimento e de interpretação da realidade humana, constituem as diversas maneiras de refletir determinados fenômenos ou fatos da vida social que se estuda.

Pesquisas onde os grupos humanos constituem-se nossos objetos de trabalho, como no caso da antropologia e psicologia social, tornam-se fundamental “[...] confrontar as subjetividades e delas tratar” (DaMATTA, 1978, p. 35).

Toda conduta humana é dotada de significado subjetivo dado por quem executa a ação. Implica dizer que uma ação é orientada pela própria pessoa (presente, passado, futuro), e na produção da ação social tem outros agentes externos envolvidos.

A subjetividade é socialmente construída, porém ela se expressa no plano individual e é formada pelas crenças, valores e comportamentos produzidos e configurados no mundo externo (o meio em que se vive). Ao mesmo tempo em que representa a experiência de si é, também, a expressão de um conteúdo social historicamente construído que fica à disposição do sujeito.

Os atos e fenômenos sociais entendidos como um processo subjetivo. Eles fornecem os *sentidos* (individual) para os acontecimentos humanos, e o processo interativo que é

¹⁸ Os cientistas sociais passaram a reconhecer os fenômenos sociais a partir dos sujeitos com Max Weber (1864-1920), considerado importante representante da sociologia compreensiva. Desde então, o interesse das ciências sociais se deslocou para a compreensão dos comportamentos produtores da ação social e em busca da compreensão dos valores, crenças, motivações e sentimentos humanos que ocorrem, se a ação é colocada dentro de um contexto significativo (GOLDENBERG, 2007).

intersubjetivo, dado pela relação social, acrescenta os significados. Assim, a conduta plural é reciprocamente orientada. É dotada de um *significado subjetivo* dado pelo indivíduo (quem faz a ação), mas sofre os reflexos dos ‘outros’ significativos (demais indivíduos), pois a ação passa a ser social quando partilhada por diversos agentes, quer num grupo, comunidade ou sociedade (QUINTANEIRO; BARBOSA e OLIVEIRA, 2009).

Diante do exposto, um primeiro aspecto a se considerar é a pertinência do estudo qualitativo em função dos elementos conceituais que norteiam as investigações no campo das ciências sociais que percorrem o caminho das análises da coletividade social.

Esta pesquisa conceitualmente retoma os fundamentos teóricos da antropologia social de Victor Turner, foca o estudo e análise do ‘espaço liminar’, forma de expressão da subjetividade humana e de aproximação e/ou separação de pessoas, com vistas às experiências dos sujeitos psicológicos e sociológicos no contexto em que foram vivenciadas.

Justifica-se, assim, a condição qualitativa da pesquisa, pois os conteúdos de análise empírica se voltam para os processos simbólicos e de identificação, definidores do cotidiano e da vida em grupo do PRORESÍDUOS.

No universo das leituras relacionadas ao tema, a considerar as vivências e identificações coletivas, algumas indagações foram se apresentando sobre os fenômenos que unem pessoas e as contradições sociais que apresentam, ou quais seriam os significados e simbolismos definidores dos atores sociais em situação liminar.

Questionamentos dessa natureza são oportunos quando se pretende conhecer mais sobre a realidade social por seus aspectos simbólicos e pela intenção de analisá-la numa abordagem qualitativa. Nesse sentido, assumimos a importância deste exercício preliminar de direcionamento como parte do pré-conhecimento, alguma pré-noção da realidade a ser estudada. O caminho a percorrer da ciência tem por característica as dúvidas e não a certeza, entretanto, “no fundo, nunca colocamos uma pergunta se nada sabemos da resposta; se nada soubéssemos da resposta, não teríamos a perguntar” (DEMO, 1995, p.32).

Justificado inicialmente o propósito de estudar qualitativamente o espaço social liminar, o segundo ponto recaiu na escolha do caminho (forma/método) para a compreensão dos comportamentos produtores da ação social.

Para operacionalizar as idas a campo a técnica de pesquisa da observação participante norteou o modelo de investigação. Um processo ‘face-a-face’ com cada um dos observados para colher os dados no cenário dos ‘nativos’¹⁹.

¹⁹ Para entender o ponto de vista do grupo estudado Bronislaw Malinowski priorizava “o que os nativos sobre o que fazem”, “o que realmente fazem” e o “que pensam sobre o que fazem” (GOLDENBERG, 2007, p.23).

Esse ‘encontro etnográfico’ (OLIVEIRA, 2000), é o momento em que pesquisador e pesquisados se deparam com uma possível relação dialógica, pois dele resulta uma interação, um diálogo que permite a ambos ouvir e serem ouvidos.

No âmbito das pesquisas psicossociais têm-se valiosas contribuições principalmente com os pesquisadores da antropologia²⁰ dedicados às análises voltadas ao coletivo social. A partir dos estudos de campo, deixaram de depender de relatos de terceiros (estudos de gabinete) e foram ao encontro da ‘observação direta’ em convivência com os nativos. O procedimento de ‘observação participativa’ (como Malinowski mesmo cunhou), é uma técnica condutora do comportamento de campo do pesquisador que passa a assumir um papel também de informante do processo.

A pesquisa antropológica, nessa perspectiva, coloca em prática a observação participante, um modelo específico para o estudo de campo. Esse período dos estudos etnográficos foi essencial e determinante quanto ao uso de métodos e técnicas qualitativas em ciências sociais e humanas, e para a demanda de novas tarefas aos cientistas, como por exemplo, a criação dos instrumentos para a explicação e compreensão dos *sentidos* dos fatos humanos. Parte-se do entendimento que estes são históricos, surgem no tempo, dependem da visão de mundo da época, dos fatos psíquicos, políticos e culturais.

A conduta de observação contempla os pressupostos de análise da relação funcional e, segundo Goldenberg (2007), justifica-se a observação direta na busca da compreensão dos valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto significativo. Deste modo, a técnica de observação *in loco* merece atenção especial em função de sua especificidade e habilidade exigida do pesquisador.

Com a prática da observação participativa se pretende conhecer os *sentidos* e os significados das ações e do universo simbólico fornecidos pelos próprios membros da comunidade investigada, uma via onde se reconhece o perigo de uma possível contaminação dos seus resultados em função do próprio pesquisador, por exemplo, a interferência de suas crenças, valores e julgamentos.

Porém, as técnicas bem delineadas de coleta de dados podem contribuir para o equilíbrio entre o pesquisador e seus pesquisados, além dos fatores de experiência, maturidade

²⁰ Autores importantes entre 1850 a 1900, como Henry Morgan, Frans Boas e Malinowski, consagraram a idéia de se passar longos períodos numa sociedade nativa buscando entender/interpretar seus significados da vida coletiva, e formaram os novos modelos conceituais entre antropólogos, no campo da antropologia cultural (Goldenberg, 2007).

e postura ética que devem permear a condução do processo de investigação. É o desafio que se enfrenta com esse tipo de observação em sua complexidade de ‘pesquisar’ e de ‘participar’ (BRANDÃO, 1982).

Sob esse prisma, reconhece-se que nenhuma das partes, pesquisador/pesquisado, sai sem mudanças desse processo. Mas essa é a riqueza que permeia a pesquisa de campo onde existe maior aproximação entre o pesquisador e o objeto pesquisado na promoção da visão em conjunto do plano teórico e do plano pessoal ou existencial, e ambos sintetizam uma experiência integradora com a teoria, e prática do mundo com a do pesquisador (Da MATTA, 1978).

As opções da investigação qualitativa e do uso dos princípios etnográficos na condução das observações de campo na presente pesquisa trazem como vantagem a fonte direta de dados coletados pelo próprio pesquisador no campo de observação, recolhidos de maneira descritiva e centrada no processo.

Oportuniza ao pesquisador o encontro dos significados e dos *sentidos* que os participantes atribuem às suas experiências, à medida que interagem uns com os outros, em meio à atividade que praticam.

Certamente que o processo de ouvir e observar são os pontos fundamentais para a condução dessa pesquisa, em sua condição de observação participante. No entanto, para garantir a qualidade das interações e completar a fase inicial dos contatos, recorri às entrevistas individuais, feitas separadamente com cada participante, procurando as informações que não seriam disponíveis somente por meio das observações ou conversas informais.

Marconi e Lakatos (2009, p. 111) afirmam que no processo de obtenção das informações que servirão aos propósitos do pesquisador, a forma ‘direta’ de coleta de dados tem maior abrangência e flexibilidade para se adequar às características do objeto que se estuda e, dentre elas, as técnicas de observação e de entrevista são as mais usuais.

É necessário obter o que os antropólogos consideram o ‘modelo-nativo’ que advém da explicação dada pelos participantes da comunidade (grupo) para ir ao encontro dos *sentidos* e a significação, conforme defende Cardoso de Oliveira (1998, p. 22), “[...] a matéria prima para o entendimento antropológico”, de tal maneira que, “tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da entrevista. Portanto, de um ouvir todo especial. Contudo, para isso, há de se saber ouvir.”

O recurso da entrevista (narrativa ou centrada no problema de investigação) tem aplicação útil por ser uma opção de auxílio à averiguação dos fatos/fenômenos da forma como é percebido por quem os vivencia. No material produzido, a linguagem, a temporalidade e a espacialidade foram preservadas e formalmente interpretadas.

As questões se propuseram a investigar, respectivamente: a origem/constituição; a inclusão/participação e, os saberes/fazeres oportunizados pelo grupo, de maneira individual e/ou coletivamente.

Em se tratando de um delineamento de estudo qualitativo e de observação em campo, o procedimento de entrevista é visto como um recurso de completariedade na sustentação da análise dos dados.

A composição de técnicas de interpretação de conteúdos – de observação e entrevista –, segundo aponta Mayring (2002, p. 108), auxilia a “interpretação da perspectiva subjetiva dos seus sujeitos [...] e pode ser o ponto de partida para outras análises.

Para o autor, o procedimento configura “a descrição dos fenômenos da perspectiva do sujeito e suas intenções [...] e a aproximação do núcleo essencial do fenômeno investigado” (MAYRING, 2002, p. 111-112).

São, então, elementos básicos para buscar formas de vivência, significação e a intencionalidade que acontece entre pessoas.

As observações se iniciaram a partir de um planejamento e acordo entre o pesquisador e cada um dos pesquisados (Apêndice 1) e, durante o desenvolvimento da pesquisa foi fundamental o registro escrito dos relatos e fatos observados, organizados em forma de diário de campo. Nos encontros, usou-se também o registro fotográfico, um recurso da mesma forma importante para retratar os ambientes, identificando seus elementos e as atividades na medida em que aconteciam e eram observadas.

3 - A NOÇÃO DE LIMINARIDADE

3.1 O GRUPO LIMINAR

A condição liminar representa uma forma de mudança e de ambiguidade onde os indivíduos não se definem ou pertencem a este ou aquele papel social, posição, *status* ou classificação social (TURNER, 2005).

A noção de liminaridade revela as rupturas socialmente instituídas por marcar um processo dos ‘iguais ou desiguais’ – de diferenciação na vida social. Concebe uma dinâmica tendo em vista que marca a passagem do indivíduo a uma nova situação ou categoria social e pode se caracterizar, segundo o autor, uma condição temporária na situação de um indivíduo.

O liminar se configura por uma fase de transição com dimensões sociais e simbólicas, motivo pelo qual se constitui como modificador e transformador, na medida em que pressupõe a ação do sujeito e caracteriza um movimento criador de novas estruturas. É nela que o antropólogo social Victor Turner cria e fundamenta a organização das estruturas sociais ao retomar seus estudos, após a década de 1960, elaborando interpretações que se misturam entre a antropologia da performance e da experiência.

Essas transições são também entendidas como formas de aproximação/separação de pessoas. Conceber os estados liminares dessa maneira possibilita apreender como as pessoas vivem e dramatizam entre si, e de como constroem os fatos da vida social.

É no fluxo da vida cotidiana, às suas margens, no *límen*, que se produzem efeitos de estranhamento e onde, segundo Turner (1974), se acompanha os processos da vida social.

Com a ideia do ‘liminar’ se permite pensar os espaços criados por pessoas que fogem do previamente classificado como ‘certo-errado’, ou ainda, os caracterizados como reflexivos e construtivos exatamente por se constituir ‘fora’ do convencionado socialmente.

Victor Turner entende que são nesses momentos de suspensão de papéis, ou de interrupção do teatro da vida cotidiana, que se evidenciam os elementos da vida humana em suas várias reconfigurações e permite o surgimento de outros, e novos, universos sociais e simbólicos.

À noção da liminaridade e do estado liminar se vinculam as representações de ideias, os valores e símbolos, decorrentes de ações sociais recíprocas e conjuntas, as quais lhes fornecem características próprias.

Para se entender uma estrutura, é preciso suscitar um desvio. Busca-se um lugar de onde seja possível detectar os elementos não-óbvios das relações sociais. Estruturas sociais revelam-se com intensidade maior em momentos extraordinários, que se configuram como manifestações de “anti-estrutura” (DAWSEY, 2005, p.165, grifo do autor).

“Experiências que irrompem em tempos e espaços liminares podem ser fundantes”, diz Dawsey (2005, p.168), pois neles se podem perceber os laços mais profundos que unem as pessoas; é onde e quando se dão as diferenças e convergem tramas carregadas de tensão e de reflexões. São momentos em que se criam e recebem novos *sentidos* de vivência individual e de significados coletivos.

A condição liminar revela a importância dos dramas sociais e dos rituais presentes nas práticas sociais e no cotidiano.²¹ A estrutura processual da experiência vivida acontece mediante várias fases, ou etapas, consideradas como ‘momentos de passagem’, até que se complete *uma* experiência (DAWSEY, 2005).

O processo experiencial, conforme esclarece o autor, se inicia ao nível da percepção individual, de dor ou prazer. Passa por imagens de experiências passadas e de suas emoções quando são retomadas e revividas, e promove a articulação entre passado-presente na construção dos significados. Por fim, chega à etapa que resulta a experiência completa em forma de expressão – comportamentos que se repetem. Estes se tornam rotineiros e, assim, ritualizados.

A situação liminar representa um momento de vivência ímpar por caracterizar um momento de passagem que coloca e define os ‘seres transicionais’ como paradoxal e ambíguo ou, no limite, até perigoso e negativo, aquele que pode ser e não ser ao mesmo tempo.²²

São características que lhe fornece a conotação e comparação de *soleira*, uma vez que configura e situam as pessoas ou grupos sociais em situações delimitadas e fora das convenções. Assim, a liminaridade associada à ideia de ‘passagem’ marca os momentos de transição na vida das pessoas, e as situam socialmente fora dos espaços convencionados.

Seguindo por essa ótica, enquanto um espaço de convivência delimitado dentro da universidade, o PRORESÍDUOS possui características que o define liminar por sua estrutura de funcionamento e pelas atividades que desenvolve.

²¹ Nos anos de 1950, Victor Turner elaborou o modelo de drama social vendo como as aldeias Ndembu ganhavam vida em momentos de crise, e este lhe serviu como instrumento de análise, inclusive nas formulações posteriores da antropologia da performance e antropologia da experiência. Em suas discussões acrescentou sobre ritos de passagem, de acordo com o modelo de Van Gennep, conceitos que foram fundamentais para as formulações de Turner (TURNER, 1974; DAWSEY, 2005).

²² Na expressão do autor e título de seu trabalho - *Betwixt and Between*: ‘nem lá, nem cá’, ‘aquém e além dos pontos fixos’, ‘entre dois mundos’, ‘entre e entrementes’ (TURNER, 2005).

Com o projeto de criação do grupo acontece um novo momento de vivência e de ações recíprocas e conjuntas, novas condições pessoais, profissionais e vínculos, que lhes fornecem características próprias.

O programa em si veio para atender a questão do gerenciamento de resíduos sólidos e líquidos na universidade, associado ao cumprimento da legislação ambiental. No entanto, diante de seu funcionamento e organização das atividades restringidas ao universo de materiais descartados pela comunidade universitária, o grupo se tornou uma estrutura operacional ‘à parte’ da universidade e criou, com essa posição, experiências significativas para cada integrante.

De fato, o programa se fixou como institucional por condição de um decreto, mas não adquiriu um *status* de um núcleo de gerenciamento na área dos resíduos, ou de nível estratégico de serviços para a universidade no sentido de nortear, desenvolver e determinar diretrizes e ações necessárias para o cumprimento das legislações ambientais.

Assim, as pessoas se organizaram em um ‘espaço’ e em torno de um conjunto de atividades, de caráter mais operacional, e não ‘convencionado’ para o universo de uma instituição de ensino superior. Uma trajetória de atuação que os separa dos demais grupos que são instituídos para a produção acadêmica ou administrativa, ou ainda, daqueles grupos reconhecidos pelo ‘modelo produtivo’ das universidades, enquanto ensino, pesquisa e a extensão.

O grupo é necessário pelo que faz, entretanto, não possui o mesmo ‘peso’, ou representatividade diante das demais estruturas administrativas, ou de produção acadêmica, como aquelas atividades que são usualmente reconhecidas, as de meio e fim, para o funcionamento da universidade.

Tais particularidades colocam o PRORESÍDUOS ‘fora’ do ‘perfil’ da universidade, situados no *límen*, em condições que os separam e distinguem dos ‘outros’. Ao mesmo tempo, essa é uma característica que define a situação de convivência deles e os faz semelhantes ‘entre-si’ por suas singularidades e as tarefas que realizam cotidianamente.

Como interpretado por Turner (1974 e 2005) e Douglas (1976, 2007), trata-se de uma estrutura que desafia os padrões, as convenções, e que por suas especificidades e vivências pode se constituir em categorias de indivíduos, ou de um grupo, ‘no limite’.

Para esses antropólogos, o ambíguo é todo objeto, ser ou instituição situado simultaneamente em dois campos semânticos mutuamente excludentes. É tudo aquilo que tem propriedades multivocais e contraditórias [...] aqueles que contradizem o dilema hamletiano e “são e não são ao mesmo tempo” (DaMATTA, 2000, p.13, grifos do autor).

Se poderia dizer, segundo a interpretação conceitual da liminaridade em Turner – *nem lá-nem cá*; usando a expressão do autor, são seres *betwixt and between*, com características de “seres transicionais que poderiam ser considerados particularmente contaminados, de vez que não são nem uma coisa nem outra” (TURNER, 2005, p. 142).

Os ensaios de Turner e Douglas apontam que o hibridismo do estado liminar, de *soleira*, carrega algo de negativo, uma vez que a fase liminar produz um estado fronteiroço, marginal, paradoxal e ambíguo, uma condição que pode representar a manifestação de uma ‘antiestrutura’, exatamente por sua configuração ambígua e contraditória. Nesses estudos simbólicos existe a tendência de interpretar a liminaridade como uma ‘manifestação de negação’, uma conflituosa e perigosa transição dentro da sociedade.

Nessa tênue ‘linha’ divisória situacional *nem lá-nem cá* que encontrei no PRORESÍDUOS seria prematuro, nesse ponto de análise, discutir o estado fronteiroço do grupo como ‘perigoso’, alguma espécie de ‘marca negativa’ como ‘categoria’ estrutural, ou no sentido de negação da estrutura. Também não se trata de, previamente, classificar o grupo como constituído por algum tipo de característica ruim.

A impressão que se tem no dia-a-dia é de que o PRORESÍDUOS, mesmo diante da percepção de ‘ser ou não’, coexiste na *soleira* e na ambiguidade, – ele não é parte da universidade ou a universidade não é parte dele. Mas nessa relação há pontos que os conectam, por exemplo, administrativamente, no âmbito dos vínculos legais, trabalhistas e os financeiros, aspectos que ajudam a produzir condições de afiliação necessária para que o programa e seus integrantes ‘existam’ na estrutura.

Por outro lado, o sentimento de hibridismo produzido na condição liminar do grupo, é possível se pensar numa espécie de atitude ‘naturalizada’ que justifique esse tipo de dinâmica que se estabeleceu entre a universidade e o programa – ‘é assim mesmo que são as coisas numa instituição pública’. Talvez, o ato de ‘não-ver’ o Pró-Resíduos por parte dos ‘outros’ atores da universidade, aconteça pela crença que as coisas ‘são mesmo assim’.

Dessa maneira, ser considerado ‘pouco importante’ na estrutura faz com que o grupo viva seu cotidiano como um conjunto de pessoas à parte por suas particularidades, mas não totalmente excluído da universidade.

Os elementos que identificam esse grupo de trabalho se inscrevem na situação liminar, cujos atributos o caracterizam numa situação indefinida – uma relação que ocorre na universidade, gerado por ela, e coloca o grupo às margens dela, tanto por suas características de formação, quanto pela específica atuação.

A meu ver, o PRORESÍDUOS vive, coletiva e cotidianamente, *uma* experiência singular em suas relações. Fato constatado é que a situação de ambiguidade traz consigo certas tensões, frustrações, com as quais os integrantes do grupo tem que conviver e reagir à elas. Circunstancias que os tornam pessoas situadas assim ‘indefinidas’, pouco valorizadas pelo que fazem colocadas em uma situação ‘fronteiriça’²³, entre ser ou não marginal, no *limiar* (TURNER, 1974; 2005).

A ideia de *límen* nos remete também à questão dos rituais.²⁴ Tal como ocorre nos ritos de passagem, o grupo vive uma realidade entre a separação e a incorporação, e entre estas, a fase liminar, interpretada simbolicamente por Victor Turner nesses momentos de passagem. Um movimento que se inicia nos *sentidos* da percepção individual, passa pela construção coletiva dos significados, e consolida as experiências transformadas em comportamentos ritualizados.

É importante registrar a noção transformadora dos ritos analisados como expressões da dinâmica social, por isso os ‘momentos de passagem’ implícitos na ideia da liminaridade carregam em si a vivência dos ritos. O autor descreve sobre a vivência dos ritos de passagem nas mudanças mais importantes que vivemos em sociedade, a exemplo do nascimento, vida adulta, casamento e morte. Assim, sugere e explica a existência de um sistema social de passagem ao longo de nossas experiências de vida.

Culturalmente, esses são os momentos de mudança que se constituem as mais significativas vivências e também conflituosas para os membros do grupo social e, nesse sentido, o rito, além de transformador, marca a mudança de *status* e tem uma significação em si mesmo.

A dinâmica social interpretada por Turner (1974) propõe que as pessoas mudam de um estado, ou situação, para outro, de tal maneira que estes momentos podem marcar a transição de um *status* social para outro, como passei a observar com os integrantes do grupo. Acompanhando suas histórias pessoais, há nelas um ‘antes e depois’ que configuram as mudanças ocorridas, particularmente, em cada um que se uniu ao grupo.

Ao me aproximar dessa realidade verifiquei, ainda, que o movimento da liminaridade vai além do contido no ‘espaço’ PRORESÍDUOS. Uma condição dele, mas, ao mesmo

²³ Perante a sociedade, grupos ou pessoas na liminaridade são desprestigiadas, mal classificadas, em fronteiras sociais pouco/mal definidas e podem representar uma fonte de perigo, motivo de serem interpretados como ‘contaminados’, segundo Mary Douglas (1976).

²⁴ Os ritos contem um sistema de significados e revela “um comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica” (TURNER, 2005, p. 49). Ao se pensar a sociedade através dos rituais, o autor concebe um sistema onde as pessoas vivenciam e dramatizam entre si (papéis) e constroem os fatos da vida social.

tempo, se anuncia no tipo de atividade com a qual o grupo de se envolve, outro importante determinante para as experiências e no processo interacional desses sujeitos sociais, e que os definem como ‘elementos’ do *programa de resíduos da UEM*.

O programa representa o início de uma história para as treze pessoas que o integram. Oriundas de diferentes setores, ou departamentos da universidade, ocupavam ‘antes’ outras funções ou níveis relativos à formação, ou ao cargo concursado. Uma espécie de transição, um movimento de passagem que marca um sentido do ‘antes e depois’ para o grupo, como também, para os integrantes, nas trajetórias de vida e de atividade na universidade.

Os momentos vividos entre o ‘antes’ e o ‘depois’ na relação pessoal com a atividade assumida no programa, dependem da valoração, positiva ou negativa, com que cada um percebe sua vivência interacional, pois essa é uma das condições da própria mudança.

Todas as experiências passam por um crivo pessoal na formulação dos *sentidos* ‘para-si’ (STRAUSS, 1999). Este fato pode ser constatado conhecendo mais da trajetória dessas pessoas, pelos relatos que personificam cada história de vida e por meio dos fatos registrados durante minhas observações.

Com essa perspectiva de análise, uma aproximação maior do universo de experiências e interações vividas por eles em suas atividades, pode continuar a nos dar a compreensão psicossociológica do envolvimento dessas pessoas com o grupo, e a intensidade das influências da dinâmica de transição, difícil ou até conflituosa, sobre o cotidiano destes homens e mulheres.

3.2 O TRABALHO NO ‘MUNDO DO LIXO’ - O INDIVÍDUO *SEM ROSTO*

Eu sou invisível, compreendam bem, simplesmente porque as pessoas recusam olhar para mim (Ralph Ellison, ‘The invisible man’, 1952).

O trabalho de Turner discute a respeito das dificuldades em se recriar universos sociais e simbólicos no mundo contemporâneo, onde indivíduos se veem sozinhos e abandonados diante da responsabilidade de darem *sentidos* às suas vidas (DAWSEY, 2005).

Pessoas envolvidas no ‘mundos dos lixos e resíduos’ são identificadas e permanecem aos olhos dos outros sem o valor que desejariam ter, segundo as representações subjetivas que fazem em torno das atividades que realizam e as significações impostas socialmente.

À semelhança de tantos espaços no ‘mundo social’ que ficam na invisibilidade, ou às margens da sociedade, em relação ao ‘mundo da UEM’ o programa representa um espaço de discriminação também por suas práticas.

Ao que se pese a marca cultural em torno da atividade ligada ao ‘lixo’, este traz uma espécie de anonimato que retrata uma parte dos sujeitos sociais contemporâneos. Para o PRORESÍDUOS envolve as pessoas que ali convivem e se ocupam profissionalmente de suas diversas atividades.

Sem dúvida, a retirada do lixo é uma das atividades humanas mais vinculadas aos preconceitos, à exclusão ou discriminação social, principalmente, os que se encontram em funções pouco, ou nada reconhecidas socialmente, como a de lixeiro, gari e de catador. Para as sociedades, no sentido prático, lixo é tudo aquilo que não serve mais, a sobra material que não tem utilidade. Desde os primeiros contatos, um dos aspectos relevantes que constatei é o fato de que alguns integrantes do grupo transitam entre a ‘visibilidade-invisibilidade’. Explico melhor. Há momentos que são visíveis pelo que *deixam* de fazer e não pelo que fazem.

A depender do setor que deixe de atender suas demandas, ou atrase nos prazos, há imediata reação dos usuários em razão das atividades não terem sido realizadas a contento. O exemplo mais significativo dessa relação encontrei no Setor de Coleta, conforme relata um de seus integrantes.

O lado mais trabalhado somos nós, o serviço é notado quando nós não faz, porque não puxou o serviço... liga aqui reclamando...O outro lado não incomoda ninguém (refere-se aos outros setores do programa). Aqui não. Se não puxar (recolher o lixo), o telefone canta, e nós tem que explicar o que aconteceu... Quando tá tudo em ordem não tem reclamação, caso contrário eles percebe (a falta do serviço feito). Querem saber porque...[...] (Joel, Tratorista).

Em outro contato isso fica ainda mais claro. Por ocasião da observação do trabalho, na área reservada aos contentores de lixo - local de descarte dos lixos junto aos contêineres, ao terminarem de descarregar aquela viagem pergunto o que vão fazer após concluir a operação de descarte. Diz Joel, “[...] *Isso não para... Ai de nós se não recolher, aí tamos ferrados. Ligam, xingam, reclamam, é uma confusão só. A hora que tá tudo em ordem, não lembram que existe... A hora que não puxamos (se não recolhem o lixo, ele explica) aí sim!*”.

O crescente volume do lixo produzido nos centros urbanos é alvo dos estudos ambientais e, boa parte deles mostra sua estreita ligação com o ‘desenvolvimento’ no que se diz respeito ao sistema produtivo e aos mercados de consumo.²⁵

Em termos de conceituação entre ‘lixo’ ou ‘resíduo’, existem definições e concepções distintas conforme sua aplicabilidade, o lugar ou a época, a depender dos fatores econômico, jurídico, ambiental, social, tecnológico, como afirma Calderoni (1998).

De certa maneira, ao adquirir a referência de ordem econômica ligada à industrialização, o adjetivo ‘resíduo’ substituiu o ‘lixo’ e passou a denominar a sobra produzida ao longo de um processo ou atividade produtiva; trata-se de um tipo de questão da qual geralmente não se conhece, ou não nos interessa.

Com o tempo, o uso do termo resíduo, na condição de um substantivo, adquiriu certa ‘consistência’ para ser observado, tratado. O ‘resíduo’, ganhou uma concepção particular – aquilo que em uma operação, estudo ou processamento faz parte, resulta ou surge no ambiente manipulado, mas não tem utilidade para a atividade em andamento.²⁶

Com essa conotação, os resíduos passaram a ser considerados quase um sinônimo do crescimento de uma sociedade. A urbanização e industrialização são citações constantes nas leituras sobre a produção do lixo na sociedade contemporânea.

Apesar das discussões em torno do assunto e da grande exposição na mídia dos temas ‘resíduo’ e reciclagem, ainda permanecem intactos os preconceitos e representações depreciativas ao que for relacionado ao ‘mundo do lixo’ (CUNHA, 2009).

A despeito da diferente conotação que se dá ao resíduo, e comparado aos efeitos trazidos pela imagem do lixo quando aquele é indicado como a ‘sobra’ do processo produtivo, a noção que se faz dele não tem tanto sentido pejorativo, associado ao sinônimo de ‘imundície’, como o trazido pelo lixo.

²⁵ Pesquisas que consultei, realizadas em Programas de Pós-Graduação por CUNHA (2009), DIB-FERREIRA (2005), e CABRAL (2001), nas universidades Federais de Goiás, Fluminense e do Rio Grande do Sul, respectivamente.

²⁶ Segundo a ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, resíduo é: “Material desprovido de utilidade pelo seu possuidor. (sic) (Normas Brasileiras Registradas – NBR 12.980, 1993, item 3.84, p.5)” (Calderoni, 1998).

Portanto, menos ligado à noção de inutilidade, ou até que se livre dos significados e de seus conteúdos simbólicos mais ‘nocivos’, a ideia de resíduo, ainda assim, se equivale aos conceitos de *refugo* ou *rejeito*.

O trabalho ligado aos materiais reciclados, àquilo que vem do lixo, também não se livrou dessas noções preconceituosas. O que se recicla também traz o sentido de sujeira ou até de evitação.

As relações do homem com o lixo em sua pluralidade de significações e interpretações, com também, em função da maneira limitada de enxergar as atividades do homem e do impacto delas sobre a natureza, o conceito sobre ‘resíduo’ acabou adquirindo significado semelhante ao de ‘lixo’, enquanto resto, coisa remanescente, ou restante.

Uma noção negativa que reforça o que se faz e a quem faz, em parte, já assimilada pelos trabalhadores do Pró-Resíduos, como por exemplo, na produção de papéis reciclados, cuja fabricação depende de materiais do tipo bagaço de cana, restos de papéis usados, fibras de folhas velhas de bananeira.

[...] *O pessoal acha muito trabalhoso, que é sujo, muito feio* [...] *Tem que mexer com ácido* (processo para amolecer o papel), *tem que testar com as mãos sem luva* (para sentir a textura da massa com os dedos), *mas é assim mesmo, não ligo não.* [...]. (explica Alicia, Oficina de Papéis).

A construção interativa e compartilhada das significações sociais se dá por meio dos ‘pontos de referência’ que são criados para a compreensão da realidade, e estes influenciam nas decisões que os seres humanos tomam individualmente. Em outras palavras, considera-se que nem tudo que se pensa e sente têm origem no próprio indivíduo, pois as interações proporcionam *sentidos* e significados que formam o complexo mundo das ideias, das identificações pessoais e motivações para cada um de nós. A partir do compartilhamento ‘eu-nós’ se incorporam e consolidam as experiências pessoais.

Nessa perspectiva de análise, uma impressão passada por ‘outrem’ pode definir nossas ações, assumindo ou tentando superar e amenizar os efeitos que essa imagem traz para si, ou para a atividade que realiza.

No caso da produção de papéis, quando classificam o seu trabalho ‘sujo e feio’, Alicia cria alternativas de ‘bom’ convívio com a situação: “[...] *não acho nada disso. A gente usa cloro, soda, tem que cozinhar as fibras... Adoro fazer, mesmo que eu fique molhada às vezes, eu troco, trago uma troca de roupa.*”, ela defende. Nos períodos em que estive na oficina, não vi, nem ouvi qualquer expressão de desgosto por parte dela ou em relação à sua atividade.

Enquanto membros da sociedade, Douglas (2007, p.139) confirma: “quase todos nós só vemos o que esperamos ver e o que esperamos ver é o que somos condicionados a ver quando aprendemos as definições e classificações da nossa cultura”. Sugere a autora que a existência de uma convenção já institucionalizada e aceita nos leva a comportar ‘naturalmente’ legitimando os conceitos que estão e são socialmente aceitos.

Deparamos-nos com os parâmetros instituídos e, de certa forma, assumimos certas imposições dadas socialmente; são ideias, valores, modos de pensar, comportamentos, que nos ‘moldam’ culturalmente como membro da sociedade, uma dinâmica relacional que ocorre com vários integrantes do grupo.

A meu ver, a produção dos resíduos e de lixos, mesmo sendo inerente à atividade humana, a relação entre um e outro é conflituosa, em qualquer um desses aspectos relacionados, pois permanece o consenso de que são materiais inúteis. Ou seja, é o que se joga fora, o que é posto em local separado (‘público’) para descarte, além da imagem depreciativa que o lixo sugere para quem convive, ou depende dele até para sustento.

A sociedade, de uma forma geral, sempre se relacionou com seus resíduos com atitudes de afastamento, alienação, preconceitos e estigmas, e isso se estende às pessoas que vivem em seu entorno. Nessa direção, a conotação daquilo que sobra, sem utilidade, ainda persiste em qualquer dos vocábulos usados – lixo ou resíduos.

Investigando mais sobre a questão da invisibilidade que cerca o ‘mundo do lixo’ e de quem vive ao redor dele, acompanhei o trajeto realizado diariamente pelo grupo da Coleta.

Fazem um percurso nas vias internas da universidade com um velho trator de pequeno porte, muito ‘rodado’, que tem atrelado a ele uma pequena e estragada carroceria. Passam nada menos, por 51 pontos de coleta que consegui listar, locais próximos aos blocos (dos departamentos), onde se depositam os lixos comuns ou os recicláveis, colocados para a retirada diária (Apêndice 2).

Um trabalho corrido, sem interrupção, num movimento infindável dos Coletores de *desce-levanta-joga-sobe*, em condições ruins de acesso aos pontos de recolhimento e pelo mau acondicionamento que encontram nos lixos deixados.²⁷

“[...] *no passado que não tinha condição nenhuma... E era com latões grande* (lembrando das condições anteriores da atividade). *A gente tinha que jogar no aterro, queimar. Agora ainda é mais fácil de trabalhar*”, diz Joel, como que para amenizar a experiência presente tomada a partir de uma lembrança do passado que já foi ‘pior’.

²⁷ Não há registro relativo aos pontos do percurso ou quantidade de quilômetros diários realizados na coleta. Há apenas um controle geral no abastecimento relativo à quilometragem rodada pelo trator.

Em outro dia de observação ele comenta:

[...] Pegamos o trabalho as 7h, um horário que não atrapalha e tem menos carro pelo caminho. Só paramos aqui prá tomar um cafezinho rápido e já tamos de saída. Assim podemos largar um pouco antes. É isso aí, aqui não tem parada, é trabalho mesmo! (Joel, Tratorista).

Algumas fotos documentam essa vivência do grupo da coleta.





Ilustração 11 – Coleta de Lixos Comuns – Área de Descarte



Ilustração 12 – Coleta de Lixos Comuns – Área de Descarte



Ilustração 13 – Coleta de Lixos Comuns – Área de Descarte

Ao acompanhar essa experiência pude perceber que eles são *vistos* pela morosidade que causam no trânsito, mas não pelo benefício da retirada dos lixos. São *invisíveis* em relação à limpeza que executam diariamente de tudo que é descartado na universidade, mas *visíveis* quando os sacos de lixos ocasionalmente se espalham ou se amontoam nos pontos da coleta, ou quando no trajeto ‘atrapalham’ o fluxo do trânsito.

Há ainda outro desconforto indicado pelo grupo quanto ao número de viagens que precisam fazer para dar conta da quantidade dos descartes que são levados aos contêineres.

Em local específico e isolado, estes ficam em *fila*, em torno de quinze desses contentores, de onde uma empresa terceirizada, contratada pelo programa, retira o material dando um destino final a todo o lixo comum que foi coletado.²⁸

[...] Vamos voltar prá pegar mais lixo. Isso não para. A gente lota a carreta e volta a descarregar 10 até 12 vezes no dia, quantas tiver... (explica Joel, Tratorista);

É uma atividade que cansa sim, é muito corrido prá dá conta de passar em todos esses pontos de coleta. Dá umas 10 carretas de lixo, em média. Se fosse prá coletar todo dia dava umas 6 carretas, mas precisa parar de segunda e quinta pros resíduos e as químicas, acumula nos outros dias. A UEM tá aumentando os bloco, chega a dá 10/12 carretas de lixo prá levar por dia [...] (relata Antonio, Coletor).

Assim se caracteriza a rotina do grupo da Coleta as terças, quartas e sextas-feiras.

As segundas e quintas-feiras eles ficam mais reservados para a coleta dos materiais recicláveis, ou os descartes químicos quando são chamados para retirá-los dos departamentos, mas quando não os tem seguem, igual aos demais dias, para a retirada dos lixos comuns.

Quando percebem que há certo acúmulo de materiais nos pontos de coleta, montam uma estratégia: um Coletor vai à frente ajuntando os sacos de lixo de maneira a otimizar a retirada. Com essa prática, conseguem facilitar a passagem do trator e agilizar todo o trabalho de *idas-e-vindas* que o grupo realiza diariamente.

Como explica Antonio, existe uma rotina e dificuldades:

Sempre tem alguém em férias, três cabe no trator, a carretinha é pequena, tem um banco na frente e outro banquinho atrás. Como tem muito lixo comum, no sábado também recolhe, tem aula e as zeladoras colocam o lixo prá fora. Na Creche, e na Anpacin, as zeladoras põe tudo no saco, tem até resto de comida, papel, lixo de banheiro.

²⁸Segundo os setores de Administração e Projetos do Pró-Resíduos, em janeiro/2011 foi realizada a quantificação dos resíduos sólidos produzido pela UEM: somam a duas toneladas/dia!. O cálculo é feito pelo volume geral do descarte depositado nos contêineres que é retirado pela empresa contratada. Não há avaliação por ponto de coleta.

Ao observar este pequeno grupo da coleta, constatei as condições e a forma que ele organiza em torno da atividade, e o quanto ficam às margens e invisíveis para a universidade. Não se trata apenas de uma percepção, mas, de fato, as pessoas sofrem os efeitos das convenções e do instituído sobre as significações e os *sentidos* que constroem, conforme sugerem os estudos de Mary Douglas (2007).

Batizado por ‘coleta de resíduos’, uma concepção do projeto que os criou, na realidade este setor faz uma atividade associada ao lixo comum que traz consigo o conceito de dejetos, que simbolicamente representa tudo aquilo que a universidade rejeita e afasta – a ‘sujeira’, ‘imprestável’, ‘ruim’, ‘descartável’.

Essa percepção e os sentimentos que dela decorrem, estão confirmadas quando Joel descreve o tipo de atividade feita por eles: “[...] *Só trocamos de lugar, o serviço é o mesmo. Só aumentou a parte da química e dos reciclados. Lá no DSM (refere-se ao Departamento de Serviços e Materiais, onde trabalhava) puxava o lixo comum, de vez em quando, madeira e terra para construção.*” E conclui, “*O Programa não muda nada não. Para mim é tudo igual. Agora aumentou só a química.*”.

Confirma Joel que apesar da definição semântica, a ‘palavra e a coisa’ se fundem quando trocamos o vocábulo lixo pela expressão de resíduos sólidos. Relativamente ao uso da concepção de ‘lixo’, ou ‘resíduos’, não é diferente quando ocorre em mesmas condições, pois a mudança do vocábulo não altera a história de hábitos ou preconceitos antigos em torno do ‘fazer’ deste tipo de atividade. O grupo ‘carrega’ o sentido de que a sociedade vai continuar produzindo seus resíduos, e estes representam os subprodutos do conjunto das atividades desenvolvidas por ela.

Nessa caracterização relacionada ao tipo de ocupação, permanece o resultado das significações e dos *sentidos* já atribuídos que se assemelham às coisas que não nos servem, e são destituídas de qualquer valor, inúteis, um universo de significações que neste tipo de trabalho podem se tornar extensivo às pessoas.

Deixando um pouco de lado a questão semântica do termo ‘lixo’, essas pessoas que fazem a coleta dos resíduos na universidade têm condições insatisfatórias para desenvolver o trabalho, que vão desde os recursos instrumentais e materiais, até os de higiene e saúde.

Olhando para as condições em que executam as atividades, e do que dispõem para retirar os lixos e os resíduos secos ou químicos, é fácil de notar o descuido no uso dos equipamentos pessoais de segurança, até os mínimos necessários como óculos de proteção e as luvas, necessários para quem trabalha na remoção dos lixos.

Para realizar a coleta eles dependem de um trator, um único, do patrimônio da universidade e não do programa. Este foi apenas trocado por outro já usado, uma história que foi lembrada por Joel.

[...] O sistema do trator já era assim (refere-se ao ‘antes’ de existir o programa). Só trocaram o trator, o outro era fumacento e barulhento, e esse agora é emprestado do campo de Umuarama tem mais ou menos um ano. Só aqui já rodou 1.400 h, mais que todo o tempo que o trator tem. Quando peguei estava com 500 h agora já marca 2.300 h. Eu quem dirige o trator. Se eu não tô, fica parado. A ordem é só eu pegar, porque é emprestado. Já faz três anos que nem tiro nem férias [...]. Agora tem mais gente prá fazer o serviço. Já fiz isso até sozinho dirigi, carregar, descarregar, tudo isso.

Fazer o que fazem e nas condições que o fazem, sem dúvida, é um jeito ainda ‘primitivo’ de retirada do lixo no campus da universidade. Um trator sem cobertura, com bancos improvisados na parte externa da carreta e sem espaço seguro para os coletores ficarem durante o trajeto da coleta, pois dentro da carreta, relativamente pequena, não há espaço, tantos são os sacos de lixos que recolhem a cada viagem. Mesmo assim, Joel encontra bom humor para brincar com a situação ao dizer que “*os vidros não sobem e quando chove muito, não tem como sair*”, e todos mantem um ritmo de trabalho acelerado, dia após dia.

Eis de volta a relação contraditória que enfrentam. O grupo da Coleta se qualifica por pertencer a um programa de gerenciamento de resíduos com responsabilidade ‘institucional e multidisciplinar’, de acordo com os objetivos do programa.

Desempenham um papel de importância para uma comunidade que tem que ‘dar conta’ do que produz, incluindo seus resíduos, passíveis ou não de reaproveitamento. Entretanto, ao que se vê para este conjunto de pessoas, além das precárias condições e da dificuldade de operacionalização que enfrentam no cotidiano, é o sentimento da invisibilidade. São indivíduos pouco percebidos ou considerados pelo que fazem e, não obstante, são imediatamente identificados quando deixam de fazer a atividade.

Investiguei, ainda, junto ao Setor de Projetos e com o próprio Setor de Coleta, se há algum estudo quanto à melhoria dessas condições, da máquina para remoção dos lixos, ou um melhor planejamento dos pontos de coleta.

O próprio Joel responde: “[...] *Essa carretinha enche três containers, não adianta aumentar a carreta que nem eles falam. Tem lugar apertado, tem que entrar no meio dos carro e a diferença é pouca*”. Ao que parece, são apontadas ‘soluções’ paliativas. O aumento de tamanho da carreta não traria um benefício de ‘aliviar’ o número de viagens. Não há nada de concreto que vá mudar essa situação tão cedo.

Quando se comenta sobre o dia-a-dia ou da rotina do pequeno grupo da coleta, ficam registrados apenas os sentimentos deles que mostram o descuido que há em torno do que fazem “[...] *Nós não para, para só para o café. [...] Hoje, quanto esse campo cresceu, cada vez construindo bloco, quanto estudantes cresceu, só arruma serviço prá nós...*” (Joel, Setor de Coleta).

Nos contatos feitos com a Administração, um dos depoimentos de Walter confirma essa dificuldade de estrutura e recursos que o programa enfrenta.

Precisamos de mais investimentos, um pessoal específico para retirada, por exemplo, dos produtos químicos, é retirado de forma arcaica, com o trator, que também não é nosso. [...] Acham que o papel do Programa é resolver. Não querem saber de nada, que não tem condições, não tem gente... [...] O ideal é que o próprio projeto já possa prever o que vai ser feito com o próprio resíduo. Mas por enquanto a reitoria pede que ainda não é hora para isso. É questão política... [...].

Esse tipo de invisibilidade e o ato de ‘não-ver’ essa organização social merecem uma melhor averiguação. Nas reflexões de DaMatta (1992), a fragilidade de um indivíduo ‘sem rosto’, daquele que se torna invisível publicamente, passa pelas práticas sociais, culturais e políticas. Estas, constituídas e instituídas no âmbito das relações sociais, são repassadas para as suas estruturas e, assim, permanecem seguindo certa lógica de intencionalidade.

Então, permito-me lançar hipóteses: esse ato de ‘não-ver’ pode estar ligado à questão de valoração, ao grau de prioridades que é dado às atividades do campus e o Pró-Resíduos não se traduz significante perante as demais que se incorporam à universidade. Outra hipótese seria a confirmação da ausência de políticas internas, de macro abrangência de gestão de resíduos pela universidade, da maneira como merece a complexidade dessa área.

Arrisco, ainda, uma terceira possibilidade. Talvez, o ato de ‘não-ver’ equivale a dizer que o Pró-Resíduos não se constitua um grupo da universidade politicamente organizado. Na instituição há uma hierarquia bem forte e demarcada: os professores, os alunos, os profissionais técnicos e administrativos, e os funcionários de apoio operacional; na sua origem o programa foi proposto e constituído apenas por profissionais dos níveis técnico e operacional.

De volta à questão dos sentidos de *inutilidade* dos resíduos, e da ideia de intencionalidade, a invisibilidade que se observa é muito próxima de uma relação culturalmente aprendida (e repassada), a mesma das relações cotidianas com aquilo que se usa, se descarta e não mais se quer ver.

Na visão de Calderoni (1998, p. 49), “Lixo é todo material inútil. Designa todo material descartado, posto em lugar público. Lixo é tudo aquilo que “se joga fora”. É o objeto ou a substância que se considera inútil ou cuja existência em dado meio é tida como nociva” (grifos do autor).

Quando consumimos, mercadorias e produtos aparecem; depois de usadas, as coisas ‘desaparecem’ no lixo. Essa também é a relação que temos enquanto cidadãos. É comum transferirmos, a responsabilidade para o ‘público’ aquilo que é um ‘problema privado’ e que provem do nosso uso e descarte. Do mesmo modo, é comum que as pessoas evitem pensar sobre essas questões ou nem se importe com elas, pois, uma vez estando longe, os resíduos e os lixos não mais as incomodam.

Ao que parece temos uma situação similar entre a universidade e o programa, mas onde a universidade assume a ‘posição privada’, delegando ao programa a total responsabilidade de um problema que é coletivo e de ordem institucional.

O resultado, igualmente ao do ‘público-privado’, é de que os gestores da universidade evitem pensar sobre a situação, até o momento em que os lixos e os resíduos (líquidos e sólidos) provenientes das atividades dos laboratórios, ou demais espécies de descartes, passem a incomodar a comunidade. Cabe ao programa, enquanto isso, manter o ambiente da universidade limpo e os resíduos encaminhados de acordo com os regulamentos e legislações. A impressão que fica é de que a universidade repassa ao Pró-Resíduos a responsabilidade de dar um fim ao que ‘incomoda’, sem se importar ‘como’, ou nem mesmo conhecer em que condições ‘se faz’.

Os estudos etnográficos realizados por Costa (2004) com os garis no campus da Cidade Universitária (USP-SP), mostraram importantes passos, e marco, para se conhecer e avaliar as condições psicológicas e morais que envolvem pessoas em condições de ‘invisibilidade pública’ no universo das atividades praticadas por elas. A questão, sempre preocupante – ‘qual o sentimento de uma pessoa estar invisível?’ –, foi alvo de sua análise em torno da problemática criação de ‘seres invisíveis’ e os fatores psicossociais que acompanham esse tipo de percepção humana.

Ele constatou ao longo dos anos de investigação, a intensidade com que a humilhação social e invisibilidade pública marcam os traços sociais e psicológicos em uma forma de trabalho não-qualificado e subalterno, como o trabalho dos garis.

Em suas palavras,

[...] O ofício de gari pareceu intensamente marcado por um fenômeno intersubjetivo: a *invisibilidade pública* – espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens. Bater o ponto, vestir o uniforme, executar trabalhos essencialmente simples (como varrer ruas, cortar mato, retirar o barro que se acumula junto às guias), estar sujeito a repreensões mesmo sem motivo, transportar-se diariamente em cima da caçamba de caminhonetes ou caminhões em meio às ferramentas ou lixo, são as tarefas delineadoras do trabalho daqueles homens. Tarefas nas quais pudemos reconhecer ingredientes psicológicos e sociais profunda e fortemente marcados pela degradação pelo servilismo (COSTA, 2008, p. 10-11).

Para o autor, a invisibilidade pública é uma espécie de desaparecimento psicossocial de um homem em meio a outros homens, em razão das danosas consequências que causam às relações e de como afetam as vidas das pessoas.

Em suas experiências de observação dos ‘mundos sociais’, Gonçalves Filho (2004) descreve que há um jogo de luz e sombras que marca a invisibilidade pública. Segundo ele, o aparecer de um homem no meio de outros homens é um acontecimento intersubjetivo, é um fenômeno psicossocial que, por vezes, não deixa de ser uma manifestação de um sofrimento como o de humilhação social.

A distribuição da luz e das sombras sobre objetos, ambientes e corpos, não é coisa que deveríamos tomar meramente como coisa física, o corriqueiro espetáculo de como o sol ou a lâmpada faz figurar certos lados, deixando outros sob penumbra, arquitetando o que vai brilhar e o que ficará escuro. A iluminação é coisa também social. O que vemos e o que deixamos de ver, o regime de nossa atenção, é decidido segundo o modo como fomos colocados em companhia dos outros, segundo o modo como também nos colocamos e como eventualmente nos recolocamos em companhia. [...] como nos pomos e como nos recompomos em sociedade, de pé ou de joelhos, prostrados ou revoltados, quietos e inquietos, nossa atenção só vem ver o que é para ser oficialmente visto, vem só ver e ouvir o que está autorizado ou vem reparar nas coisas e nos seres das margens e de meia-luz (GONÇALVES FILHO, prefácio, 2004).

O destacado trecho é parte da introdução da obra *‘Homens invisíveis – relatos de uma humilhação social’*, resultante daquele trabalho etnográfico de Fernando Costa.²⁹

Observo nele a importante discussão feita por Gonçalves Filho apontando que a noção de invisibilidade social contém a reciprocidade do ‘não-ver’ coletivo, transformada em uma intencionalidade significativa. Na medida em que nossa atenção é seletiva, ela se anuncia no processo interacional, em tempos e momentos, revelando ou escondendo, o vivido no cotidiano social.

²⁹ Iniciado em 1996, o tema gerou sua pesquisa de mestrado defendida em 2002 e as idéias continuaram a ser apuradas em vivências e estudos em sua pesquisa de doutorado, concluída em 2008.

A partir da fenomenologia e do princípio do ‘objeto fenomenal’, uma relação pessoal de início constituída intuitivamente na percepção e, depois, passada ao nível da consciência pelo processo interacional, se torna mais fácil entender a significação da invisibilidade social.

No sentido relacional dos fenômenos das interações humanas, significa dizer que o ‘ver’ e o ‘não-ver’ são ações sociais, seguem a lógica da proximidade espaço-temporal e aparece intencional, como uma prática coletiva, comum e cotidiana. Mas, no fundo, a sua significação social conduz a uma sedimentação de certas tipificações. A invisibilidade pública caracteriza a vida de muitos trabalhadores subalternos (a exemplo dos empregados domésticos, faxineiros, porteiros, garis), que deixam de ser vistos como pessoas e passam a ser tratados como ‘coisas’. Pessoas cuja subjetividade é ignorada e, mais do que isso, não reconhecidas na própria condição de humanidade (COSTA, 2004).

É de fato essa espécie de ‘jogo de luz e sombras’ que envolve as pessoas em torno do Pró-Resíduos. Isso é percebido por eles, como explicou Clemente, um dos coletores, – “*O pessoal não vê a gente, só vê a gente catando lixo e acham que é só isso. Aqui é prática, a gente faz.*”

Há um sentimento de não ser visto e, sobretudo, a percepção de que o ‘eu invisível’ tende a significar o insignificante pelo olhar de ‘outrem’, conforme expressou Pedro, na verdade em tom de desabafo:

[...] Parece que me jogaram aqui, não vejo utilidade minha aqui na UEM fazendo esse serviço aqui. Onde você trabalha? (quando perguntam)... na reciclagem de papel... vem aqui e olham isso (aponta para o local e as pilhas de papéis usados). Eu nem atendo ninguém aqui, não. Vou conversar lá fora, nem mostro isso. (Pedro, Separação de Papéis).

Já é confirmado que múltiplos sentimentos são gerados e estão ligados ao sentimento central de ‘ser invisível’ para os outros: a vergonha, a impressão de insucesso pessoal, o isolamento, a clandestinidade, o medo, a violência (DIB-FERREIRA, 2005; COSTA, 2004; EIGENHEER, 2004).

Em síntese, na vida cotidiana o conjunto de emoções sentidas por todos, a cada momento de experiência relacional, direciona o olhar de como o indivíduo vê o mundo, na ordem subjetiva. Na intersubjetividade social, tais visões são compartilhadas, ou seja, a dinâmica interacional une intimamente a pessoa ao mundo amargo e silencioso da invisibilidade social. Pode-se descobrir, a partir da invisibilidade, a força dos preconceitos visuais, da humilhação, da vergonha de ‘si’, alimentando um sentimento de inferioridade perante os demais.

No caso do Pedro este aspecto se ressalta ainda mais, pois seu envolvimento com o programa se limita a um tipo de atividade que, pessoalmente, não lhe acrescenta em termos de conhecimentos, nem mesmo o faz se sentir produtivo perante o grupo ou reconhecido pelo que faz.

Nesse universo em que vive e nas atividades que realiza, não há como estabelecer uma experiência relacional que resulte em um sentido útil para ‘si’, ou ‘de si’ para o grupo.

Seu contexto de vivências pessoais, a atividade realizada em local separado dos demais e a própria organização do trabalho, parece que lhe trazem a ‘marca’ como pessoa de baixo valor simbólico, conforme ele evidenciou em outro relato:

[...] Com isso a gente nem dá valor prá gente mesmo. Como a gente que trabalha aqui pode se dá valor? (faz a pergunta para mim, e continua dizendo) [...] que valor tem isso? No escritório é diferente. Se fosse prá fazer esse trabalho num escritório, outra sala melhor, seria diferente... (pergunto como seria) [...] Algo que tivesse vista, uma cadeira, mesa, caneta, livro prá fazer anotações. Mas isso aqui é o resto, é o lixo da UEM... (mostra a cadeira que usa faltando um dos braços e o apoio das costas fora de lugar). Olha isso (aponta para a mesinha velha), é o que me dão [...] (Pedro, Separação de Papéis).

Significativamente marcado por um fenômeno intersubjetivo, sua invisibilidade pública associada ao sentimento de vergonha³⁰, resulta em certa fragilização da autoimagem, de certo fracasso de sua própria história, das relações de humilhação social que estabelece com o grupo e com a sociedade – uma condição do estigma.

Uma dinâmica em que deflagra uma representação estigmatizada do ‘eu’ na vida cotidiana, um atributo de quem está ou se sente isolado, de quem não consegue lidar com a rejeição dos outros e que estabelece uma diária e constante busca para fortalecer e construir uma identidade social (GOFFMAN, 1988).

Nesse universo entre ‘lixo e resíduos’ que caracteriza a prática cotidiana do grupo, os sentimentos que envolvem a pessoa estigmatizada e a sua interação com os outros (ditos ‘normais’), é uma questão que busco examinar um pouco mais, em especial com Pedro e os integrantes ligados à Coleta do Lixo, em função da estreita e intensa experiência relacional que essas pessoas vivem diariamente com o ‘mundo do lixo’.

³⁰ Em ‘As Origens da Vergonha’ o psicólogo social Vincent de Gaulejac considera que a vergonha é indissociável da relação social que contrasta o sujeito com as normas do seu meio, com os valores da comunidade à qual ele pertence e revela como cada indivíduo reage distintamente a uma situação de humilhação, em função dos componentes psíquicos próprios. A vergonha é um sentimento social e psíquico particularmente doloroso, que engendra o silêncio, a inibição, o fechamento em si (Goulejac, 2006).

3.3 ENTRE O LIXO E RESÍDUOS - DA INVISIBILIDADE AO ESTIGMA

Nas mais diversas visões retratadas nos estudos sobre o lixo, desde o eixo de desenvolvimento da sociedade à contradição social, os pesquisadores brasileiros consultados levantam a necessidade de aprofundar questionamentos e análises sobre o tema, pelos impactos sociais tão acentuados que envolvem a relação homem-lixo.

Mostram os estudiosos da área que o lixo está associado à demanda social de sobrevivência para muitos, mas, considerado um problema mundial fora de controle e com sérios danos ao sistema ambiental e difícil mensuração ao sistema humano.

Parafraseando DaMatta (1992), no ‘mundo do lixo’ encontram-se muitos brasileiros ‘Zés da Silva’, tratados e classificados assim socialmente, vivendo em situação vulnerável como um ‘ser fragilizado’ pela pouca, ou a falta, de reconhecimento social e político.

Analisando a noção ambígua do lixo nas relações contemporâneas, Dib-Ferreira (2005) traz histórias sobre os sentimentos de duplicidade que os indivíduos têm com o lixo, chegando ao ponto de se fazer uma divisão dos efeitos dele entre ‘bom’ e ‘ruim’. Se, por um lado, lidar com o lixo ou resíduo é degradante, por outro, é motivo de emprego-renda para muitas comunidades e para muitos homens e mulheres ‘anônimos e invisíveis’.

Menciona-se, em razão dos seus nocivos efeitos ao homem, a existência de programa de coleta seletiva de lixo em que os participantes passaram a diferenciar um ‘lixo limpo’ do ‘lixo sujo’. O ‘limpo’ implica em um tipo de lixo ‘útil’, uma classificação feita na tentativa de minimizar as relações negativas em torno dos conceitos de resíduos e dos reciclados (DIB-FERREIRA, 2005).

Fatos que comprovam, então, que a relação com o ‘lixo’ nos remete a ideia de algo sujo e ruim, de repugnância, nojo. Um significado que passa pela imundície que, por sua vez, está associada à ideia de impureza e pecado (EIGENHEER, 2004). Mais do que algo físico, ligado às questões de saúde, doenças, contaminação, segundo o autor, há um grande aspecto simbólico no desejo de afastamento do lixo.

Para Douglas (1976, p. 28), a impureza é secular e a razão da existência primitiva das purificações rituais.

Um indivíduo que tenha atingido o grau mais alto torna-se-á impuro se entrar em contacto com um indivíduo que tenha atingido o grau intermédio e todo o contacto com alguém em estado de impureza tornará impuros aqueles que tenham alcançado os graus superiores. Só se alcança o grau máximo de pureza através de um banho ritual.

Esta interpretação da impureza conduz-nos diretamente ao domínio simbólico, e na história da existência do homem, segundo a autora, há uma relação mais evidente com os sistemas simbólicos de pureza, ficando a impureza definida em categoria residual, rejeitada pelo nosso esquema habitual de classificação.

Nessa relação, há atributos depreciativos que produzem efeitos estigmatizadores para as pessoas que se envolvem com este tipo de atividade.

A sociedade tende a categorizar e associar às pessoas, principalmente quando estes atributos são depreciativos comparados com os atributos considerados comuns aos membros de cada categoria, e se utiliza do termo ‘estigma’ para identificá-los, como interpretou Goffman (1988). Portanto, estigmas correspondem aos fatores reconhecidos pelas pessoas, como de humilhação, desonroso, usados para se reconhecer ‘ao outro’.

O autor aponta que o termo estigma, em sua origem entre os gregos, referia-se a sinais corporais (feitos com cortes ou com fogo) que serviam para evidenciar ou identificar algo sobre o status moral de quem os tinha, a exemplo de um escravo, criminoso, traidor.

De maneira simplificada, o estigma representa uma marca, ‘algo de mau’ para a convivência social. Pode ser considerada uma situação onde indivíduo está inabilitado de aceitação social plena.

Ainda na visão do autor, em nossa comunicação diária há termos específicos de estigma que são usados na forma de se referir às pessoas, a exemplo de *aleijado*, *bastardo*, *retardado*. As expressões, na condição de metáforas, são retiradas de seu contexto convencional e passam a simbolizar um ‘valor’, um novo campo de significação conotativa pelo seu efeito, sem necessariamente ter o seu significado original.³¹

Esse tipo de ‘jogo de palavras’ largamente utilizado em relação ao ‘mundo do lixo’ – sujeira, jogado, entulho –, traz *sentidos* e efeitos semelhantes aos sinais do estigma – uma marca.

“[...] *Não gosto de sujeira* (diz Pedro, na reciclagem; acena negativamente com a cabeça e mostra o local), *gosto de limpeza*. *Ainda vou arrumar tudo isso, você vai ver como vai ficar, bem em ordem*”. No entanto, durante o período de observação, isso não ocorreu.

O meio atual e a atividade que realiza confere ao Pedro *uma* experiência – única e singular –, cujos conteúdos já estão no seu repertório de *sentidos* subjetivados. Ao mesmo

³¹ Metáforas são largamente usadas em relação ao universo do *lixo*. “Com palavras relativas ao mundo do lixo como sujeira, podridão, jogado, imundice, não prestar, criam-se expressões como “louco varrido”, “apodrecer na prisão”, “(alguém) não presta para nada”, “trapo humano”, “boca do lixo”, entre outras (Eigenheer, 2004, p.22, grifos do autor).

tempo em que se tornam *objetivados* pelos significados já conhecidos e institucionalizados, esses *novos sentidos*, já incorporados por ele, constroem suas barreiras, seus estigmas.

Eigenheer (2004), em sua extensa experiência voltada à área de educação ambiental e dos resíduos sólidos domésticos, confirma que pessoas que trabalham com o lixo são discriminadas e, em muitos casos, considerados cidadãos de terceira categoria. Seu estudo acerca das profissões rejeitadas destaca que a do *lixeiro* vem em primeiro lugar, seguido por *gari* e *faxineiro*, entre as ocupações mais citadas. O autor ainda relaciona que os lugares em que o lixo é disposto são considerados malditos e, geralmente, relegados aos cantos e periferias das cidades.

Nos contatos com o grupo da coleta verifiquei que existe essa percepção social. Frequentemente eles se deparam com as impressões que os outros têm sobre o que fazem, como conta Antonio, outro integrante da coleta: “[...] *Um serviço que quase ninguém gosta... O pessoal acha que é a pior coisa de se fazer, mas não tem nada a ver, já me acostumei*”.

Em outros momentos, os coletores tentam ‘justificar’ a imagem negativa associada ao lixo que os ‘outros’ usualmente fazem da atividade deles.

Imagino que dizem isso porque esse trabalho não tem futuro, acho que é isso. Acho que tem serviço pior que esse aqui. Cada um se adapta no tipo de serviço. [...] Todos trabalho são digno. É o lixeiro, o coveiro, se não tivesse isso tudo como ficaria? (diz Antonio);

[...] Uns amigos até criticam - “vai trabalhar no lixo?”. Gente tipo cocozinho. Eu até já trabalhei de desentupir banheiro que é bem pior. Não tenho receio de nada, não. Não tenho medo (comenta Jairo).

Tamanha é a ação das significações produzidas e estabelecidas socialmente pelo ‘modelo de categorias’, que as tipificações decorrentes delas ‘cataloga’ as pessoas conforme os atributos considerados comuns e naturais pelos membros dessa categoria.

Cria-se, então, um modelo de designação social do indivíduo intrínseco ao processo das vivências cotidianas e, para o sujeito estigmatizado socialmente, cria-se o sentimento de descrédito em relação a ‘si’ e à sua vida.

Assim, o lixo é considerado, na sociedade contemporânea, o local dos excluídos e rejeitados, dos que possuem uma identidade social deteriorada (GOFFMAN, 1988), dos indivíduos estigmatizados, das pessoas estragadas e diminuídas. E por ser assim considerado, é o ambiente em que apenas uns poucos escolheriam estar por vontade própria. Porém, em alguns casos, é a opção que resta. A única forma de se sobreviver e de se almejar reconhecimento social. Neste modelo social descrito, alguns grupos vivem do lixo (CUNHA, 2009, p. 187).

Esse processo estabelece também as categorias a que as pessoas devem pertencer, ou ainda, os seus atributos. Significa que a sociedade determina um padrão externo ao indivíduo por meio do qual se pode prever a identidade social e as relações com o meio.

A experiência vivida por Clemente no setor da coleta, exemplifica essa relação tipificadora, a partir da reação de funcionários de outros setores da universidade. Em suas palavras:

Lembro que quando comecei alguém me viu e fez uma pergunta como se eu tivesse fazendo uma experiência, uma atividade forçada – “você é apenado?”, perguntou prá mim. Acham que o trabalho é um tipo de punição, que tá sendo punido por algo, tipo um trabalho comunitário de prestação de serviços por algo que cometeu de errado... A pessoa já tinha me visto no laboratório antes (refere-se ao seu local anterior de trabalho). As pessoas vivem muito da aparência [...].

A sociedade tende a limitar e determinar a capacidade de ação de um sujeito estigmatizado, marcando-o como desacreditado pelos efeitos maléficos que pode representar para as relações.

Quanto mais visível for essa ‘marca’, menos possibilidade tem o sujeito de reverter, nas suas interrelações, a imagem formada anteriormente pelo padrão social. O desprezo social e o não-reconhecimento dão origem ao sentimento de invisibilidade e da insignificância (SÁ PINTO TOMÁS, 2008).

Retomando os escritos de Erving Goffman, focados no vínculo entre o espaço e vida social, encontro a ideia de que a construção identitária assume importância na interação social. Nos vínculos interacionais se refletem as ações de todos os dias e a forma como cada um desempenha o seu papel e gera a impressão uns-nos-outros, em diferentes contextos. Por vezes, os atributos da identidade pessoal não permanecem positivos, se ocorrerem “[...] fatos sobre o passado ou o presente do indivíduo que poderiam desacreditar por completo a identidade que ele sustenta no momento” (GOFFMAN, 1988, p.67).

A sociedade tende a categorizar as pessoas e os atributos considerados comuns aos membros de cada categoria; estas categorias e seus atributos constituem então, a ‘identidade social’ do indivíduo. Esta identidade social, por sua vez, pode ou não ser estigmatizante. Já para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade.

Sob essa ótica, estamos, a meu ver, cercados das significações produzidas na sociedade e tomadas por nós como fato dado no cotidiano, bem como, para a realidade de

cada um de nós. Citando Berger e Luckmann (1985, p.52), “[...] a realidade social da vida cotidiana é, portanto, apresentada num contínuo de tipificações que se vão tornando progressivamente anônimas a medida que se distanciam do aqui e agora.”

Por meio de categorias sociais e os símbolos, as classificações prévias usadas para representar o lixo e os trabalhadores que lidam com o lixo são apreendidas por nós, e nos fornecem os modelos com os quais vamos interagir com esses sujeitos sociais.

São, então, essas tipificações e suas associações que nos fornecem não só as noções de ‘lixo’ mas também de ‘quem está no lixo’, conforme identifiquei na fala de outro integrante: *“Parte de discriminação tem sim, um colega que é pedreiro, servente, acha que são superior a mim. Nessa parte de discriminação, tem sim. Eles se acha superior”* (Antonio, Setor de Coleta).

Assim, se pode compreender a categoria de análise de Goffman (1988) – o estigma. Ao analisar o significado especial das relações sociais e dos vínculos, o autor verifica que a “categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real” (GOFFMAN, 1988, p.06).

Por pressuposto, o autor pensa que há um (re)conhecimento por parte do indivíduo em busca de uma identidade pessoal a partir de ‘marcas positivas’, aquelas características por ele valorizadas, presentes em sua história de vida. Mas ao analisar as relações e os vínculos, Goffman observou que nem sempre ocorre dessa maneira no cotidiano daquelas pessoas que são marcadas pelos ‘símbolos do estigma’.

Diz Goffman (1988, p. 12), “[...] Uma estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e conceito, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito”.

Portanto, o estigma não é apenas um atributo pessoal, mas uma forma de designação social que produz um amplo descrédito na vida do sujeito; em situações extremas, é nomeado como ‘defeito’, ‘falha’ ou desvantagem em relação ao outro. Neste caso, o social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder (no caso do controle social).

Este é o complexo universo das relações interacionais – das identidades pessoal e social – no que se refere à troca de impressões e na construção de imagem ‘estigmatizada’.

Como ilustração, lembro-me de outro exemplo que envolveu a Oficina de Papéis. Muito próxima de um dos prédios da administração da universidade, frequentemente a oficina é ‘lembrada’ pelos funcionários administrativos pelo desconforto de algum barulho que causa

à sua vizinhança. “[...] *hoje fiquei aborrecida, pedi desculpas na hora e desliguei. [...] Nosso setor é assim mesmo, incomoda as pessoas.* Alícia referia-se à reclamação que recebeu pelo barulho do triturador de fibras em funcionamento. Ela se apropria das impressões e dos símbolos do estigma para concordar com a imagem criada que ‘é assim’, o ‘setor incomoda’.

Na fabricação dos papéis é fundamental a trituração das fibras, etapa que antecede ao cozimento delas. Quando pergunto à Alicia como vai continuar fazer a sua atividade diante do fato, ela prontamente afirma: “[...] *Não tem importância. Vou bater na hora do almoço. O aparelho é barulhento mesmo. Prá quem não está acostumado, incomoda. Vou ficar direto, e depois vou embora no meio da tarde. Não dá prá ficar sem o material de trabalho.*”

Quando as pessoas têm alguma relação com o objeto estigmatizado, como no caso dos resíduos, elas tomam o sentido estigmatizador para si, tendem ao afastamento ou a criação de condições de continuar seguindo. Como diz Goffman (1988, p.22), “a simples previsão de tais contatos (*entre um estigmatizado e os normais*) pode, é claro, levar os normais e os estigmatizados a esquematizar a vida de forma a evitá-los”. (grifo meu)

Ressalto que Goffman faz referência de que um indivíduo pode ser conhecido por grupos de pessoas que possuem sobre ele um conjunto de informações (marcas) diferentes. No entanto, essas diferenças incompatíveis umas com as outras (símbolo do estigma) podem não ser uma imagem percebida ‘ruim’, ou negativa, nas situações de contato cotidiano entre os membros do grupo.

Presenciei em vários momentos junto aos setores, que uma possível imagem negativa vinda por parte da comunidade, ou em relação à atividade que fazem, não é um fato percebido tão ‘destruidor’ para eles ou que seja internamente destacado como um ‘defeito’ (com ressalvas para o caso de Pedro).

Ao contrário, para a maioria deles, ainda que expostos à condição liminar, o programa produz um *status* psicológico bom que se manifesta no tratamento entre eles, na cordialidade e, até na tolerância uns-com-outros. Pertencer ao Pró-Resíduos e estar com o grupo na qualidade de responsável pelo andamento dos setores, é uma situação que mistura certo desafio pessoal como no caso dos integrantes da Coleta de Lixo.

Para outros, ‘ser do grupo’ também é visto como uma possibilidade de fazer algo que se ‘descobriu’ como uma nova possibilidade de realização pessoal, como constatei observando a relação pessoas-trabalho nas oficinas, no projeto e na administração. Ou ainda, no caso da coordenadora, ter o *sentido* de criação própria, uma meta de vida.

Segundo Goffman (1988), os membros de uma ‘categoria’ de estigma tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais, e estes membros acabam por ter ‘agentes e agências’ que as apresentem. O autor considera que são pessoas com o estigma, mas que tem um pouco mais de oportunidades de se expressar coletivamente, mais relacionadas ou mais conhecidas. É possível observar mais sobre a questão abordando mais sobre essa dimensão coletiva criada por eles, como analisei no item dos ‘modos de ser e fazer’ do grupo.

Pensando um pouco mais a noção do estigma, passo a olhar com maior cuidado quais aspectos podem dar ou não o suporte necessário ao grupo e aos seus integrantes em suas relações diárias.

3.3.1 Reciclado ou Lixo?

Verificou-se até aqui a marca cultural depreciativa em torno da atividade ligada ao ‘mundo do lixo’, bem como, as formas de anonimato e marcas que retratam os sujeitos sociais que se ocupam com esse tipo de atividade.

Ao conhecer mais sobre a dinâmica interacional dos integrantes do PRORESÍDUOS, constatei que o universo das atividades e as ocupações trazem o movimento liminar para seus integrantes, à medida que estabelecem certas condições sociais identificatórias e de *status* trazidas pelas circunstâncias vividas.

Na dinâmica das interações sociais, observei os significados e simbolismos associados à mudança de *status*, próprios da condição da liminaridade. Tais mudanças configuram e personificam as histórias pessoais, o ‘antes e depois’, e são definidoras das experiências individuais e coletivas.

Nesse processo relacional destacaram-se as significações negativas e estigmatizadoras que cercam a invisibilidade e estão em torno da posição liminar que envolve as pessoas no ‘mundo do lixo’. Porém, trata-se de um fenômeno mais acentuado no Setor de Separação de Materiais, melhor dizendo, no ‘depósito’ onde se faz a separação dos papéis recicláveis onde considero mais crítico de análise em razão da multiplicidade de fatores que envolvem a pessoa e as condições do local em que se dá a atividade de reciclagem.

Meu primeiro contato com Pedro ainda está presente em mim. Ele é o único responsável pela atividade de reciclagem, integrante do programa desde novembro de 2010. Trabalha num espaço isolado localizado próximo à garagem da universidade; um local que se compara a um depósito de materiais usados, entulhado de coisas velhas. Um pequeno

‘puxadinho’, construído *meia-água*, antes usado pelo setor de obras e artefatos de cimento para guardar materiais. Um lugar por onde não se transitam muitas pessoas da universidade. Um construído tipo ‘meia-água’ com a cobertura ondulada de telha amianto e com trincos bem aparentes pelo tempo de uso. Uma das ‘paredes’ laterais é *fechada* com uma espécie de alambrado de fio aramado, da metade até o teto, por onde entra claridade e vento (e, dependendo, também a chuva).

As fotos explicitam melhor essa condição e a situação do ambiente.



Frente do prédio



Lateral do prédio

Ilustração 14 – Separação de Materiais – Parte Externa



Interior (25/02/2011)



Interior (12/03/2011)

Ilustração 15 – Separação de Materiais – Espaço Interno



Interior (28/03/2011)



Interior (07/04/2011)

Ilustração 16 – Separação de Materiais – Espaço Interno



Interior (15/06/2011)



Estrutura interior

Ilustração 17 – Separação de Materiais – Espaço Interno

Notei, no início dos contatos, que Pedro arriscava encontrar um bom motivo para estar nessa atividade de separação dos materiais, “[...] *Falaram que estava precisando e disseram que estava perdendo muito dinheiro aqui [...] Não tinha ninguém que fazia isso*”.

Também se mostrava receptivo para encontrar um nome para o local (já que ainda não sabia como chamá-lo), “[...] *como galpão de reciclagem, porque galpão de lixo é muito feio, barracão também não... “o cara trabalha no barracão” [...] é coisa de barraco, então não... É... pode ser isso, galpão de reciclagem [...]*”. Demonstrava um jeito animado que contar sobre seu trabalho e para me receber no ‘seu galpão’.

Durante a entrevista, descreveu o local como qualquer outro para se ‘estar’ ou trabalhar, construindo imagens até positivas sobre o espaço de trabalho.

[...] *é lixo? Não, aqui é reciclagem, não é isso?* (Ao final da entrevista arriscou a mostrar sua versão mais otimista) [...] *Vem de novo que já falei que isso aqui vai ficar tudo limpo, bem bonito, vou tirar tudo isso* (mostrando as pilhas de papéis e caixas amontoadas) *e arrumar tudo. Saí de férias e na volta encontrei essa bagunça aqui. Mas você vai ver. Isso vai ficar tudo arrumado. Gostei de conversar com você...* (Pedro, Separação de Papéis).

E voltei por várias vezes, fixando ainda mais as lembranças das primeiras impressões e sensações registradas quando o conheci. A cada contato, depois do encerramento ia embora ficando no meu pensamento a imagem formada desses momentos de observação, sobre o que me contava das suas experiências e as condições em que realizava a atividade.

Observei que, à medida que o tempo passava, a ‘animação’ cedia lugar para a irritação, e escutei várias queixas sobre a atividade e de como lhe tratavam. Mostrou muito de seu sentimento de indignação pelo que faz e das condições que lhe dão, não só em função da atividade, mas, sobretudo, pelas condições e o local onde a realiza.

Quando Pedro relata a história de como se incorporou ao programa e sobre as atividades que ‘lhes deram’, na maioria, são descrições acompanhadas de qualidades ruins e associadas a algo sem importância. “*Disseram prá mim: o serviço é esse, se quiser fazer é isso aí [...]*”; “[...] *Descarregam tudo, assim ‘poft’* (faz gesto e o barulho de coisa sendo jogada). *Vão jogando tudo por cima e vão embora.*”

Em local separado dos demais integrantes e fisicamente longe dos outros setores do programa, Pedro, único ‘ator’ dessa experiência, tem um pequeno espaço com medidas aproximadas de 3x5 m., repleto de papéis e apostilas velhas, revistas, caixas, papelões, catálogos, plásticos, restos de computadores, lâmpadas fluorescentes queimadas. Enfim, uma mistura de materiais descartados pelos departamentos da universidade, que são deixados nas segundas e quintas-feiras no local pelo grupo da coleta, sempre que os reciclados são recolhidos.

Em um dos momentos de observação, percebi que havia aumentado bem a quantidade de materiais no espaço. Ao perguntar sobre seu dia-a-dia e o andamento dos trabalhos, reage num misto de explicação e desânimo: “*É assim mesmo, eles trazem os papéis prá reciclar. Prá vender tem que juntar muito [...]*”.

Tudo lá dentro é ‘velho e feio’. A cadeira que usa para trabalhar, com encosto quebrado e faltando os braços de apoio. Uma pequena mesa, ao canto, que serve de suporte, em condições precárias para uso, de velhice e também pela quantidade de coisas que colocam

sobre ela (parece uma extensão do chão). Visualmente o local reflete mesmo a maneira como as coisas acontecem por lá ‘poft’... ‘jogam tudo por cima e vão embora’.

Já se mencionou que o programa tem dificuldades de estrutura física e faz ‘arranjos’ de toda a espécie para se manter funcionando.

É comum vê-los ganhando materiais ou equipamentos – triturador de fibras, fogão, armários, arquivos, computadores e até pacotes de papel sulfite que trocam com a gráfica por papéis de impressão reciclados. Os objetos e materiais chegam a título de doação dos departamentos da universidade para o programa. Geralmente, são aqueles objetos que estão sendo descartados por eles e acabam sendo (re)aproveitados pelo grupo, principalmente pelas oficinas e a administração.

Conquistar um espaço físico para estabelecer o programa também foi algo que sempre dependeu de ‘conversações’ internas. Foi assim que Marta, na condição de coordenadora, conseguiu ‘fixar’ o Pró-Resíduos no local de funcionamento atual, próximo à reitoria da universidade (Anexo 1).

Mas nada se compara ao ambiente onde Pedro passa oito horas do seu dia, somado à natureza da atividade e as dificuldades de fazer o trabalho até em função da mistura de materiais que vão deixando por lá.

São elementos que, de fato, possibilitam um repertório negativo de pensamentos, sentimentos, impressões e até comportamentos de quem passa por uma real situação de humilhação, vergonha, de ‘si’ e diante dos ‘outros’.

No dia em que voltamos a falar e pensar o seu espaço de trabalho (sobre um possível nome para ele), Pedro demonstrou visivelmente a percepção negativa do local e o desagrado do que faz. “[...] *Sala? ... isso não se parece uma sala... galpão a gente já viu que não tem tamanho prá isso... Não batizaram, não deram nome porque é sem valor prá eles. Só querem saber do dinheiro*” (referia-se ao obtido pela venda do material para uma cooperativa da cidade).

Agora já diz, e contradiz, as impressões iniciais mais positivas. Tratou o local de ‘*muquifo*’ numa referência a um local sujo, mal frequentado, mal cuidado. Sem dúvida, ele não se referia a um possível significado de ‘casa-pequena’. Expressou, de maneira clara, seu descontentamento em sua relação ao seu cotidiano, “[...] *Fico parado, com um monte de papel velho, um lixo, uma sujeira que não gosto de estar*”.

Lembro-me dos escritos de Fernando Costa e da situação muito próxima dos garis da cidade universitária, no local destinado a eles ao término das atividades. Retomo algumas partes dessa descrição:

Os garis, depois das faxinas públicas, são recolhidos como flanela suja, aquela que não deve ficar na sala de estar quando as visitas chegam. Na cidade Universitária, o viveiro parece funcionar como um quartinho de despejo [...] para instrumentos, os instrumentos intactos e também quebrados, imprestáveis [...] Não é lugar de visitas. O viveiro deve ficar escondido. E existe gente que deve ficar escondida (COSTA, 2004, p. 126).

O ‘viveiro’, como é chamado o local da cidade universitária, serve para deixar os pertences, para guardar o material de trabalho e descansar ao final da jornada do grupo da limpeza. Estrutura e procedimentos já instituídos e que ‘seleciona’ quem deve ficar às margens. Lembrei-me até de uma expressão (antiga) muito comum usada por selecionadores em psicologia organizacional: ‘pessoa certa, para o lugar certo’. Uma referência de uma maneira já convencionada pelos trabalhos da psicologia que define os perfis e separa quem pode ou não pertencer àquela posição, trabalho ou *status* social.

Destaco mais alguns trechos da descrição do da situação do ‘viveiro’ para ilustrar o ato estigmatizador.

[...] representa o que há de pior em termos de infra-estrutura, arquitetura e visibilidade dentro do campus prédio inacabado, partes com laje mas sem telhado, outras com telhado mas sem laje, detalhes sempre por realizar, piso velho e mal rejuntado [...] paredes não foram amaciadas antes da pintura, banheiros imundos, sem papel higiênico [...] vasos sanitários sem tampa, algumas torneiras pingando e outras das quais não sai água (COSTA, 2004, p. 72-73).

O ‘nosso viveiro’ é um pouco de cada um desses detalhes excluindo que nele não existe todas as ‘paredes’, muito menos a pintura, nem banheiro, torneiras (quando precisa Pedro vai usar ou buscar no prédio vizinho). E o piso daqui, é apenas um grosso cimentado.

À semelhança do ‘viveiro’ da USP, a área de trabalho de Pedro também não faz parte das referências de lugar dos sujeitos que frequentam a UEM.

Relembrando o *jogo de luzes*, o setor de Separação de Papéis está ‘escuro’, escondido. Não possui, por assim dizer, uma ‘luminosidade pública’. Ambos se tornaram e permanecem invisíveis – Pedro e seu local de trabalho.

Observando sua maneira de trabalhar e separar os materiais, peço a Pedro para me contar como é esse processo de triagem. Sem parar de fazer a ‘separação’ vai, ao mesmo tempo, mostrando os diversos materiais que está empilhando num grande saco. Escolhendo este ou aquele papel, catálogo, plástico separando-os em lugares diferentes, em sacos ou pilhas, diz que tudo tem que ser separado dependendo do tipo. Rasga os papéis menores e separando-os, explica: “*Esses são retalhos, fica tudo misturado. É outro valor, os brancos valem mais [...]*” (refere-se aos tipos diferenciados de papéis recicláveis).

As etapas mais importantes no processo de reciclagem de papel estão na coleta seletiva – papel sulfite ou coloridos, papelões, jornais, revistas, apostilas, caixas, etc –, e na etapa de triagem e separação dos tipos de materiais. Esta é decisiva, pois é ela quem valoriza o papel-resíduo e permite obter pastas recicladas de melhor qualidade no processo da reciclagem do papel usado (na compra/venda existe uma precificação diferenciada por esse motivo).

Tais informações são do universo dos recicladores em geral, e confirmei isso junto à empresa tercerizada, prestadora de serviços para o programa na retirada do lixo comum, e que lida com diversas questões relacionadas aos resíduos. Porém, não é algo do repertório do conhecimento do nosso ‘reciclador’. Pedro tem a ideia de que é necessário fazer a segregação dos materiais, pois está alí para esse fim, mas não tem, conceitualmente, a importância da atividade que faz.

[...] Aprendi sozinho os tipo de papel, papel branco, papelão, plástico – cada um tem um valor diferente. Antes tinha que tirar as capas plástica das apostilas, os araminhos também. Agora só tiro os plásticos prá separar. Cada mais ou menos 45 dias vem a empresa levar. Tem que juntar até dar uns mil quilo (explica Pedro, Separação de Materiais).

Novamente deparo com mais fatos que reforçam o conjunto dos elementos formadores de sua experiência pessoal e profissional. Além de ser isolada e descontextualizada, é ainda, ‘descolada’ da história do grupo.

Em seu contexto simbólico e de significações, aprendi com este Reciclador o significado das circunstâncias que constroem os fatos da vida social. Isolado das relações, numa atividade desconsiderada, com péssimas condições de trabalho, Pedro se esforça (e muito) para superar seus momentos de ansiedade, tensão, frustração e de autoquestionamento.

Onde você trabalha (ele se pergunta, e responde). *Na reciclagem... já pensou? Se uma pessoa vem fazer visita prá mim? Tem condições? Você entende isso? Já pensou tirar você de um serviço que gosta e colocar onde não gosta? Você me entende? Foi o que fizeram comigo. Isso aqui não é trabalho, não dá nem prá apresentar esse lugar prá alguém...[...]* (Pedro, Separação de Materiais).

A construção que faz de sua autoimagem está associada à desqualificação social e expressa sentimentos como a humilhação, o descontentamento, a vergonha, a necessidade de se sentir gente.

Reflete um olhar negativo do que faz e uma visão depreciativa, igual ao do lixo, em trabalhar com material reciclável e cercado pelas condições em que se encontra. A

humilhação marca a personalidade por imagens e palavras ligadas a mensagens de rebaixamento.

Os humanos vivem de receber influências assim e vivem de assim influenciar outros humanos. Justamente, esse poder é o que fica como que interrompido, diminuído ou desmanchado para alguém que, ali, conta como alguém em situação social e crônica de inferioridade [...] (GONÇALVES FILHO, 2001, p. 25).

Acompanhando um pouco desse dia-a-dia de Pedro também aprendi e constatei que o sujeito social não somente é imaginário, e não deixa de serem pessoas singulares com sua individualidade humana e fenômenos psíquicos (BARUS-MICHEL, 2004).

Humilhado e envergonhado ele necessita experimentar um ‘eu’ diferente, um novo *status*. Seu mundo interacional, no contexto em que se dá sua vivência atual, é que lhe fornece a visão-de-mundo. Nas palavras de Costa (2004, p. 230), “Existe uma relação espetacular ou um revezamento nessa troca de olhares, nesse jogo de luzes [...] Quando a luz do olhar do outro não retorna, um pouco da nossa luminosidade pública se apaga, porque, nesse caminho, ficou retida, sem reflexos, amplificadores.”

A representação de si e a autoimagem são dinâmicas e implicam num confronto entre sistemas de valores conflitantes. Como explica Caiuby (1993), a noção de identidade implica em reconhecer as semelhanças e diferenças individuais/coletivas e, nesse sentido, cria-se um processo de identificação na imagem e semelhança de um ‘jogo de espelhos’, dada a intencionalidade ou a multiplicidade em que a sociedade ou o indivíduo se olham.

Finalmente, pude verificar diante da situação vivida por Pedro, que a vida social deixa resíduos (MAUSS, 2007).

As contradições e ambiguidades que emergem das experiências desse Reciclador no seu ‘galpão de reciclagem’, algo que não foi sua escolha, estão ainda associadas a outras realidades e lembranças já vividas particularmente³². Juntas, são experiências que constroem uma visão-de-mundo, que por sua composição singular produzem essa significação depreciativa para ‘si’, apropriada subjetiva e intersubjetivamente durante esses meses de convivência no programa.

Neste caso, para este sujeito social essas combinações assumem um sentido negativo, pois misturam vários momentos, individuais e coletivos, de sua convivência e das impressões formadas de ‘si’ pelos ‘outros’. “[...] *É Pedro, jogaram você no lixo*” – é o que diz ter

³² Em outubro//2007 envolveu-se em um grave acidente de moto, perdeu o pé esquerdo e teve que amputar a perna. Tem uma perna mecânica, mas em razão do desconforto, usa com maior frequência as muletas para se movimentar.

acontecido com ele, e os comentários feitos pela esposa e por seus amigos sobre essa nova atividade.

Conforme a intensidade do estigma, o ‘diferente’ passa a assumir a categoria de ‘nocivo’, ‘incapaz’, uma imagem deteriorada, fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão. O indivíduo fica à margem e, no *limiar*, passa a ter que dar a resposta que a sociedade determina.

Nos aproximamos, desse modo, da compreensão dos contextos de construção da identidade referenciados pela antropologia que destaca, sobretudo, um sistema social, onde indivíduos têm papéis, posição social, que possibilitam reconhecer cada pessoa protagonista do seu espaço de vida.

A imagem do caleidoscópio mencionado por Caiuby (1993) confirma um processo de múltiplas combinações de *sentidos*, de significados e experiências que vão se misturando, e revelando formas identificatórias a cada pessoa.

Nessa ótica, ‘o lugar de pessoa’ nos remete à noção do ‘eu’, resgatando os valores subjetivos, o conceito do ‘Eu’, do ‘sujeito’, misturado à noção de personagem e protagonista de experiências individuais e coletivas (MAUSS, 2007).

Essa práxis me conduz às primeiras constatações retiradas desses momentos de minha ida a campo acompanhando as experiências psicológicas e sociais desses sujeitos, principalmente junto aos integrantes do setor de Separação de Materiais e da Coleta de Lixo.

As pessoas se apropriam do seu entorno – da relação simbólica dada pelos seus afazeres –, e desse universo que vivenciam, tiram o entendimento que fazem sobre ‘si’ e sobre o seu cotidiano. São, dessa forma, influenciadas pelas relações e assimilam os significados comuns ao grupo de referência.

Com esse conjunto teórico-prático, analiso que o conceito de ‘si’ sugere a existência de uma soma nunca concluída de um aglomerado de signos, referências e influências que definem o entendimento relacional entre indivíduos, percebida por seus contrastes, ou seja, pela diferença de ‘si’ ante outros.

A situação interacional, portanto, não se resume à interação entre duas pessoas. Muito mais, se compõe de uma série de momentos vividos ao longo de nossa existência.

3.4. OS MODOS DE SER E DE FAZER NA LIMINARIDADE

No acompanhamento sistemático das atividades do PRORESÍDUOS conheci um pouco mais desses atores sociais em seu cotidiano, no âmbito de suas relações institucionais e institucionalizadas.

Observei como lidam com os parceiros entre os setores, do próprio programa e da universidade, as dificuldades de relacionamento que enfrentam no cotidiano de suas atividades, e tantas outras barreiras causadas por uma ineficiente ‘engrenagem’ produtiva, pela falta de uma estrutura que ‘de fato’ que lhes ampare na realização de suas práticas individuais e coletivas.

A ideia de ‘vida cotidiana’ nos leva a uma gama variada de atividades que compõem nosso cotidiano, tais como: trabalhar, estudar, comer, dormir, conversar, passear, viajar, enfim, são as relações de vida que compõem a história de cada indivíduo com o seu mundo.

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comum, sendo afirmado como real para eles (BERGER e LUCKMANN, 1985, p.36).

Portanto, a noção de cotidiano nos remete ao conceito de modo de vida enquanto forma de pensamento e de ação dos homens e é modificável com o passar do tempo. É desse modo, nas relações da vida diária, que a realidade existe.

O conjunto de significações objetivas decorre das múltiplas realidades entre as quais uma se torna privilegiada, predominante, ao nível da consciência – a realidade da vida cotidiana, do experimentado, organizado.

Entende-se como experiência humana toda atividade realizada socialmente pelos homens, como forma de atender a suas necessidades produzindo, dessa forma, sua própria existência. As experiências concretas, de atividades dos homens, implicam necessariamente a produção de ideias e representações sobre elas, as quais refletem sua vida real: ações e relações (GONÇALVES, 2001, p. 38).

Então, a realidade apresenta-se para mim, mas num mundo intersubjetivo onde participo juntamente com outros e, assim, esse ‘encontro’ diferencia a vida cotidiana de outras realidades das quais tenho consciência.

Como descreve Berger e Luckmann (1985, p. 39, grifos dos autores), “[...] por mim em torno do “aqui” do meu corpo e do “agora” do meu presente [...] é o foco de minha

atenção à realidade da vida cotidiana”. Nessa condição e dinâmica confirmam os autores, “[...] não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros” (p. 40). Seguindo por essa perspectiva, a apreensão da realidade, ‘o aqui e o agora’, é o resultado do intercâmbio contínuo entre a minha expressividade e a do outro.

A vida cotidiana do PRORESÍDUOS é a experiência concreta dada pelos seus integrantes e pela produção de suas ações e relações; existe uma forte ligação entre eles que os distingue como um grupo de ‘atividade comum’, ainda que pese as características e dificuldades descritas em sua organização.

Pensando um pouco sobre a questão da intencionalidade que emerge da relação consciente que temos com o mundo e com os outros e, ainda, de que a intenção move o *sentido* das coisas (para *ir* ao sentido das coisas), podemos pressupor alguma espécie de ‘motivo pessoal’ de encontro e permanência dessas pessoas no grupo, ou na atividade realizada. No cotidiano do grupo é possível de se encontrar algum sentido de filiação e pertencimento para essas pessoas.

Ainda que se considere o sentido ‘*nem lá-nem cá*’ do grupo em relação aos ‘outros’ (demais membros da comunidade universitária), em razão do tipo de atividade que os diferenciam, o que se nota é que entre seus membros há uma valoração positiva atribuída para o grupo e em relação aos seus afazeres.

Os depoimentos que registrei em torno do grupo, sobre ‘o que fazem’ e ‘como fazem’, são reveladores dessa história e vivências conjuntas e de como elas contribuem para fortalecer a vivência deles e entre-eles. Se apoiam no conjunto de significações e imagens criadas em torno das experiências, de suas crenças, seus símbolos e do imaginário coletivo. A começar pela própria Coordenadora que tem uma versão e visão positivada acerca do programa.

O grupo não tem problemas com falta de dinheiro. Existe coragem, vontade, boa fé. [...] Há seis anos com uma casa desse tamanho (local do programa atual), um faturamento desse tamanho, tá bom demais, não é? É apaixonante, até de férias o pessoal quer estar aqui (Marta, Coordenação).

Uma referência particularizada que, de certa forma, traduz a maneira como cada um pensa as suas relações com os objetos que o afetam. No conjunto, *sentidos* e significados se misturam, afirmam e guiam o processo em que o grupo vive, e a forma como seus membros pensam.

Exemplo dessa troca pode ser visto também na Oficina de Reaproveitamento, em função da produção que caracteriza o setor.

As pessoas chamam isso de artesanato. Mas é Oficina de Reaproveitamento, reaproveitar o máximo do que tem. Nada é jogado fora. Refaz tudo, até o que tem sobra. Tudo que compro e uso tem que vir da indústria do reciclado, mesmo o papel industrial. Por isso é cem por cento de reaproveitamento, da indústria ou meu (Taciana).

Mostra o selo³³ que usa nos artigos confeccionados e exprime a satisfação de ser algo, feito por ela, portanto, o que registra e qualifica seu trabalho pessoal. É um dos símbolos conquistado e respeitado por todos, interna e externamente.

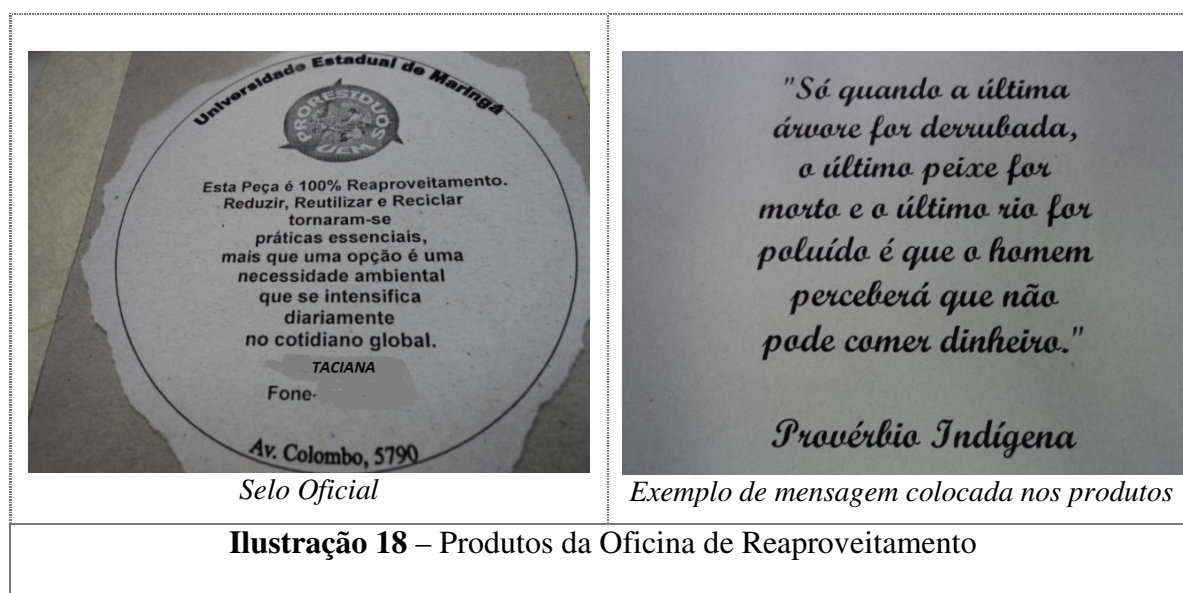


Ilustração 18 – Produtos da Oficina de Reaproveitamento



Ilustração 19 – Produtos da Oficina de Reaproveitamento

³³ A assinatura estampada na peça foi substituída pelo nome fictício.

Essa dinâmica relacional positiva também registrei no setor de produção de papéis artesanais: “[...] *Dá prazer de ficar aqui. O artesanal não fica tudo igual. É sempre uma descoberta... Sou viúva, mas casada aqui.*”, diz Alicia, “[...] *basta vir aqui e as pessoas voltam e entram prá fazer o trabalho. Isso aqui é o paraíso.*”

De fato, a experiência é contagiante. Vivi alguns bons momentos nesse setor, lado-a-lado com o pequeno grupo, realizando uma das atividades de cobrir os lápis com retalhos coloridos de papéis reciclados.

Maria que convive na oficina desde final de 2010 e mais envolvida com essa atividade, me convida a fazer a ‘encapagem’ (na expressão dela). Significa um procedimento de cobrir os lápis pretos que farão parte dos conjuntos de pastas usadas para congressos e eventos científicos, como mostra a foto.



Ela ensina a sequência de passar a cola e enrolar as fitas coloridas em torno de cada lápis, um a um, e de como fazer a colagem final até os arremates da cobertura para que fique bem presa.

Um trabalho simples, que exige uma boa manipulação com as mãos aliada ao bom gosto para escolher as cores. Mas prazeroso, pelo envolvimento com a variedade de cores, pela ‘roda’ descontraída que se forma em volta da mesa para realizar o trabalho, e por dar liberdade de expressão a cada um que já conhece como faz ou ainda aprendendo, como eu. O envolvimento é imediato, distrai e acalma (eu estava bem cansada e acabei me descontraíndo com a atividade).

Faço vários desses lápis, até ensaio criar maneiras diferentes de cobri-los com os retalhos coloridos e já recebo elogios. Maria diz que ‘aprendi rápido’, e a outra participante voluntária daquele dia, Vanda, também aprova meu trabalho.

Quando a Coordenadora passa pela sala fazendo uma contagem das caixas de lápis já prontas, Maria conta sobre ‘meu feito’. Marta sorri e me incentiva a continuar na atividade: “*quanto mais gente ajudar, melhor!*”.

É uma atividade contínua e interminável. Todos os dias executam um pouco desse material, pois a quantidade de pastas para os eventos também é infundável – para cada pasta, um lápis. Não há como interromper essa produção. São muitos os pedidos. Precisam confeccionar duas mil unidades, das quais, seiscentas, para entregar junto com as pastas prontas, na primeira semana de maio (estamos no dia três de março); os demais serão usados para atender aos pedidos dos ‘kits’ em abril, e tantos outros já solicitados que vão se acumulando na ‘fila’ de compromissos do grupo.

Isso tudo não desanima. É uma atividade que encanta quem chega à oficina. Um colorido das folhas artesanais que atrai, cativa as pessoas que passam por ali. Não vi pressões ou cobranças em torno dessa tarefa de confecção dos lápis. A atividade permite criar, modificar, ‘brincar’ com a composição dos retalhos (fiz isso algumas vezes ao passar pela oficina). Ela é assim simples, porém, importante – não pode faltar o lápis no ‘kit’ do usuário. Exige responsabilidade na qualidade e nos prazos.

Quanto à produção de papéis, parte principal das tarefas da oficina, ela representa a própria natureza da atividade ligada aos princípios ambientais e sociais. A atividade se transforma na própria razão que supera as dificuldades que o setor tem para produzir seus papéis. Pensar nesse objetivo os deixa numa relação de bem-estar e de visibilidade, principalmente quando recebem visitantes da comunidade ou crianças das escolas para conhecer ‘como se faz’ a reciclagem de papel.

Mas é uma parte da atividade que requer prazos, portanto, são mais pressionados quanto ao tempo. Se faltar as folhas não há como montar os ‘kits’ de pastas de anotações de acordo com as encomendas, e com os eventos não se pode falhar. Nesse sentido, as oficinas de produção de papéis e de reaproveitamento são interligadas, devem funcionar integradas.

A produção dos papéis feita no Pró-Resíduos é algo muito ‘caseiro’. A fabricação artesanal passa por etapas: triturar e preparar as fibras com ácido para dissolver; depois vem o cozimento, em torno de umas três horas, num caldeirão de capacidade de duzentos litros, sempre sob cuidados de alguém mexendo aquela espécie de massa, que é lavada e depositada num tanque.

Segue com a etapa de ‘temperar’ as cores - a mistura ‘entre-tons’ é sempre feita por Alicia). Depois de várias horas nesse processo de fabricação, se espalha a ‘massa’ nas telas e, finalmente, espera-se secar.

A secagem, dependendo do dia e a temperatura, demora um dia para outro. São trinta, quarenta telas aguardando serem retiradas (já chegou a uma produção de cem por dia). Essa etapa requer muitos cuidados no manuseio para não danificar as folhas prontas para uso, por isso usualmente é feito por Alicia, quem tem maior prática.

Uma sequencia bem trabalhosa e que exige conhecimentos específicos em cada uma delas. Mas, ao final, todos admiram o resultado. A textura das folhas e as cores são impressionantes. Isso reflete na interação de Alicia com as pessoas e com a própria atividade: “[...] *Parte do processo de trabalho é sujo, a gente se molha, tem que mergulhar a mão na massa de papel dissolvida, mas não importa, tenho orgulho do que faço [...] Aqui não se mexe com lixo, lida com reciclagem [...]*”.



Preparo das fibras com ácidos



Fibras após cozimento

Ilustração 21 – Produtos da Oficina de Papéis



Preparo das fibras para tingimento



Formas de secagem dos papéis artesanais

Ilustração 22 – Produtos da Oficina de Papéis

Continuo a observar a vivência no encontro dos *sentidos* e significados, e do sentimento positivo que ocorre com os demais membros do grupo que compartilham as ideias, valores, modos de pensar nos seus setores de trabalho. Histórias de vida vão anunciando experiências passadas e presentes que trazem um valor individualizado, e produzem, para cada um deles, referências boas sobre seu setor e a atividade. Na Oficina de Reaproveitamento, Taciana mostra a afinidade que tem com as peças que cria:

Há todo um processo de por a cola, de colar, passar a mão, arrematar, saber o dia que está quente, úmido, tudo tem influência. [...] Não sai nada daqui se não tem a marca do programa. Isso é uma regra aqui dentro. Essa oficina (de produtos reaproveitados) é uma educação ambiental.

No Setor da Coleta, seus integrantes demonstram um convívio tranquilo em relação ao que fazem. Há sempre um clima bom entre eles enquanto executam o trabalho, ou nos intervalos quando conversam, contam histórias, sempre receptivos com os outros. Nos momentos em que nos encontramos na ‘casa’ (sede) do programa, ou durante o trajeto pela universidade, reagiam sempre de bom humor, me convidando para o café, ou acenando de longe.

[...] sempre vivi bem com o salário tirado aqui e graças a deus não me falta nada e sempre tem uns troquinhos no banco (Antonio).

Gosto do trabalho aqui, não tem tempo ruim [...] A convivência, um trabalho mais tranquilo. Tem momento de correria, trabalha bastante, mas a gente se diverte, tem contato com todo mundo (Jairo).

Sem o Pró-Resíduo seria uma mazela. Sem a Marta não teria uma pessoa para olhar para todos os setores. Aqui não é só o lixo (Clemente).

Com tantos pequenos e importantes sinalizadores observados em diferentes momentos, e pelos vários depoimentos como os citados, percebo como o grupo se define bem nesse espaço de convivência. Eles conseguem atribuir importância sobre 'si' e para a construção de autoimagem positiva e, conforme explica Strauss (1999), a impressão que se faz de 'si' no processo identitário depende da qualidade e dinâmica no contexto das interações (tema alvo de discussões mais detalhadas na próxima seção).

Para descrever esse fenômeno social de envolvimento coletivo que ocorre em dados momentos da condição liminar, relembro o conceito de Turner – '*communitas*', uma comunidade formada pelo grupo liminar, com o qual ele define e explica o surgimento do sentido de identidade e de pertença para 'si' e os 'outros' em determinadas condições de aproximação.

Em situação de *communitas*, que representa um estado de comunidade, de indivíduos 'iguais', as pessoas podem se ver/reconhecer como membros de um mesmo nível social, de uma instituição social ou pelas práticas ou ações comuns (comungam interesses semelhantes), que lhes dão o sentido de existência. Assim, nessa condição de passagem que acompanha toda mudança de lugar, posição social, idade, são definidos os momentos da vida social em que há a suspensão de papéis cotidianos e a criação e dramatização de outros (TURNER, 1974, 2005).

Constato que esta é uma situação concreta que os aproximam como 'indivíduos iguais'. Mas, ainda assim, a ação investigativa não me permite categorizar que esses indivíduos se constituam tão 'marginais', quanto na proposição original da liminaridade configurada com atributos negativos, com marcas ambíguas profundas, uma noção que carrega ausência de tudo, frequentemente comparada à invisibilidade total (até próximo da morte). Como definia Turner (2005, p. 143), "[...] Os seres transicionais não tem nada - status, propriedade, insígnia, vestimenta secular, graduação, posição de parentesco, nada que possa distingui-los, estruturalmente, de seus companheiros."

O contrário disto foi possível constatar conhecendo o cotidiano dessas pessoas. Existe o sentimento de pertencimento, de ‘estar em casa’ – e o programa está sediado fisicamente em uma ‘casa’³⁴. Este é um fato que parece consolidar ainda mais essa crença de ‘unidade comum a todos’, trazendo a conotação de um espaço que simboliza algum tipo de estrutura que dá sentido, amparo e fornece uma biografia, individual e social, que lhes permite um processo identificatório.

É o espaço onde se pode ser conhecido e reconhecido, ao menos, como pertencentes ao PRORESÍDUOS.

Aqui vira tudo uma família, as crianças que vem (refere-se às escolas que os visitam), os estagiários que ajudam. Dá prazer de ficar aqui. [...] Aqui tem que ter comprometimento, tem os pedidos, quanto mais eu faço, mais quero fazer (Alicia, Oficina de Papéis).

[...] essa casa está ficando uma maravilha, uma construção antiga de 50 anos compensa toda essa reforma, vai dar vontade de morar nela... Veja isso... (mostra o estilo das lajotas, a construção forte e elogia a beleza que vai ficar tudo depois da reforma das salas). (Marta, Coordenadora).

Em outra situação de observação na Oficina de Reaproveitamento, Taciana organizando o setor faz questão de me levar para ver as demais salas, descrevendo sobre a reforma que estão fazendo no local e de como vai ficar nos próximos meses.

“*Aqui (refere-se à sala de frente à Avenida Colombo), vou fazer um tipo escritório para mim [...]*”, mostra a janela, a porta de entrada, diz que o material foi adquirido por ela para ajudar na reforma e colocar da maneira que pensou o ambiente.

Na porta de saída da sala mostra um jardim por onde as pessoas vão passar, com um gramado, plantas e pequenas arvores e diz:

[...] estou fazendo um belo jardim de entrada, será muito bonito, bem agradável. É assim que penso deixar o local bem arrumado, com um tipo loja com os produtos que confecciono. Na sala do meio terá os aparelhos que uso, tipo a prensa, um almoxarifado... será tudo bem arrumado [...] (Taciana, Oficina de Reaproveitamento).

Sua descrição do local representa um campo do ‘eu’ construído simbolicamente, permeado de valores, podendo ser um complexo espaço que guarda sua singularidade, “[...] numa teia de relações marcadas por muitas dimensões sociais importantes, de onde se pode julgar, classificar, medir, avaliar e decidir sobre ações, pessoas, relações e moralidades” (DaMATTA, 1986, p. 28).

³⁴ Os espaços na universidade estão aproveitados em sua forma original, a exemplo dessa construção, uma das mais antigas do campus, onde funcionou a sede da fazenda que existia nessa área antes da ocupação da UEM, em 1969.

Em outras palavras, simbolicamente a ‘casa’ é um espaço de forte moral e de domínio da ‘pessoa’ e, ao fazer comparação entre estruturas e categorias, o ‘espaço’ representa o lugar onde se dá nossa sociabilidade. É nele que se vive o drama social com agentes locais e espectadores, onde ocorre o confronto e conflito entre as pessoas, grupos ou categorias isoladas.

A ‘casa’ é uma dimensão simbólica da vida social permeada de valores e de realidades múltiplas, como reconhece DaMatta (1986, p. 20), “[...] nela somos também determinados por tudo o que a “honra”, a “vergonha” e o “respeito”, esses valores grupais, acabam determinando.” (grifos do autor)

Na ambiguidade que explicita a fase liminar, entre o *sagrado* e o *profano* que se misturam, não podemos nos esquecer de Pedro que vive em ‘outra casa’, e diferente daquela e dos demais integrantes, seu espaço não tem o tipo de convivência social daquele conjunto ‘familiar’. Assim sendo, o ‘reciclador’ mais parece uma espécie de parente distante, ou um agregado, vivendo num espaço moral diferenciado dos demais membros que convivem na ‘casa’ do PRORESÍDUOS.

A descrição do ‘*muquifo*’ feita por Pedro envolve outros significativos simbolismos trazidos por sua experiência e, para relembrar, ‘casa’ mais que um local físico, segundo DaMatta (1986, p. 23), pode ser vista “como espaço moral importante e diferenciado, a casa se exprime numa rede complexa e fascinante de símbolos [...]”.

3.4.1 O lugar de todos

Passo a observar mais atentamente esse espaço comum que integram os ocupantes das oficinas, projetos, coleta e administração; um espaço de convivência de *quase* todos.

Olho o modo de se vestir de todos. É bastante simples. Tudo muito informal, jeans, camiseta, sandália, tênis, dando mesmo a impressão de que estão em casa, não só pelo modo de se vestir, mas pelas conversas ou pelo tratamento entre eles. Sentir-se ‘em casa’ favorece esse ambiente descontraído. Na compreensão damattiana, todas as ‘casas’ são únicas, se não como espaço físico de morada, pelo menos como domínio onde se realiza uma convivialidade social profunda.

Não se vê formalidades no tratamento deles, e entre eles. Circulam pelo ambiente sem reservas e todos participam das conversas enquanto trabalham – ‘entram e saem’ nas salas,

nas conversas e nas próprias atividades, sem regras formais. A informalidade é parte do cotidiano deles.

Da mesma maneira, interrompem e retomam os afazeres, dando a impressão que não há prejuízo em assim fazê-lo, muito semelhante aos nossos comportamentos ‘em casa’. É um lugar de convivência e de propriedade do grupo.

O ambiente favorece para que cada um tenha seu espaço e faça dele um ‘cômodo da sua casa’. Cada um arranja o ambiente, limpa e trabalha à sua maneira. As pessoas se movem e se sentem nesse espaço de forma íntima, uma propriedade quase ‘particular’. Ajeitam, ou não, conforme querem. Não há um padrão seguido, um tipo de organização comum a todos ou um modelo a ser seguido (como se encontra em outros setores da universidade).

Na ‘casa’ se vive um pouco assim. Sem tantas cobranças, pressa. Cada um vai ao seu ritmo, não se tem metas rigorosas, nem controles, ou nem são tão rígidos os padrões a serem seguidos. Caso determinada entrega produção de materiais esteja sofrendo o ‘risco’ de atrasos juntam-se o pessoal das oficinas, e até da administração, para concluir o trabalho ao tempo esperado. Enfim, as atividades em torno das oficinas são percebidas como mais lúdicas que, propriamente, uma sequência produtiva de trabalho.

É muito comum entre eles a mistura dos afazeres, na administração, ou nas oficinas:

Eu faço de tudo praticamente. Todo trabalho geral, de força, mesmo, os trabalhos mais pesados. Limpo até banheiro, chego e pergunto o que tem pra fazer. Faço qualquer coisa para ajudar. As pastas não sei fazer, mas fico como uma auxiliar delas [...] Eu carrego, costuro, sábado fiquei só na costura, colo pastas, de tudo um pouco. Hoje quando cheguei a Marta pediu prá varrer a frente da casa que Luis ia dá entrevista... aí fui lá mas não deu tempo... o pessoal já tinha chegado... [...]. (Sílvia, Oficina de Reaproveitamento).

Há momentos em que um presta ajuda ao outro setor em picos de pedidos, quando a demanda é muita e as tarefas vão se acumulando. Na administração esse auxílio também acontece a qualquer momento, na organização, no atendimento aos telefones ou das pessoas. Eu mesma fui solicitada pela coordenação para fazer esse ‘suporte’ rápido ao grupo no momento em que ela precisou fazer uma vistoria de um motor e não havia quem ficasse na secretaria. Já de saída, ela diz: “Alice, aguenta um pouco aí, volto logo... O Walter também saiu e a sala vai ficar sozinha...”. Atendo o telefone e anoto os recados. Ao retorno de Marta repasso as informações e, a maneira que me agradece e continua seu trabalho, passa impressão que sou mais um membro ‘disponível’ para o grupo.

No setor de Coleta que reserva sua especificidade, essa troca nos afazeres não acontece. Não contam com pessoal extra, nem ‘cobertura’ de algum outro setor, no seu dia-a-dia de retiradas dos lixos comuns ou dos resíduos. Tudo se resolve entre eles, a falta de alguém, os acúmulos de tarefas nos dias de recessos ou feriados mais prolongados. Também não observei esse pequeno grupo prestar algum tipo de suporte aos demais setores.

Em busca de mais sinalizadores que mostrem os laços dessa convivência intersubjetivada e que lhes conferem as particularidades, encontro a existência de outros identificadores observando os cômodos da ‘casa’.

Uma espécie de ‘santuário’ localizado na sala da Administração, muito me chamou a atenção, mas, como já se tornou parte do ambiente, se transformou em um tipo de ‘reserva’ das personalidades do grupo. Por sobre um dos armários da sala, praticamente cobrindo todo o seu espaço superior, dispostos como enfeites, encontro diversos objetos: pequeno quadro, santinha, estrela guia de cor prateada, mini presépio, taça de plástico colorida, vasinho com flores vermelhas; são objetos misturados e variados em cores e tamanhos diferentes; nada relaciona os objetos uns com os outros.



Sala Administração - ‘Santuário’



Sala Administração - ‘Santuário’

Ilustração 23 – Objetos Simbólicos

Recebo do administrador as explicações (sorrindo e olhando os objetos):

[...] aqui é um amontoado de gente, pessoas que vão e que ficam. Cada um traz suas coisas pessoais, seus pertences, aquilo que gosta e vão deixando. É isso que fica. É um lugar que ajunta um pouco de tudo. De vários lugares. É uma miscigenação até cultural. As pessoas têm que ter acomodação. Alguns são mais explosivos... Mas isso representa as preferências, os gostos, as experiências. Acabam trazendo uma parte da identidade deles prá cá. Fica uma coisa meio ‘trech’ (dá risadas), uma mistura, de flores, cores, de fé, religiosidade, de manias, dos gostos, de tudo um pouco. O que demonstra o que a pessoa gosta e se expressa assim, com objetos [...]
(Walter, Administração).

É isso. Coletivamente as pessoas conjugam suas experiências e constroem suas convenções e comportamentos simbólicos - linguagem, vestuário, hierarquias, privilégios, divindades – visíveis ou não –, que os tornam distintos uns dos outros, mas que os unem e lhes dão um sentido de existência.

Para DaMatta (1986, p. 07), o ‘lugar’ se transforma em “espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar, os ‘jeitos’ de cada qual”.

Eu sou tachado de ‘chato’, eu mesmo limpo a sala, organizo, ninguém entra aqui dentro nessa sala. Trato das compras, essa é minha regra (Luis, Setor de Projetos).

Na visão damattiana a ‘casa’ é um lugar cercado por dimensões morais e sociais, onde somos únicos e até insubstituíveis. Há alguns outros sinais que presencio e que me remetem à lembrança dessas análises. A ‘casa’, enquanto espaço de representação e da dimensão da vida social permeada de valores e de realidades múltiplas, é também lugar onde se permite e se combinam dualidades entre ‘tramas/dramas’, ‘sagrado/profano’, ‘simbólico/diabólico’.

Transfiro esse conceito e a sensação que seus efeitos contraditórios causam – entre bem/mal, amor/ódio, bom/ruim –, para explicar também os sentimentos de Pedro em relação ao ‘*muquifo*’ em que vive de acordo com suas impressões.

Nome? Olha o local... galpão? Isso é muito pequeno... é lixo? Não, aqui é reciclagem, não é isso? Acho que pode ser ‘galpão de reciclagem... Galpão de Lixo é muito feio, barracão também não... O cara trabalha no barracão... (e continua dizendo) é coisa de barraco, então não.... É pode ser isso... galpão de reciclagem [...] (Continua separando os papéis, fala sobre o processo e reclama das condições e do local). Penso que dá até para melhorar, colocar um tipo de uma mesa grande para facilitar, organizar mais tudo aqui... (mas em seguida)... ah! Vou deixar assim mesmo, não adianta nada disso, o pessoal está passando a perna em mim na insalubridade³⁵. Deixa prá lá. Todo mês diz que vem... isso já tem quase cinco meses [...] (Pedro, Separação de Materiais).

Pedro representa uma mistura de contradições, de desencontros, presentes na dialética ‘eu-comigo’ – ‘todos-nós juntos’. Como já mencionei, há uma dificuldade de afiliação no seu universo de configuração identificatório. Falta o elemento ‘nós-juntos’ para essa integração. Ou, ao menos, falta criar vínculos com alguém, ou alguma coisa, que possam transformar parte da sua experiência atual numa condição mais ajustada do ponto de vista psicossocial.

³⁵ Segundo a área de engenharia do trabalho da universidade o laudo técnico realizado no local em novembro de 2011 não considerou a atividade como insalubre, em acordo com a norma regulamentadora NR15 da Consolidações das Leis do Trabalho, que descreve as atividades, operações e agentes insalubres, e seus limites de tolerância.

Andando e conhecendo mais sobre a ‘casa’, fui descobrindo outras relações simbólicas dos integrantes com os ‘seus espaços’, que se misturam aos desejos e vontades do reconhecimento pessoal, pois comparativamente, na casa podemos ter de tudo. Encontro os significados (ou motivos) para o gato que ‘mora’ na Oficina de Reaproveitamento e é criado na oficina, ou nos chinelos que encontro por sobre a mesa de trabalho.

Da mesma forma, verifico as representações das individualidades contidas em uma enfeitada cesta com flores e imagens de santos que fica permanentemente no local de descanso do pessoal da Coleta.



Gato que mora na oficina



Sala Descanso da Coleta - ‘Santuário’

Ilustração 24 – Objetos Simbólicos

Colocada em um canto da sala fica um tipo de presépio enfeitado que é respeitado pelos demais, como afirma um dos Coletores: “[...] *é do (fulano). Prá mim que sou evangélico, não tem muito dessas coisas. Mas cada um segue sua doutrina.*” O sentido é algo subjetivado por alguém, mas o significado é considerado (acatado) por todos, num processo muito semelhante ao que se viu com o ‘santuário’ da administração.

Continuo a procura dos sinais simbólicos incorporados por eles, e na sala do Setor de Projetos descubro um lugar distinto para estar a ‘cuia’ do chimarrão e seus preparos, ao lado da mesa principal, pronto para ser saboreado, e até servido para um visitante – carinhosamente indicado por Luis como ‘canto do alemão’ Como espaço moral importante e diferenciado, o local demarca uma rede complexa e fascinante de símbolos (DaMATTA, 2000). Explica-se, nessa ótica, como o local marca e revela características próprias trazidas por cada um e, com isso, fixa os elementos formadores e identificadores de um grupo.

Deparei com aspectos bem visíveis, como o jardim, o gato, os arranjos de flores, a televisão, as sucatas, os amontoados das sobras pelo chão, ‘objetos’ significativos que se vinculam à imagem da ‘oficina de reaproveitamento’. O ‘canto do alemão’ distingue o setor de projeto. O pequeno ‘santuário’ representa o setor de coleta.

Há, ainda, aqueles outros elementos apropriados coletivamente: os diversos objetos de ‘todos’ deixados na administração; os arranjos ou peças particulares que ficam visíveis pelos ‘cômodos da casa’ e são incorporados por todos; o símbolo do Programa construído por eles com pedaços de azulejos e que se tornou a ‘marca’ do PRORESÍDUOS na entrada da casa; as pessoas que entram-e-saem nesse convívio diário, ou até mesmo, a maneira como os novos integrantes são recebidos e incorporados à ‘família’ – “[...] para quem as portas de nossas casas estão sempre abertas e nossa mesa está sempre posta e farta.” (DaMATTA, 2000, p. 21).

O Programa, como já se explicou, é formado por pessoas que fazem parte do quadro funcional de universidade, mas, em alguns casos, disponibilizados pelos departamentos de origem, ou colocados ‘à disposição’ pela área de recursos humanos da instituição, ficando liberados para serem transferidos para outros departamentos (ou funções).

Alguns integrantes transferidos dessa maneira deixam entre eles a impressão de que o Pró-Resíduos é formado por funcionários com ‘problemas pessoais’. Essa é uma história particular que, por vezes, é lembrada no convívio do grupo no que diz respeito ao processo de formação, e de escolha de parte de seus integrantes. No entanto, o fato só vem à tona como observei em momentos mais tensos, a exemplo da coordenadora, quando se vê cobrada por alguma questão interna, dos prazos ou por conflitos internos de relacionamento, que relembra a maneira como as pessoas chegam ao programa em transferências de setor ou um tipo de ‘alocação’ interna.

Fica o registro de mais um elemento que entra na composição desse conjunto de pessoas heterogêneas que, ‘ao acaso’, se encontraram e passaram a executar um trabalho, a princípio individualizado pela especificidade das ocupações e interesses pessoais, mas, coletivamente conquistaram um *status* de grupo organizado.

Ao que se constatou, livre da questão da origem em torno de alguns dos integrantes, ou de ‘procedência’, todos foram recebidos e incorporados à ‘casa’, levados a praticar um grande ato coletivo. A casa também demarca um tipo de ‘espaço amoroso’ que permite afetos e desafetos, mas onde a harmonia deve reinar e, assim, se tornar um espaço inclusivo além de exclusivo, que recebe as pessoas numa convivência social intensa.

Pessoas que vivem no domicílio, mas que não são parte da família. Um parente que veio do Norte em busca de médico ou segurança psicológica; um amigo em dificuldade financeira ou crise matrimonial; um velho empregado que não tem para onde ir nem lugar para ficar; um compadre que precisa de emprego [...]. Até mesmo os animais domésticos podem incluir-se nessa definição, pois de fato participam do espaço positivo da residência, ajudando a conceituá-la de modo socialmente positivo ou negativo (DaMATTA, 2000, p. 22).

No decorrer das novas dinâmicas interacionais eles conseguiram construir novas realidades de ‘si’ e do ‘outro’, resignificaram as experiências, no plano individual e coletivo, com base no vivido e percebido a partir dessas relações e nas atividades que realizam até então.

Pode-se afirmar que o PRORESÍDUOS traz uma forte singularidade da ‘mistura’ de cada um:

O que se destaca aqui é a capacidade de improvisação. Ninguém é estrela, cada um vai arranjando, garimpando, tipo prospectando as coisas e melhorando o seu espaço. Cada um que chega vai se virando, modificando, melhorando [...] (Walter, Administração).

Dadas certas circunstâncias de convivência e de interações humanas, a questão que se apresenta em relação à condição liminar é a possibilidade de reconhecê-la como um movimento positivo para os indivíduos. Nesse ponto, recorro às interpretações de DaMatta (2000) para compreender essa outra perspectiva e modo de tratar a liminaridade.

Suas pesquisas sinalizam um entendimento sobre essa condição nem tanto de isolamento ou marginalização, como é explicado por ele.

O que mais chama a minha atenção na obra desses mestres é a sua leitura da *liminaridade* como algo invariavelmente paradoxal, ambíguo e, no limite, perigoso e negativo; isto é, como um estado ou processo que desafia um sistema de classificação legalisticamente concebido como fixo, indiscutível e construído por categorias isoladas [...] como o pangolim de Mary Douglas (1966), o animal doméstico de Leach (1964) e os neófitos de Turner (1964). (DaMATTA, 2000, p. 13).

O autor compreende a liminaridade como um processo especial que pressupõe, sim, uma ambiguidade classificatória. Entretanto, diz ele “[...] Lendo a liminaridade de modo substantivista, Turner não se dá conta de que esse processo pode variar de sistema para sistema, assumindo distintas conotações e adquirindo sentidos diferentes” (DaMATTA, 2000, p.16).

Nessa outra percepção e discernimento das dimensões individualizantes (mas sem individualismo), os processos liminais para DaMatta (2000, p.16) “[...] não envereda pelo

estabelecimento de uma ruptura, por meio da ênfase extremada e radical em um espaço interno ou em uma subjetividade paralela ou independente da coletividade”, por isso não configura processos perigosos, ou ‘contaminadores’, uma condição compreendida mais nociva por afastar os indivíduos das estruturas sociais.

Os estados liminais podem ser positivos e trazerem a noção de individualidade e a essencialidade da própria sociabilidade no plano coletivo. Sendo assim, a visão damattiana possibilita a interpretação de tais momentos liminares como forma de aproximação, mas nem tanto guiada pelo olhar da leitura tradicional, como de maneira fixa, somente construída por categorias isoladas e por ‘seres’ conflituosos e de contradições sociais.

Analisando com esses novos parâmetros, é possível se entender o processo, ou o momento, liminar enquanto ‘aproximação positiva’, uma conotação distinta de algo que seja tão ‘fronteiriço/perigoso’ como indica as primeiras leituras. Ainda que o significado em torno da concepção liminar permaneça ‘entre dois mundos’, por sua natureza ambígua e de contradição que o caracteriza socialmente, pode representar uma condição de passagem com atributos positivos.

Trata-se de mostrar que o ponto de vista deslocado, salientado na liminaridade, não configurava situações, processos ou papéis meramente pecaminosos, patológicos e criminosos, mas que era inerente à própria sociedade humana. Como sempre, a descoberta da positividade dos estados liminares e a discussão de sua importância como elemento essencial da constituição da própria sociabilidade, colocavam em crise os modos tradicionais de se discutir a marginalidade como um estado potencialmente criminoso [...] (DaMATTA, 2000, p.12).

Coletivamente, o PRORESÍDUOS se caracteriza por um espaço de aproximação e consolidação de experiências e histórias de vários sujeitos sociais. Embora cada qual em ‘uma experiência’ individualizante (DAWSEY, 2005), a camaradagem é um dos componentes que articula seus comportamentos, pensamentos e os coloca numa condição de ‘eu-essencial’ passando, em seguida, para o ‘nós-essencial’, a partir das experiências conjuntas e, vice-versa.

A individualização é complementar ao coletivo e se reserva a esse momento subjetivo, dos *sentidos* individuais, uma ideia positivada da situação em que se vive no cotidiano do grupo.

Alguns depoimentos nas oficinas ilustram a questão.

Quando estou criando uma peça não sei como vai terminar, vou fazendo e tenho um insight. Gosto de estar sozinha nesse trabalho. Um acesso restrito a eu mesma para fazer uma peça. Eu-comigo, é assim [...] (Taciana, Oficina de Reaproveitamento).

Coordeno a oficina, tem os estagiários, não tive mais problemas de saúde, remoecei vinte anos. Tenho ciúmes do meu papel. (refere-se ao papel que produz). Levei vinte anos para descobrir e só agora consegui fazer o que gosto, o que queria (Alicia, Oficina de Papéis).

Nessa convivência de alguns anos e de certa familiaridade no ‘modo de ser’, há um clima de otimismo naqueles cuja convivência diária é mais próxima, como o observado entre os integrantes da coleta, da produção de papéis e da oficina de reaproveitamento. Essa coesão é logo restabelecida pelo grupo ainda que diante das tensões, quando as condições são agravadas pela imagem e o conceito social em torno do que fazem, ou por não ‘serem notados’ pela comunidade universitária.

O que vale é o fluxo do companheirismo, do respeito, da tolerância e, até cumplicidade, cuja existência os torna pessoas bem humoradas a ponto de brincarem com a situação e continuarem, dia após dia, enfrentando as condições adversas inerentes ao tipo da atividade que realizam.

Observa-se nessas relações intersubjetivas, uma pluralidade de significações e interpretações materializadas socialmente, tais como, de necessidade de participar, orgulho, de sobrevivência, vergonha, estima, solidariedade, companheirismo. Enfim, uma mistura viva, concreta, ou mesmo contraditórias, de interações psicológicas e sociais que promovem não apenas o desenvolvimento da individualidade, mas também, uma revitalização da vida coletiva.

Há ainda outro dado relevante que marca essa investigação quanto ao aspecto relativo contido na liminaridade. Empregando a expressão de Turner, o grupo se configura *nem lá-nem cá* no tocante aos ‘limites da universidade’ e em função da dinâmica de funcionamento e da estrutura do programa. Mas a depender dos pontos de junção entre os aspectos institucionais ou pessoais que colocam seus integrantes ‘entre dois mundos’, os ‘seres transicionais’ vão ocupando *status* ‘aquém ou além’ dos pontos referenciais, ou do *limiar*.

Algumas pessoas, as de ‘dentro’ se posicionam mais *cá*, que *lá* – Marta, Luis, Alicia, Maria, Silvia, Taciana e Walter. Outras se encontram mais *lá*, que *cá*, esquecidas em razão da invisibilidade como se colocam o pessoal da Coleta de Lixo: Joel, Jairo, Clemente, Zezão, Antonio. Mas há entre eles, quem não está *nem lá* ou *cá*, uma condição específica que ocorre com Pedro que apresenta distintos momentos *transicionais* em relação ao programa, a atividade ou aos seus vários momentos de vida e experiências pessoais.

A situação pessoal e interacional são importantes definidores na dinâmica das experiências individuais ou na formação de um grupo. Mostram um movimento de passagem e marcam *status* diferenciados, cada qual integrado às condições que os determinam. Nessa

complexa rede de significados, não se pode descartar a intencionalidade com a qual os eventos ocorrem, para mais ou para menos, definindo determinados *status* e identidades pessoais.

Uma experiência social que não nos deixa colocar em dúvida a premissa de que a identidade não é algo dada e, sim, construída ao longo da vida. Uma relação dialética que passa por um processo individual, porém, está em comunhão com a dinâmica social e o reconhecimento recíproco entre atores sociais. Uma construção que se dá no contato e na relação ‘eu-outro’ e incorpora papéis e práticas sociais específicas.

A noção de identidade e o sujeito social é o que vou abordar na continuidade, analisando os processos identificatórios que ocorrem com os integrantes do PRORESÍDUOS.

4 - PROCESSOS IDENTIFICATÓRIOS

Analisou-se até aqui o estado liminar como definidor de *uma* experiência e enquanto o lugar de origem de ideias, valores e símbolos; a expressão humana em seus momentos de *encontros e desencontros*, resultado das ações sociais recíprocas, conjuntas e intencionais.

A condição de liminaridade é o modo que Victor Turner descreve as mudanças de *status* na vida dos indivíduos. Estas, por sua vez, implicam em possíveis transformações sociais, pois a condição liminar é por si, estrutural e estruturante.

Dada a intensidade com que ocorrem as experiências para aos sujeitos sociais, descreveu-se que a liminaridade é um processo de transição que marca as mais profundas vivências psicológicas e sociológicas. Os dramas e tramas vividos nesses momentos de passagem definem novos *significativos sentidos* de existência, mas, geralmente, são carregados de tensão emocional.

Intensos, múltiplos e infindáveis são os eventos psicológicos e sociais que se misturam ao longo da vida de cada um de nós e são definidores dos processos identificatórios. Assim se analisará tais processos a partir do que é vivenciado e experienciado pelos integrantes do PRORESÍDUOS.

Nessa ótica, parte-se do pressuposto de que as identidades são constituídas nas identificações e trocas simbólicas e de que a construção da identidade não existe fora de um contexto.

4.1 IDENTIDADE – QUESTÕES CONCEITUAIS

A trajetória de análise em torno dos fenômenos que unem os integrantes do PRORESÍDUOS, as contradições que o cercam, como coexistem no sistema, os significados e simbolismos que definem esses atores sociais em situação liminar, aproximam-se das questões identitárias.

Investigar como se dão os processos identificatórios em torno das vivências e experiências liminares desse grupo é parte fundamental para a compreensão das mudanças individuais e a subjetividades que delineiam os *sentidos* do ‘eu’.

Por mais difíceis e transitórias que possam ser as situações liminares, nelas estão as vivências e experiências decisivas para a ação do sujeito social e o seu processo de formação de identidades pessoais.

Enquanto categoria de análise social, a identidade “é a denominação dada às representações (ideias e sentimentos) que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio” (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2008, p.187).

Para o campo da psicologia, trata-se de um construto que representa a organização dinâmica da consciência de si. Uma síntese pessoal sobre si-mesmo feita por meio das relações, das comunicações, da linguagem e das experiências sociais – um movimento contínuo de encontro ao ‘*quem sou eu*’ –, a partir de um conjunto de vivências e a cada nova relação com o mundo.

Portanto, um processo ativo, afetivo e cognitivo de representação de si no ambiente, que define a singularidade do indivíduo produzida pelas representações e relações, uns-com-outros.

A inquietação ‘*quem sou eu?*’ acumula respostas e polêmicas e, segundo Abib (2009), muitos esforços de estudos pioneiros dos filósofos, seguidos por sociólogos, psicólogos e antropólogos. Sob a ótica do autor, ‘*quem sou eu*’ é a composição de percepções particulares – impressões, ideias –, e a ação – atividade, impulso, vontade, força. É a totalidade; uma combinação entre o ‘sujeito objetivo’ e o ‘sujeito subjetivo’. “[...] O sujeito é um si ou uma relação entre o eu e o si, que é sempre atividade, processo, fluxo” (ABIB, 2009, p. 29).

Quer na construção da individualidade humana, ou da coletividade social, as diversas áreas de conhecimento têm se dedicado a essa temática e mostram esse entrelaçamento teórico. Com a filosofia surgiram as primeiras inquietações em busca de explicações da existência humana.

A mente pensa. O eu pensa. O eu é uma coisa que pensa: é *res cogitans*. O eu é a mente, o intelecto, a inteligência, a razão. Se o eu é coisa que pensa e se já sabemos o que significa pensar, resta ainda indagar: “o que significa o eu?” (ABIB, 2009, p. 15, grifos do autor).

A psicologia sai à procura de respostas, mas, se volta para a investigação no sentido interno, tendo uma visão do indivíduo mais introspectiva. Vai ao encontro das experiências e dos processos particulares e individuais da vontade, da consciência, dos desejos, que move o sujeito. Uma fase de estudos cujo foco e importância estão na ‘experiência subjetiva’.

Os esforços experimentais tentam explicar processos psíquicos a partir de outras atividades ou processos psíquicos, uma forma que a psicologia moderna, encontrou de estudar o sujeito por meio da causalidade psíquica (ABIB, 2009, p. 29).

Ampliando a compreensão em torno dos fenômenos psíquicos que ocorrem entre-indivíduos, a psicologia social trouxe valiosas contribuições ‘recuperando’ a intersecção da história do indivíduo com a história da sociedade.

Essa recolocação teórico-conceitual abriu espaços fundamentais no entendimento dessa relação do homem social ‘produto-produtor’ a caminho da totalidade histórico-social – interpretações que conduzem a visão de completude entre a pessoa e sua sociedade.

O sujeito sociológico traz consigo a noção da teoria do papel social³⁶ e centra os debates na questão da identidade. Temas como identidade, autorreflexão, interação, afiliação, simbolismo, mundos sociais, arenas, trazem uma versão interacionista da sociologia histórica e da psicologia social (STRAUSS, 1999).

Ao longo da história do conhecimento humano e da relevância atribuída à noção do ‘Eu’, em âmbito particularizado ou coletivo, a noção de identidade³⁷ entra nos debates e pesquisas contemporâneas se configurando em um objeto de estudo controverso. Traz a marca e presença, segundo Agier (2001, p.08), quase obsessiva, “da identidade em todas as ocorrências da vida social”.

O autor comenta que os seminários sobre identidade e etnicidade de Claude Lévi-Strauss, por volta dos anos 60, referenciam a identidade como um componente do universalismo. Uma ideia que concebe a noção de que ‘identidade’ seria uma espécie de abrigo virtual, sem que este tivesse jamais, uma existência real.

No entanto, confirma o autor, “[...] se essa referência é “indispensável”, é porque existem, em outra parte, outras razões para a identidade. É preciso procurá-las nos limites, nas fronteiras, nos contatos” (AGIER, 2001, p. 08, grifo do autor).

A identidade enquanto processo de identificação, individualizado de início, se destina a marcar ou destacar algo; significa reconhecer determinada marca em algo ou alguém. Portanto, envolve aspectos cognitivos e uma construção humana inacabada – um processo dinâmico e sempre em formação na ótica da psicologia social.

³⁶ Baseia-se na metáfora da dramaturgia e a firma que o sujeito é um *role-payer*, um ator social. Os ensaios de Fjelde e Young são citados por suas análises do sujeito na dramaturgia teatral por ressaltar a imagem das personagens ou disfarces de identidade nas representações teatrais (ABIB, 2009).

³⁷ Um termo de origem latina, formado a partir do adjetivo “idem” (com o significado de “o mesmo”) e do sufixo “-dade” (indicador de um estado ou qualidade). Como tal, a etimologia de ‘identidade’ conduz à sua aplicação como qualificadora daquilo que é idêntico ou o mesmo, sendo, portanto, identificadora de algo que permanece.

A identificação³⁸ revela uma experiência psíquica do ser humano que o leva a se perceber como alguém diferenciado de outros elementos (naturais ou não) que o cercam. Sugere-se, então, que o objeto de identificação não necessariamente precisa ser pessoa, pode ser entidade impessoal, ideologia, crença, que possa produzir uma identificação, de semelhança ou de diferenciação.

Essa apreensão passa por um processo de aprendizagem, acumulando certas formas de sentir, apreender e falar de uma realidade, implicando em ações ('jeitos de ser') diferenciadas entre pessoas, grupos e comunidades.

Para Magnabosco (2002, p.12) “nesse contexto posicional, isto é, de determinadas ações-afetos, é que surgem as identidades situadas.” Se refere ao ‘situado’ por considerar as identidades não permanentes e totais, e existirem em função da preservação de objetivos específicos em dados momentos histórico-sociais e culturais de um grupo.

Na concepção psicanalítica e freudiana, a identificação passa por um processo psicológico de assimilação; uma propriedade; um tributo; um modelo; um movimento de reflexo de um laço emocional. Um processo identificatório que ocorre em termos da relação entre o eu ideal e o ideal de eu (o social).

Segundo Woodward (2000, p.18), “[...] o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades”. Uma relação onde a autora destaca a formação identitária pela diferença ou, em outras palavras, pela distinção daquilo que você não é, uma representação construída simbólica e socialmente. Nessa representação de identidade, não se trata de um bem, um objeto positivo que se possua, mas só existe na relação com o outro – querer ser como ele/a.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2000, p.17).

Há, então, na construção da individualidade humana, os fenômenos psíquicos que ocorrem ‘entre-indivíduos’, e esses vão além da situação familiar defendida como uma relação primária fundamental sobre os processos internalizados (subjetivos), na qualidade de formadora dos primeiros traços de identificação.

³⁸ Identificação relaciona-se com certo processo afetivo-emocional aprendido.

A maneira como o indivíduo se identifica e manifesta suas ações em diferentes contextos, tem relação com a sua forma de sentir os valores significantes em seu dia-a-dia.

Os processos identificatórios não existem fora de seu contexto e são sempre relativos a algo específico que está em jogo, pois as pessoas respondem não somente aos aspectos físicos da situação, mas, ao *sentido* que a situação tem para elas.

Permite-se, então, analisar as identidades efetivamente constituídas, conforme indicam algumas vertentes da sociologia, antropologia e psicologia social, e de como abordam seu objeto – contextual, relacional, construtivista ou situacional.

Agier (2001) também relata que, conceitualmente, entre os anos de 60/70, os estudos sobre identidade traz muitas controvérsias, mas, importantes referências. A abordagem da identidade principalmente nos estudos étnicos, além dos seminários de Claude Lévi-Strauss cujo enfoque de identidade era como um abrigo virtual, sem ‘existência real’, haviam as pesquisas de Fredrik Barth³⁹, centradas na organização social – contextos e situações da identidade. Estas introduziam uma visão mais interacionista que possibilitou contextualizar uma dinâmica relacional, onde diferenças ou semelhanças implicam também em fronteiras.

Foram concepções que permitiu a descoberta e autonomização da identidade como objeto de análise a partir de seus limites (AGIER, 2001).

Sob essa vertente de análise, a relação uns-com-outros é o processo que viabiliza a formação da identidade social mediante aos significados adquiridos nos contatos. A identidade, a história (momento) e local são os constituintes do sujeito social numa dimensão sociopsicológica.

Talvez, pelo fato de que esses elementos tomados no conjunto se transformem tão rapidamente para o sujeito sociológico, se justifique afirmar que esse sujeito social inserido no ‘mundo moderno’⁴⁰ não tenha uma identidade permanente, fixa ou duradoura.

A mudança nas situações sociais, na história de vida e nas interações/relações sociais determinam um processar contínuo na definição de si mesmo (BOCK, 2009).

Enquanto construção social, a identidade traz um comportamento de aceitação, ou de recusa, dos ‘outros significativos’ para si (que inclui os aceitos pela sociedade e instituições, a

³⁹ Não existe consenso em relação as origens, ou a paternidade, da teoria da identidade em antropologia. Há o reconhecimento do antropólogo norueguês Frederik Barth (1969) por seus estudos dos grupos étnicos como organizações sociais em que pessoas se incluem ou são incluídas pelos outros.

⁴⁰ Na concepção do sujeito moderno autores como Giddens (2002), Bauman (2005) e Hall (2006) afirmam certa mobilidade, fragmentação da identidade individual e social, diante de um mundo policultural a que todos estão submetidos pela modernidade. Os sociólogos pensam as identidades como algo móvel. As identidades são diferentes, em diferentes momentos, afirmam os autores.

quem George Mead chama de ‘outro generalizado’, noção reelaborada nas discussões de Anselm Strauss, ampliando a visão sócio-histórica sobre as questões do ‘self’).

Strauss (1999) retrata entre os ‘espelhos e máscaras’, título de seu ensaio, uma noção de que a identidade é dinâmica por estar associada a diferentes papéis, em mundos sociais particulares e coletivos, e leva em conta a história, pois as experiências individuais dependem do momento em que (e como) ocorre.

A idéia de identidade psicossocial derivada do interacionismo simbólico da Escola de Chicago⁴¹, traz o significado da constituição do ‘eu’ (mim) da pessoa na interação com os ‘outros significativos’.

Há, portanto, nessa concepção interativa – ‘identidade-eu’ –, o interesse pelo grupo em si e sobre as relações ‘entre-pessoas’ e, ela é distinta, por conseguinte, dos outros estudos que focam a relação identitária ‘entre-grupos’⁴².

Reserva-se ao interacionismo a centralidade na pessoa – papéis, posições sociais, representações simbólicas –, aquilo que a pessoa é, e que vai modificando dinamicamente por meio de combinações, configurações, em diferentes formas de associações, subordinações, exclusões.

A ‘identidade’ estudada nesses termos propõe o vínculo entre identidades individuais e coletivas. Nessa concepção, a dialética ‘eu-nós’ é a marca da existência da pessoa; da nossa existência como ser social. Se reconhece a existência da pessoa, do sujeito que pensa, sente, age, a partir dos espaços de vivência social, onde a dimensão individual e a dimensão coletiva não se separam.

A construção das identidades individuais e coletivas acontece por um processo de apropriação e na dinâmica das interações, para confirmar, elas existem num contexto situacional e histórico.

Ao se considerar o grupo social uma nova unidade e uma referência estruturante é, principalmente, nos contextos urbanos que se pode perceber que os processos identitários não são simples, nem naturais.

Envolve uma discussão que nos remete aos valores subjetivos, do conceito do ‘Eu’, do ‘sujeito’, misturados a noção de personagem e protagonista de experiências coletivas. Novamente referenciando, uma apreensão da noção de coletividade como Marcel Mauss resgatou na década de 1930, constituída de tempo, espaço, gênero. Dessa maneira,

⁴¹ Atribui-se a Herbert Blumer o uso da expressão, em 1938, inspirado nos ensinamentos de George H. Mead (um misto de filósofo, psicólogo e sociólogo) por seus escritos *Mind, Self and Society* (1934) (PAIVA, 2007).

⁴² Estudos da Escola Bristol (Henry Tajfel e John Turner) entende a identidade psicossocial como a percepção de pertença a um grupo (*ingroup*) e não a outro (*outgroup*) (PAIVA, 2007).

historicamente, a noção de pessoa passa a categoria de ‘Eu’, não mais de caráter inato. Assume a dimensão de um ‘ser psicológico’ que agora começa a se especificar e se identificar com o conhecimento de si – a ‘consciência psicológica’.⁴³

Relendo as páginas introdutórias certifico-me, mais uma vez, a ideia da existência da complementaridade e o entrelaçamento das dimensões pessoal e social no processo humano de construção identifi catória.

Falar em indivíduo em sua relação de unidade básica social é também pensar no indivíduo em relação as suas unidades constitutivas. Essa apreensão do mundo humano mantém minha determinada busca na compreensão desse modelo explicativo do desenvolvimento social.

4.2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE

A ‘sociedade dos indivíduos’ transcrita por Elias (1994) traduz sobremaneira a associação de pessoas (nós) e as relações com os outros significativos – na família, na escola, no trabalho, na cidade, etc. Um conjunto de momentos que configura a transição do sujeito individual para o sujeito sociológico.

Ao longo de seu ensaio, o autor revela as dicotomias e dificuldades presentes nos estudos que relacionam os fatos históricos, sociais e psicológicos que buscam compreender a ligação da pessoa (indivíduo) e a sociedade (todos nós, juntos).

Em meio às relações coletivas, historicamente construídas pelos sujeitos psíquicos e sociais, se reconhece uma interação onde se abrem inúmeros e infundáveis caminhos de estudos e de estudiosos que buscam a essência e o que dá finalidade e sentido à vida.

É o social que liga os indivíduos tornados por isso companheiros, aliados, associados [...] É o que partilham e reconhecem em comum indivíduos tornados membros da unidade criada (grupo, coletivo, sociedade) [...] o sentimento de pertencimento corresponde aí ao nível afetivo e, poder-se-ia dizer, é seu primeiro traço psicológico. Faz com que os membros do grupo digam “nós” (BARUS-MICHEL, 2004, p.55, grifo da autora).

⁴³ Trata-se de um reconhecimento conceitual distinto da filosofia que eleva o ‘eu’ a existência de uma ‘consciência individual’. Também se apresenta distinto da sociologia das representações coletivas de Durkheim que separa o social do individual como se fossem dois níveis de realidade distintos.

Assim, o sujeito social não somente é imaginário e simbólico. É, sim, um sujeito plural – interior e exterior. Os sujeitos sociais também não deixam de ser pessoas singulares. Porém, a partir do momento em que se comprometem socialmente, são atores sociais e membros de um grupo com suas experiências, tensões, angústias – é o ‘vivido social’ –, por vezes conflituoso, a ser retomado nos processos de análise psicossocial.

É no sistema social que acontece o sentimento do ‘nós’ que permite às pessoas, de forma direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, a articularem alguns elementos vitais, como de orientação, comunicação, adaptação, por meio de códigos, sinais, símbolos. É o que lhes possibilita criar referências, identidades, um sentido de pertencimento, de vida. Ou seja, o social é da ordem do simbólico e uma referência estruturante (BARUS-MICHEL, 2004). Define-se que as identidades pessoais e coletivas estão entrelaçadas por meio das interações.

Muitos foram os sinalizadores que observei nos integrantes do PRORESÍDUOS, a partir do cotidiano deles, confirmando essa complexa articulação em busca de referências pessoais.

Transcrevo alguns deles, contidos nas falas e situações particulares, exemplos da conexão ‘eu-nós’, na criação dos vínculos, das identidades, expressos nas situações interacionais que envolvem seus atores.

Para Marta o programa passou a ser um referencial de vida, algo que simboliza não ‘qualquer’ experiência e, sim, *uma* experiência. Aquela que lhe deu *sentidos* e significados para sua trajetória pessoal e profissional.

Como ela mesma afirma: “*Penso em passar pela UEM e deixar uma história, não é passar por passar, é deixar uma marca.*”. E acrescenta, “*Dizem que quando me aposentar aqui é que também vão. Não sei se vai continuar sem eu esse grupo, na minha saída.*”

O PRORESÍDUOS passou a ser o ‘motivo e resposta’ em sua busca de referenciais. “Se nossa resposta se figurar satisfatória, então podemos organizar a nossa própria ação [...] se as consequências que se seguem são as esperadas, então a nossa avaliação tende a ser confirmada”, diz Strauss (1999).

É nessa direção que Marta caminha em seu cotidiano, fazendo do programa seu ‘mundo’, e vice-versa.

A partir dele elabora seus pensamentos, atos e modos de interagir com os demais membros do grupo. “[...] *coragem, vontade, boa fé*”, como ela disse, marca sua trajetória, e também, extensivamente, a do grupo. “*Tá bom demais, não é?*”, exprime sua satisfação fazendo reavaliação dos atos passados.

Ainda referenciando sua trajetória, inicialmente centrada numa ação individualizada, fez uma significativa declaração, ‘olhando para si’ e o programa: “*Meu papel, além de ser minha tese de doutorado a ser implantado na UEM, tento coordenar as atividades e trazer dividendos para o programa, os recursos para ele [...]*”.

Há um desafio expresso por Marta que determina suas ações: “*De cada problema andei para frente e de cada limão fazia limonada...*”, assegurando seu processo identificatório, que é interrelacionado, mas, de início determinado por intenção e motivo pessoais.

No Setor de Coleta, uma das colocações feitas por Clemente – “*Prefiro pegar o lixo do que viver no lixo. É diferente...*” –, representa a ideia de que no seu universo de experiências o ‘lixo’ representa uma atividade com a qual se mantém, porém, isso não o faz ‘diferente’.

‘Viver no lixo’ não traduz para ele a sua situação física e concreta de estar no ambiente do lixo, lidando com ele. É uma expressão que o remete às lembranças passadas que simboliza situações ruins ligadas às interações e tratamento ‘entre-pessoas’.

Clemente faz menção que em sua trajetória passada há momentos ruins, comparados com os vividos no presente. “*Tem muito mestre que não chegou à maestria e muito doutor que não chegou a douto. Dá prá entender?*”, comenta ele, lembrando suas interações e as experiências passadas com outros grupos, em departamentos em que trabalhou na universidade. Uma questão de “*falta de consciência humana*”, diz ele. No campo da intersubjetividade ele traz para seu processo de identificação a forma em que foi recebido e se integrou à atividade no atual grupo. Clemente percebe seu espaço atual como um local de vivência positiva, não importando a atividade em si.

Em seu caso, conduz bem as interações na situação, e com a atividade; em suas atitudes e ações é possível perceber equilíbrio e integração entre as dimensões individual e coletiva.

Com Joel, também do setor de Coleta, notei que o fator de afiliação está muito ligado ao seu conhecimento específico com as máquinas pesadas.

Faz dele um elemento vital ao qual atribui importância e lhe concede um valor especial em sua participação no grupo – ‘o de ser indispensável’. É notável sua expressão de orgulho quando afirma: “*A responsabilidade é minha do trator, os outros liga aqui e eu tenho que me virar. Qualquer bucha prá descascar vem na minha mão.*”

Ele também não se importa quando o trator passa a ser seu ‘sobrenome’ – o ‘Joel do Trator’. Este é seu símbolo. A missão dele, pelo menos nessa fase do trabalho, é *levar* o grupo. No trajeto da coleta do lixo, ou dos reciclados, dificilmente ele sai da direção do trator.

Fica claro que a sua atividade é distinta dos demais que retiram e colocam o lixo na carreta do trator. E faz isso com muita competência e habilidade, no *zig-zag* entre carros, estacionamentos, vias asfaltadas e as de terra, completando diariamente o trajeto da coleta de lixos comuns e resíduos com o seu pequeno grupo de trabalho. Joel arremata seu depoimento com orgulho: *“Tô tranquilo aqui com o que faço. E prá fazer o que eu faço, não tem corpo mole.”*

Os motivos e a interpretação positiva que ele faz de sua experiência refletem no seu estado de bom humor e a disposição com que enfrenta, no cotidiano, o desconforto da invisibilidade pública que configura a sua atividade no setor da coleta de lixo.

Junto à Oficina de Papel, observei a afirmação de Alicia, a principal executora: – *“Esse é um trabalho para homem, mas como não tem quem faça, eu vou, eu não ligo não...[...]”*. Faz referência de que a atividade exige muito esforço físico, para a preparação do bagaço (de papel ou da cana), no processo de cozimento das fibras, e depois, quando se coloca a pasta já produzida nas telas para a fase final de secagem.

Entretanto, a sua força, vitalidade e vontade ‘femininas’, superam qualquer exigência para estar no grupo, ou fazendo uma atividade que seria ‘masculina’. Ainda mais. Desenvolveu ali, algo que lhe trouxe um *sentido*, uma ligação afetiva, um espaço de pertencimento criado por seu esforço pessoal. *“É bom prá tudo. Prá mente, é uma terapia. Aqui é tudo diferente, ver o papel feito do bagaço de cana [...] aqui já vejo o final dela, como aproveitar o bagaço, é uma coisa muito bonita”*, relata Alicia, sobre a qualidade das suas atuais atividades.

Um cenário, para ela, transformador. Durante meus períodos de observação apresentou-se sempre bem e de bom humor. Recebia todos que visitavam a oficina de modo afetuoso, e se mostrava sempre disposta a ensinar o que já conhece sobre a produção de papel artesanal.

Dados históricos e pessoais se entrelaçam nessa experiência. A maneira como fala da oficina, do que já fez, do que faz, como faz e a colaboração que recebe, é o troféu conquistado. Ela se envolve de tal forma com a produção, que todos a identificam como algo que é próprio dela, como diz uma das colaboradoras. *“[...] A Alicia cria um diferente do outro que nem lembra como foi feito”*. É o seu prazer de criar formas, texturas e cores diferentes todos os dias, segundo justifica Alicia.

O que se constata na trajetória dela, é o resultado de ‘uma experiência’ bem sucedida, produto de um aprendizado e do tempo pessoal, aliado ao motivo, investido no

aperfeiçoamento. Vir para o grupo representou, além da mudança de *status*, um novo *sentido* pessoal e profissional, seu maior símbolo de conquistas e vitória.

As identidades pessoal e coletiva se ‘fundiram’ de maneira satisfatória ao longo de seu processo interacional com os demais membros e com a atividade que vem realizando na oficina do Pró-Resíduos.

Da mesma maneira, observei na Oficina de Reaproveitamento que a vivência de Taciana expressa o quanto o programa contribuiu para consolidar suas relações internas: “*Sou uma pessoa livre. Isso é que me fascina nesse trabalho. Até no tipo de trabalho, quando pedem uma peça tenho liberdade para criar.*”

Registrei um de seus argumentos, ao mesmo tempo uma autoavaliação, no momento em que ela fez uma analogia interessante usando a característica intrínseca à sua atividade (que é manual):

Para montar isso aqui não é com a boca é com a mão (refere-se ao tipo de trabalho e ao empenho pessoal). Tai, esse negócio já tem cinco anos. Não era previsto no Programa. Foi minha vontade de fazer e a oportunidade, chegamos até aqui. [...] Aqui não tinha nada. Faço tudo. Reaproveitamento é um dos “r”, entende? Reutilize, Recicle, Reduza, é isso aí... [...] Comecei a fuçar no lixo da UEM e não imagina as coisas que dá prá fazer, transformar (Taciana, Oficina de Reaproveitamento).

Nesse ato de se identificar os objetos, criar afinidades, o universo de trabalho, como espaço ‘seu’, é que permite a uma pessoa organizar sua ação de referência a esses objetos de criação e de encontro consigo.

Assim observei Taciana interagindo com o seu mundo particular através das coisas que produz, uma situação que reflete certo ‘estado da arte’ e de prazer pessoal que consegue contrabalançar até mesmo alguns de seus maus momentos de humor. Assim cria seus atos identificatórios, seus símbolos pessoais que são reconhecidos e respeitados pelo grupo.

Há momentos em que os vínculos com a atividade ficam tão intensos que o grupo interage e respeita a pessoa mais pelo que executa, do que propriamente ‘é ou se expressa’. No caso de Taciana, determinadas ações pessoais mais conflituosas acabam sendo relevadas, ainda que provoquem certa tensão nas interações com os demais membros do grupo.

Superadas tais situações, Taciana ‘volta’ sua energia para o que melhor sabe fazer. Conforme ela mesma descreve: “*Quando estou criando uma peça não sei como vai terminar, vou fazendo e tenho um insigh.*” Dessa forma, declara ‘seus motivos’, aqueles que a levam a organizar o seu referencial e associar-se ao grupo em busca de suas metas pessoais.

Para Walter e Luis, as situações e significados se assemelham. Ambos gostam do que fazem e foram ‘determinados’ por suas experiências, pessoais e técnicas. São úteis e necessários à vida do grupo. Atuam com certa tranquilidade no atual *status*. Grande parte das situações interacionais os coloca em evidência – são únicos naquilo que fazem e o programa depende do desempenho deles.

Veza ou outra sentem pressão, porém, não é ‘do grupo’. É em função das dificuldades operacionais enfrentadas, cada qual, nos seus setores – Walter na administração e Luis no setor de projetos.

O contrário disso acontece com Pedro, no Setor de Separação. Mesmo sendo ‘único’ no que faz, atua de forma isolada, sem encontrar muito respaldo para si, ou para a atividade que realiza.

Mas ele também encontra maneiras de definir sua afiliação no PRORESÍDUOS: *“Gosto de ser dono do meu bico, só pegar a orientação e depois me soltar. Não gosto de ninguém no meu pé. Aqui é meu. [...] Isso é que eu gosto...”*

Sua busca de ‘referência estruturante’ não está na atividade em si, no seu valor ou afetividade, pois já declarou que ela representa um ‘outro lado’ dos seus sonhos. Estar ali representa para ele a ‘outra face’ do que idealizou com um trabalho ‘digno’.

Conforme explica Strauss (1999), na classificação e avaliação de experiências pessoais, no tempo presente, nossas expectativas se confrontam necessariamente com o passado e com o futuro.

No caso de Pedro, as expectativas não satisfeitas são projetadas em termos do que está ‘por vir’. “[...] *Mas vou estudar, vou melhorar, preciso estudar, adoro biologia... é vida... é tudo...[...]*”, diz ele. Esse é um dos desejos que, repetidamente, expressou em vários momentos em que nos encontramos. *“Quero ser um técnico administrativo. Sonho grande, não sonho pequeno. Vou fazer biologia e crescer.”*

Vivendo ‘uma experiência’ que não gostaria de estar, ele explicita uma crença que o faz se sentir melhor: *“Todo mundo tem seu valor não é? O valor da pessoa é o caráter, não é?... não onde trabalha...”*.

A valoração, a relação simbólica nomeadas por Pedro reflete o julgamento e a sua diretriz de comportamentos diante do ‘objeto nomeado’ como bom, ou odioso, como ocorre no seu caso.

A situação relacional é entre o objeto e a pessoa que tem a experiência, lembrando que os valores atribuídos não estão realmente ‘no’ objeto. Para lembrar Goffman (1988), as

concepções sociais estigmatizadas tendem comprometer as transições e levar, involuntariamente, a pessoa para um *status* indesejado.

Em cada caso, o processo de construção ‘eu-nós’ conjuga os *sentidos* (subjetivo) e as significações (intersubjetivo), de tal maneira que, juntos, acabam construindo as histórias particulares, ao mesmo tempo, as histórias coletivas do grupo, aceitas e compartilhadas entre todos.

Para Strauss (1999) a existência da vinculação da identidade individual e a coletiva, temporalmente, cada uma afeta outra.

As interações acontecem entre indivíduos, mas os indivíduos também representam – em termos sociológicos – coletividades diferentes e muitas vezes múltiplas que estão se expressando por meio de interações. É claro que as interações entre as coletividades envolvem igualmente atores representativos [...]. Por conseguinte, a estrutura social e a interação estão intimamente associadas, e também afetam reciprocamente uma à outra (novamente) no tempo (STRAUSS, 1999, p. 27).

Essa construção a caminho da identificação psicossocial implica uma experiência relacional, que significa reconhecer a importância do outro na composição do ‘si-mesmo’.

Em outras palavras, uma condição de compartilhar determinados fatos da vida social - acontecimentos históricos, preferências, códigos linguísticos, situação econômica e política, religiosidade, lazer ou outros aspectos significantes para essa vivência de ‘si’ e do ‘outro’.

O indivíduo humano, que se entrelaça ao sujeito social, subjetivado e intersubjetivado, dinâmico e relacional, é simultaneamente único e social. Como sujeito social, ele participa das transformações, assim como, (re)constrói sua própria constituição.

[...] é inserido em um grupo ou em vários, todos situados em processos históricos de constituição e de transformação. Esses grupos são portadores de uma cultura, ou seja, de um complexo conjunto de conhecimentos e de crenças que tornam a realidade compreensível para eles e se materializam em hábitos e regras (TOMANIK, 2009, p. 51).

Logo, falar em ‘identidades sociais’ pressupõe uma realidade socialmente construída, onde não se separa a dimensão individual e a coletiva, tampouco os momentos das interações no seu aspecto temporal.

Para Berger e Luckmann (1985), o processo de interação é de abstração progressiva. Parte do socialmente aceito pelos ‘outros significativos’ e alcança o socialmente (político) aceito pelas instituições (grupos, comunidades, sociedades).

Dessa maneira, os autores defendem que a “[...] identidade é então consideravelmente delineada [...] em palavras simples, cada pessoa é mais ou menos aquilo que se supõe que seja. Em tal sociedade as identidades são facilmente reconhecíveis, objetiva e subjetivamente” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 217).

É possível, então, acompanhar a identidade social e seus desdobramentos ao longo do tempo, bem como, a importância subjetiva de uma identidade no repertório de uma pessoa (PAIVA, 2007). No entendimento de Roberto DaMatta,

Descobrir como as pessoas se posicionam e atualizam as “coisas” desta lista, você fará um “inventário” de identidades sociais e de sociedades. Isso lhe permitirá descobrir o estilo e o “jeito” de cada sistema. Ou, como se diz em linguagem antropológica, a cultura ou ideologia de cada sociedade (DaMATTA, 1986, p.09, grifos do autor).

Significa dizer que a estrutura da pessoa singular se relaciona com as outras pessoas, ou seja, com a vida coletiva. Encontra-se, dessa maneira, o sujeito social numa dimensão de totalidade. Em sua existência e combinações ‘as identidades’ podem se apresentar ambivalente, mas passível de compreensão a partir das dimensões sociais e simbólicas criadas e (re)criadas nesses espaços de vivência social.

Essas compreensões se tornaram possíveis acompanhando um pouco das experiências interacionais de ‘nossos’ atores sociais. As histórias significativas de alguns deles – Marta, Alicia, Taciana, Clemente e Pedro –, recriam fatos na vida cotidiana de cada um, numa constante (re)elaboração nas autoavaliações. Observa-se a busca de motivos e direcionamento das ações em suas trajetórias, diante do vivido, que é situacional e temporal.

Este fenômeno de construção, e de desconstrução, presente no processo de identificação não se apresenta diferente qualquer que seja o ‘motivo’ de pertencer ao grupo. Um comprometimento pode ser “[...] com objetivos familiares ou com a busca de seus próprios fins razoavelmente individualísticos.”, de acordo com Strauss (1999, p.58).

Esta hipótese parece-me também explicativa das ações que direcionam Luis no setor de Projetos, com formas mais sutis de afiliação ao grupo.

Retomando sua história, a autoavaliação reflete, sobretudo, a experiência individual e os valores já experimentados. Ou seja, ele se vale daquilo que já havia classificado em suas relações passadas.

Em suas palavras: “[...] *quando vamos aos municípios, a promotoria do meio ambiente libera o trabalho da UEM, a promotoria através da minha assessoria, do meu conhecimento ligado ao IAP (refere-se ao Instituto Ambiental do Paraná), isso é a porta de entrada para os projetos do Pró-Resíduo.*”

O processo identificatório para Luis tem um ‘peso’ no momento já passado, todavia, em função do que foi (e permanece), reflete ‘*uma* experiência’ relevante para ele. “[...] *o grosso da arrecadação do Pró-Resíduo está aqui nessa parte do Projeto*”, confirma ele, mostrando o grau de valoração dele para com o programa.

Há o motivo ‘concreto’ que mantém seu comportamento dirigido rumo às suas metas, e, dessa vez, diferente do passado, abrigado por sua afiliação ao PRORESÍDUOS, e a uma universidade, que lhe asseguram a transição bem sucedida de papéis, e para as novas identidades no grupo, a partir das experiências nele.

Também Walter, na Administração, de certa maneira tem razões semelhantes oriundas das experiências que acumulou nos vinte e três anos de UEM. São esses conhecimentos diversos em atividade realizadas no protocolo, de início como auxiliar, depois passando por trabalhos na reitoria, e no departamento de pessoal e de recursos humanos, que lhe trouxeram experiências sociais com as quais responde satisfatoriamente, no momento presente, nas interações com o atual grupo.

“*Eu fui destinado a dar origem ao programa do aspecto legal*”, explica ele sobre sua chegada ao Pró-Resíduos. “*Meu papel aqui é assumir toda a parte da administração e a parte da legislação ambiental, dos contratos - parte burocrática e parte legal.*” Motivos, assim, bem específicos, lhe fornecem a confiança, um *sentido* de pertença. O que faz e a relevância das atividades que assume, são boas e importantes razões para pertencer ao grupo.

A formação (graduação em direito) e a especialidade (direito ambiental) são ingredientes expressivos que o ‘classificam’ como necessário ao grupo e para o funcionamento administrativo/legal do programa. De certa maneira, sua nomeação desde a criação do Pró-Resíduos ocorreu em função de sua habilitação nessas áreas, fato que justifica um pouco de sua história como ‘ator independente’ ao assumir as responsabilidades específicas e, em especial, sobre os contratos de serviços externos que realizam.

Semelhante às interações de Luis com o grupo, os contatos de Walter com os demais ocorrem com menos frequência. Há um posicionamento (*status*) diferente entre eles e os demais integrantes do grupo, também pela natureza das atividades menos operacionais, ou de produção diária como a exemplo das oficinas.

No entanto, para ambos, observei a existência do reconhecimento entre os demais, do ‘papel-desempenho’ deles no e para o grupo.

Relembrando Caiuby (1993), a identidade vai se construindo via um processo que opera no plano da estrutura macro-social a considerar o sócio-político, histórico e até semiótico⁴⁴.

A representação de si e a autoimagem acontece de maneira dinâmica, conjugado a um processo de combinações, tal como um caleidoscópio que, segundo a autora, dá origem a uma forma de representação ‘de si’ ligada àquela que se faz do outro, como um espelho. Um contínuo ‘jogo de espelhos’, dada a intencionalidade e a multiplicidade das relações, sobre o qual se busca a própria imagem (CAIUBY, 1993).

O processo de construção de identidade social parece, então, ter um fluxo que propicia as categorias dos pensamentos de seus membros, estabelece os termos do autoconhecimento, de autoavaliação e fixa identidades pessoais, na medida em que recupera a singularidade do indivíduo.

Para os defensores da teoria dos papéis, existe um sujeito real que monitora seu desempenho durante todo o curso da representação. Segundo Abib (2009, p. 24), “[...] esse sujeito real é o sujeito autêntico. Esse sujeito é autônomo, busca sua autorrealização. No curso do seu desenvolvimento, ele pode se defrontar com obstáculos e dificuldades que podem inibir sua espontaneidade e sua livre expressão.”

Esse processo possibilita a construção da consciência individual e coletiva onde não se separam as experiências significativas para os indivíduos e aos seus grupos de convivência e pertencimento. Uma ação onde o indivíduo também é capaz de formular um esquema classificatório, ao separar pessoas ou objetos com características comuns, e criar valor simbólico para-si, e de si, para-outros.

Retomando mais um pouco dos depoimentos, fui encontrando situações, eventos, maneiras, que explicitam as relações ‘eu e você’ que, no conjunto das relações interpessoais, podem constituir pontos decisivos no autorespeito, na convivência, e para mover-se ‘em frente’. Alguns deles foram registrados com o pessoal da Coleta:

Nós faz a reciclagem, Taciana faz artesanato, Alicia faz o papel, tem o Luis que faz os projetos, tem a administração... É uma nova atividade na UEM, as pessoas estão aprendendo novas coisas, novos ensinamentos [...] (Zezão).

⁴⁴ Para analisar a identidade e o outro como modelo, Caiuby (1993) seleciona os conceitos ligados mais diretamente à linguística e a semiótica – signo, símbolo, significante, significado e simulacro. Guiada por seu objetivo de pesquisa, mostrou os efeitos do processo de imposição de padrões e valores ocidentais nas sociedades indígenas brasileiras.

O Programa tem vários tipos de trabalho. A Alicia faz outro tipo de trabalho, a Taciana outro, o Luis outro. Nós aqui tem dois tipos de trabalho, o lixo comum que tira de terça, quarta e sexta. Na segunda e quinta é o reciclado e o resíduo químico (Antonio).

Na simplicidade de suas expressões, mas, a partir de suas vivências, explicam quanto de responsabilidade tem o programa, onde cada um assume sua parte. No conjunto, fazem parte de um empreendimento comum.

Repasso novamente alguns pontos observados por Walter. Eles resumem bem o sentido coletivo que há entre eles. *“Aqui é um amontoado de gente, pessoas que vão e que ficam”*; *“trazem seus gostos, suas experiências”*; *“trazem parte da identidade deles para cá”*; *“ninguém é estrela”*; *“todos têm capacidade de improvisação”*.

Os *sentidos* diferem para cada um dos integrantes em diversos aspectos, pois a fase ou o ‘ritmo’ de percepção e dos sentimentos é um processo particularizado. Mas, coletivamente as significações se aproximam, e os aproximam, ordenando as relações e o envolvimento entre esses atores sociais.

Assim, eles se encontram nesse contexto situacional e participam desse ‘mundo’ chamado PRORESÍDUOS. Mundos são perspectivas partilhadas em sua essência (STRAUSS, 1999).

Analisando sob a ótica de Strauss (1999, p. 146), “o relato que uma pessoa faz de sua vida, quando escreve ou reflete sobre ela, é um ordenamento simbólico de eventos. O senso que temos de nossa vida baseia-se nos conceitos, nas interpretações que escolhemos usar [...]”.

Então, quando nossas interpretações são convincentes, permanece a existência do *sentido* contínuo atribuído à nossa vida como um todo, a exemplo das histórias e experiências adaptadas que acompanhei entre as pessoas que estão na Coleta, nas Oficinas, no Projeto e Administração.⁴⁵

Sobre a questão das ‘perspectivas partilhadas’, e de encontro ao ‘todos-nós’ na construção de um empreendimento comum, ao final da entrevista com a Marta, coordenadora do programa, ela fez um comentário que muito me chamou a atenção na sua forma de explicar o envolvimento das pessoas. Mas, após os levantamentos teóricos, considerei-o bem pertinente à discussão das identidades e papéis.

Retomo esse depoimento, dado a conexão dele com a questão do individual-coletivo, organizando a criação de papéis ‘de si e do outro’, em função dos ‘jeitos de ser’ de cada um no grupo. Diz ela:

⁴⁵ Observe-se que nas mais diversas falas não citam Pedro. Parece não existir como parte de ‘todos nós-juntos’.

Cada um tem um perfil. Taciana é 'fala verdade', é franca até demais. Alicia, 'a psicóloga' tem paciência para conversar. Joel é 'o bonzinho', se esforça em ajudar. Walter é 'o empreendedor', pensa nos projetos, abrir negócios. Luis é 'o dinheiro', traz os recursos. Clemente uma 'figura' maravilhosa, o vaidoso, o próprio John Lenon. Jairo é o 'jogador', faz cartelas/apostas para o grupo todo. Maria é 'a chique', sempre com bolsa, maquiagem, cabelo tudo arrumado. Antonio é 'o espiritualizado', rezador, faz novenas, excursão para Aparecida do Norte, presentearia todos com imagens de santos... (faz uma pausa, como que refletindo sobre sua colocação, e conclui). Aqui cada um tem seu perfil, senão como dá prá fazer o programa andar... [...] (Marta).

Quando pergunto – ‘e você? Tem um perfil?’, Marta faz o seguinte posicionamento. “Eu?... ‘a entusiasmada’... acho que tudo dá certo, querer é fazer, se o problema for dinheiro, experiência, dá prá correr atrás – a questão é acreditar. Acho ‘meio louca’, mas tudo que tentei fazer deu certo... [...]”.

Diante do ‘presente’, até mais forte que o ‘passado’ em experiências bem sucedidas, sua trajetória de vida, histórica e social, influencia e determina a posse de uma identidade temporal (Strauss, 1999), como a criadora e coordenadora de uma ideia – PRORESÍDUOS.

Marta é *aquela* que fixa identificações, a sua e a do grupo. Ela passou a ser o símbolo de um conjunto ajustado de pessoas, de eventos, de significações e de passagem, dela e dos integrantes que se interagem no desenvolvimento do programa.

Posso dizer até que ‘bem’ ajustado, sem nos esquecer que existe um certo descompasso circunstancial entre a relação do grupo com a universidade, ou ainda, o relacionamento conflituoso que envolve alguns dos participantes do grupo, principalmente no caso de Pedro.

A investigação me leva a constatar que a mudança de um *status* para outro não é tão positiva, fácil, prazerosa do ponto de vista individual, quando há um ‘forçamento’ na transição desse novo *status*. Nem sempre o sentido positivo de ‘continuidade’ das experiências está presente na formação da identidade pessoal.

Vou retomar algumas noções da Strauss(1999) e Goffman (1988) para auxiliar a entender esse ‘jogo de luz e sombras’, e a intensidade com que a posição liminar marcam as interações e as identidades.

4.3 A DINÂMICA INTERACIONAL – O PROCESSO IDENTITÁRIO

Conforme já mencionado, o estado *limiar* traz a noção da individualidade e a essencialidade da própria sociabilidade, um processo onde cada qual se envolve em ‘*uma experiência*’.

Em referência à questão identitária é possível, e dependendo da intensidade das experiências significativas vividas e a maneira com que o indivíduo lida nas situações, que o valor simbólico criado para si ocorra a partir de um esquema classificatório de baixa valorização ou menos positivo em relação aos demais membros do grupo.

Para Strauss (1999), se nos encontramos relativamente estáveis na estrutura social em que estamos integrados, a identidade é salvaguardada e, neste sentido, ela é mantida e preservada.

No entanto, nem sempre esse movimento se mantém em razão das pressões, dos vínculos estabelecidos. “[...] a frustração de ter de permanecer involuntariamente num *status*, determina as condições para a mudança e o desenvolvimento das identidades.” (STRAUSS, 1999, p.115). No entendimento do autor, um determinado *status* tem a possibilidade de transformar-se tanto num modo de ser, quanto num modo de agir. É possível descrever – pelo menos ao nível teórico no entendimento do autor –, as vidas de homens e mulheres como uma série de passagens de *status*.

Retomando a história de Pedro, parece-me que a ‘posse’ da identidade atual de ‘reciclador’ junto ao grupo, trouxe sensíveis mudança em seu autoconceito, além de certa descontinuidade pessoal em seus atos identificatórios.

A maneira como ele relata o início de suas atividades no Pró-Resíduos já traz uma carga de frustração em relação ao novo *status* assumido.

[...] Eu não sei do programa. Eles me puseram aqui, mas lá não sei o que fazem, não me passaram nada. Foi só o (fulano) do Sesmet (Serviço Especializado em Engenharia e Segurança do Trabalho), chegou e disse que tinha outro serviço para eu fazer e que ia começar amanhã. Nem sabia onde era o setor (refere-se ao Pró-Resíduos). Trouxeram aqui direto. Dizem que aqui é provisório. Vai ter outro lugar melhor. Também não sei. Disseram que vai ter um barracão, não vi esse barracão ainda. (Pedro, Separação de Materiais).

‘Puseram’; ‘não me passaram’; ‘provisório’; ‘vai ter outro lugar melhor’, são as expressões que, desde então, definem parte do universo dos novos *sentidos* de Pedro diante dessa nova experiência relacional e que, significativamente, o ‘deslocam’ dos demais

integrantes. Ainda que esse novo *status* seja temporário, conforme a idéia de ‘dimensão temporal’ que Strauss (1999) concebe para cada nova posição, não se pode negar a carga de ansiedade e de tensões presentes em seu questionamento.

No contexto das interações, foco dessa análise, que motivos permeiam o conjunto de atos e pensamentos de Pedro diante desse novo *status*? Único e sozinho em sua atividade, os significados que estabelece em sua experiência no Pró-Resíduos, vem sendo construídos por ação individual e particular.

Neste caso, a construção da identidade, ao mesmo tempo, possui significado para o próprio indivíduo e é a referência maior de significado. A identificação simbólica da finalidade da ação praticada por ele próprio se transforma no modo de ser, no modo de agir.

Assim são criadas as impressões acerca da atividade e a projeção que Pedro, na condição de ‘reciclador’, faz para si:

Vejo isso (refere-se ao trabalho atual) como um passatempo, uma fase na vida da gente, meu amanhã vai ser melhor do que hoje. Já falei que quero ser um técnico administrativo... [...] Quando a pessoa faz o que gosta é feliz, eu imagino isso. Não é? É isso que a gente pensa quando vê uma pessoa fazendo o que gosta (Pedro, Separação de Papéis).

Nos momentos críticos da percepção da situação em que vive, seu senso de identidade mostra a possível dimensão temporal entre o presente e um futuro que está por vir, sendo este criado por sua necessidade de explorar e validar novas concepções para si.

Se a identidade social é um processo de construção de significados pressupõe-se que o conjunto deles proporciona a formação de um estoque de conhecimento estruturado das experiências da vida cotidiana, alguns organizados em termos de rotina.

O estoque social do conhecimento fornece-me, além disso, (*refere-se ao conhecimento do mundo dos outros*), os esquemas tipificadores exigidos para as principais rotinas da vida cotidiana, não somente as tipificações dos outros, mas também tipificações de todas as espécies de conhecimentos e experiências tanto sociais quanto naturais (Berger e Luckmann, 1985, p. 64, grifo meu).

A realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores (Berger e Luckmann, 1985), no sentido que apreendo o outro pelo que já foi modelado na sucessão das relações ‘eu-outro’. Nessa ‘troca’ de experiências cotidianas e, em função das ações ou atributos do outro (a exemplo das referências de ‘homem’, ‘vendedor’, ‘professor’, ‘lixeiro’, ‘brasileiro’, etc), o grau de interesse meu pode variar, combinando maior proximidade ou maior anonimato nas interações.

Assim sendo, as tipificações e significados vão sendo apropriadas, objetivadas e criando *sentidos* para mim e meus semelhantes⁴⁶. Nessa condição, a identidade não é definida apenas pelo papel que o indivíduo desempenha, todavia, pode ser influenciada pelo mesmo.

A identidade ‘dada’ a Pedro é, em boa parte, resultante do papel que desempenha no momento. Depende da avaliação e classificação que formula e dos conceitos com os quais ele vai ter que lidar para instituir sua relação de identidade.

Mas, já se sabe que é uma situação e *status*, que ao falar sobre elas, mais fica irritado consigo e com as coisas que se vê obrigado a fazer. Uma situação problemática que foi assim declarada – “jogaram você no lixo” –, por outros com quem convive (amigos e familiares), reforçando a imagem que faz de ‘si’. Essa influência que recebe do meio é o determinante.

No alto de sua irritação e indignação, em um dos nossos contatos Pedro se pergunta: – “*Eu sou um homem ou sou um rato?*”.

Ser ‘homem’ ou um ‘rato’ expressa a procura do ‘quem sou eu nessa situação?’. Um misto de autoquestionamento, autoavaliação e de uma busca de identidade.

Uma batalha que se coloca na relação entre o objeto e a pessoa que tem experiência com o objeto, a partir dos valores e julgamentos já recebidos, associados a outros percebidos na própria experiência dos quatro meses na atividade. E, além disso, tem o local que o faz viver em constante pressão, sobre o qual faz várias queixas de como o tratam, sobre o que faz, e as condições que lhes dão.

Em questões relativas à identidade e aos motivos implícitos nas referências identitárias construídas por nós, as soluções podem se apresentar, na situação, como insatisfatórias. “Numa situação problemática, uma pessoa precisa não apenas identificar o outro naquele momento, mas também, *pari passu*, identificar seu *self* naquele instante” (STRAUSS, 1999, p. 64, grifos do autor).

Dada a ambiguidade da situação e enquanto o ‘eu’ não descobre as referências que o levem a configurar respostas satisfatórias, o que se observa, no caso de Pedro, são as reações antagônicas, vividas entre seus dois mundos – o real e o idealizado.

É o que faz boa parte do seu tempo, mexendo com os materiais que separa. “[...] *é disso que eu gosto... eu aprecio o que é bonito!*”, diz ele com muita satisfação mostrando as fotos de lindos modelos, sempre sorridentes, fotos litorâneas, de paisagens coloridas. Enfim,

⁴⁶ A análise da fenomenologia (*‘mise en cene’*), que tem como pressuposto a ritualização e dramatização dos atos sociais, levando em conta uma abordagem sobre as mais variadas experiências do indivíduo e as diferentes estruturas de significação implicadas nelas (BERGER e LUCKMANN, 1985).

traz referências a tudo que exprime muita vida, prazer e relações de bem-estar. Tudo idealizado – é o lugar que gostaria de estar.

Mexendo e remexendo os papéis, escolhe catálogos (de moda, viagens), e diz: “*essas pessoas é que brilham...*”, – são homens e mulheres de boa aparência – e, claro, sempre em locais e situações onde qualquer pessoa gostaria de estar, mesmo que na imaginação, ou fantasiando uma cena de filme em que tudo acaba bem.

Pedro vai buscando valores que possam lhe dar referências, ‘fora’ do seu contexto relacional atual. Até mesmo, nas interpretações e descrições de signo (horóscopo) que projetam ideais tipos de pessoa/perfil: “*O meu signo é leão, que gosta de se comunicar, é romântico, gosta de aparecer, de estar com muita gente, de falar, tudo isso... [...]*”.

Nesse complexo encontro do ‘eu-nós’ o devaneio, a fantasia, é usada como suporte, estabelecendo uma ponte entre o mundo particular e o coletivo que, no caso de Pedro, ficam guardados para ele, não se tornam compartilhadas (coletivos, ou institucionalizadas). São, apenas, seus processos idealizados.

Strauss (1999, p. 79) afirma que, “a “fantasia” é fácil e popularmente equiparada ao irreal, ao jocoso, à simulação, ao fantasmagórico; e o “pensamento”, à abstração, à lógica, à solução de problemas, ou pelo menos à manipulação de um mundo real e de relações humanas reais.” (grifos do autor).

Significa que a fantasia⁴⁷, a exemplo do pensamento racional, ocorre no contexto das interações e, segundo o autor, ela emerge nos encontros entre as pessoas e tem conseqüências para esses encontros.

Sejam os devaneios preparatórios (imaginando o encontro), seja sobre o passado (colocando-o em consonância com o presente), ou ainda nos coletivos quando mais pessoas participam do processo de devaneio um do outro, o que se pode ponderar é que na medida em que ‘pensamos’ sobre as cenas imaginárias, a identidade e as ações que se seguem podem ser afetadas, sobretudo, se o que estamos fantasiando é importante para nós.

Assim vive Pedro. Entre imagens sonhadas vai construindo subjetivamente uma espécie de compensação importante para ele, uma fuga, que faz com que o ‘vivido social’ seja mais tolerável. Conflituoso, porém, mais fácil de ser tolerado enquanto não ocorre uma mudança de *status*.

⁴⁷ Strauss explica que “alguns psiquiatras e psicólogos consideram útil o devaneio, o ‘sonhar-acordado’, principalmente porque são mecanismos de ajustes; satisfazem os desejos ou são mecanismos compensatórios, ou permitem a liberação de tensão, ou a fuga momentânea da realidade.” (STRAUS, 1999, p. 78).

Transcorre dessa experiência isolada, como a de um ator independente, um penoso exercício, pois há contrastes bem ‘distantes’ entre o que idealiza e o que vive. De volta à sua ‘consciência e razão’, olha para as coisas ao seu redor, e constata: – “*Não tem condições, tudo amontoado, isso prá mim é sujeira, não gosto de nada disso [...]*”.

Em outro certo momento, comenta o exemplo (história popular) de quem ‘perde o ônibus’, fato que aconteceu com ele. “*Passou e eu não fui*”, afirma. De uma maneira ‘cômica’, como que para dar graça à história, explica que na vida é assim, perdeu, não tem o que fazer. E, ele mesmo, formula explicações sobre sua história:

Vira isso. (ele mostra materiais espalhados, restos de computador velho, caixas sujas, plásticos, montes de papel que o cercam). *Eu sou isso porque perdi o ônibus. Tipo eu, vivi as coisas e o tempo passou e não consegui desenvolver. Tudo é cultura. Agora estou aqui, nisso aqui.* (Pedro, Separação de Materiais).

Como já citado, na sociedade contemporânea o lixo é considerado o local dos excluídos e rejeitados, dos que possuem uma identidade social deteriorada. Há, por conseguinte, em torno deste tipo de atividade, os indivíduos estigmatizados, os considerados estranhos, as pessoas ‘contaminadas’ e diminuídas.

Falar em ‘reciclados’, uma condição diferenciada ao do lixo, não é bem a verdade diante da imagem que se tem do local escolhido para a Segregação de Materiais ou, nem mesmo, pela forma em que a atividade de separação é feita no Pró-Resíduos.

A sensação que se tem ao olhar o local é de abandono, passa o sentimento de alguém ‘jogado’ na situação, como Pedro descreveu sua chegada no local e no grupo. Uma atividade que não lhe traz qualquer *sentido*, realizada à parte do que acontece no programa, sem estímulo nenhum. Que retorno pessoal lhe dá essa atividade? O que o gratifica fazendo o que faz? Que significado tem para ele ou para o grupo?

Em alguns momentos tentei buscar respostas e informações sobre essa atividade, junto ao pessoal da coleta ou mesmo na coordenação. Entretanto, não encontrei justificativa da importância da segregação no escopo do programa e, nem para ele estar ali.

Fico com a impressão de que foi uma ocasional oportunidade de unir ‘pessoa à coisa’. Nada relevante, nem programado. Arrisco dizer – não tem importância, tanto faz ter ou não ter, a quantidade não é muita –, ainda não existe a consciência da segregação do lixo, na comunidade universitária.

Portanto, ‘ser Pedro’ nessa situação, significa ‘uma experiência’ degradante, onde as trocas subjetivas e intersubjetivas resultam em um modo de viver humilhante e invisível.

Experiência muito íntima nos seus *sentidos*, que somente pude perceber por meio dos significados traduzidos por suas palavras, mas, sem voz, por que não se ouve, ou não se quer ouvir.

Importante lembrar que a construção social da realidade de cada indivíduo passa por parâmetros instituídos, de certa forma, impostos pela sociedade, com idéias, valores, modos de pensar, comportamentos, cultura, externos ao sujeito, e são, assim, incorporados como sendo ‘nossos’, como membro do grupo (comunidade, sociedade).

Também já está compreendido que os processos identificatórios não existem fora de seu contexto e sempre são relativos a algo específico. A identificação é uma ação que deve representar uma situação com *sentido* para as pessoas, mesmo que temporal.

Relacionou-se, ainda, que no ‘vivido social’ se entrelaçam o ‘indivíduo’ (dos *sentidos*) e o ‘sujeito’ (dos significados), numa condição intersubjetiva diante dos fatos da vida social. É quando, então, se dá a compreensão de seus códigos e se estabelece um patrimônio cognitivo – um complexo sistema simbólico –, determinado também pelas relações de familiaridade com objetos, experiências, pessoas, enfim, com todos os elementos de vida relacionáveis.

Em um dos últimos contatos de observação com Pedro registrei, muito mais que um comentário ou desabafo. Uma angustiante autorreflexão que transcrevo.

Agora das condições não melhorou porque isso aqui... meu deus do céu!...Antes trabalhava no museu, olha agora... nem digo isso pros outros... eu gosto de cultura...aqui isso é cultura?!? (exclama mostrando sinais de indignação, e continua). Eu queria ser estilista... olha que coisa boa de fazer. Deve ser gostoso eu vejo isso na televisão... (faz uma pausa, balança a cabeça num sinal negativo). Tem hora que nem me entendo, olha o que eu penso, olha onde estou! [...]

Então, no mundo social, interacional, faz diferença para as identidades pessoais como as outras pessoas importantes estão atribuindo a ‘mim’, que vão se somar às qualificações que já tenho do meu papel (*status*).

As transições de *status* são sumamente complicadas (STRAUSS, 1999), porque dependem do equilíbrio interacional. Este, por sua vez, vai implicar no desenvolvimento, ou na troca de identidades, boas ou ruins para o indivíduo, ajustadas ou não para o sujeito social.

Da minha apreensão desse conjunto de experiências de Pedro, e do reconhecimento da posição liminar vivenciada por ele na condição de ‘reciclador’, devo ‘dar voz’ aos seus sentimentos, pois, na vida real, devaneios e fantasias não nos mantêm no mundo social, tampouco permite estruturar relações saudáveis, face-a-face, com outros indivíduos. O ‘sonhar acordado’ é importante para a troca de identidades, mas a carga do imaginário pessoal

pode interferir na estruturação subjetiva da vida e no processo interacional.

A passagem para a vida adulta pode tornar mais fácil a experimentação de identidades temporárias e a legitimação de outros *status*. Entretanto, mudanças circunstanciais importantes serão toleradas se o indivíduo consegue resignificar, se apropriar e subjetivar os novos *sentidos* para sua experiência pessoal.

4.4 RELAÇÕES E OS SIGNIFICADOS - TRANSFORMAÇÕES DA IDENTIDADE

Analisando ainda essa dinâmica, processual e relacional, e do ponto de vista psicossocial, as transições de identidade, e de *status*, podem acontecer num movimento mais harmônico entre o ‘antes e depois’.

Na medida em que as classificações mais novas são incorporadas, as mais velhas tendem a serem revistas, reavaliadas e, em acontecendo, trazem novas conceituações que implicam em mudança de comportamento.

Um exemplo significativo que bem ilustra essa questão está no recente trabalho do artista plástico Vik Muniz⁴⁸ em um dos maiores aterros sanitários do mundo: o Jardim Gramacho, na periferia do Rio de Janeiro.

Com o objetivo inicial de retratar a ‘vida do lixo’, Vik fotografa um grupo de catadores de materiais recicláveis que vivem na liminaridade, uma experiência inédita de juntar elementos opostos como a ‘arte’ (valor estético) e o ‘lixo’.

Seu desejo foi promover uma visão diferenciada para esse grupo de catadores e sobre a atividade que fazem, usando os próprios materiais de trabalho – os recicláveis retirados do lixão a céu aberto –, transformados em ‘retratos do lixo’.

Uma ‘construção-participante’ onde as próprias fotos, tiradas no contexto em que vivem, são usadas e, com elas, podem fazer uma criação livre para ‘se retratarem’. Escolhem os materiais recicláveis que mais lhes ‘agradam ou significam’, e vão reconstruindo as próprias imagens em grandes obras artísticas.

Ao final, a surpreendente produção do documentário ‘*Lixo Extraordinário*’⁴⁹ reflete o mundo social de vários personagens liminares do ‘mundo do lixo’, e revela os extremos contraditórios entre a dignidade, humilhação, invisibilidade e o desespero que enfrentam quando pensam suas vidas, dentro e fora, daquele ambiente.

⁴⁸ Vicente José de Oliveira Muniz, paulista, fotógrafo, desenhista e pintor. Desde 1988 realiza trabalhos com temas relativos à memória, à percepção e à representação de imagens do mundo das artes e dos meios de comunicação. Usa nas obras técnicas diversas e materiais inusitados como açúcar, chocolate líquido, doce de leite, catchup, gel para cabelo, lixo e poeira. (em: <http://www.vikmuniz.net/>, e Enciclopédia Itaú Cultural - Artes Visuais).

⁴⁹ Documentário filmado ao longo de dois anos, entre agosto/2007 a maio/2009, lançado em 2010, ganhador de 21 prêmios de participação em festivais nacionais e internacionais, além do projeto de fechamento do local em 2012. Os personagens ‘Tião, Zumbi, Suelem, Isis, Irmã’, são reais, fazem parte do cenário social, também real, do cotidiano vivido na ‘*vida do lixo*’. Fonte: [<http://www.lixoextraordinario.net/>].

No contexto de quem convive do, e com o 'lixo', do qual já conhecemos os efeitos, surge outra classificação, outro *status* para essas pessoas, diante da nova valoração do 'resíduo', agora transformado em arte. E com ele, mudanças no modo de pensar as identidades pessoais e coletivas para esses sujeitos sociais. Tanto para o artista, quanto para os personagens retratados, o evento se tornou 'uma experiência' transformadora, proporcionando momentos de transições, individuais e coletivos, e a configuração de novos *significativos sentidos* de existência para todas as pessoas do grupo.

Nesse período, acompanhando todo o processo de lidar com o 'lixo na arte', de misturar 'artistas' e 'catadores', o artista plástico consegue mostrar o poder das relações, dos eventos, da percepção, dos atos, dos objetos e situações como transformadores de identidades, com a quebra de determinados vínculos e a substituição por outros.

Na sequência, com a geração dos novos *sentidos* significativos, o grupo passa da invisibilidade para a visibilidade e, mais: são considerados, admirados, promovidos a 'gente' – ganham rostos e nomes. São modificados em suas ações e interações.

O documentário e seus atores mostram a força da dinâmica relacional nas mudanças para o sujeito social e nas transformações de identidade.

Seguindo por essa ótica, *sentidos* e significados nascem pela forma com que o indivíduo interage consigo e com outros, perspectiva que nos leva a compreender a reciprocidade da ação social e o contínuo processo de mudança pessoal em razão dos inúmeros processos interacionais aos quais estamos imersos.

Conceitualmente, as identidades não estão definitivamente terminadas (BOCK, 2001; DaMATTA, 2000; CAIUBY, 1993), pois as experiências vividas pelos sujeitos são constituintes decisórios no processo identificatório e de afiliação social.

Segundo a visão de que em todos os tipos de *status* está implícita uma dimensão temporal, "ninguém obtém, nem pode assumir, uma posição ou *status* para sempre" (STRAUSS, 1999, p. 128).

Então, a identidade passa a ser definida no âmbito social, de tal modo, que existem identidades diferentes, em diferentes momentos. Proporciona a transformação/alteração dos padrões de significações, de interpretação, na comunicação social e nas percepções de individualidade. As identidades não são unificadas ao redor do 'eu'; existe a probabilidade de haver em nós identidades contraditórias, de tal modo, que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Se antes aquele grupo de catadores retratados na ‘vida do lixo’ se sentia *out*, pouco considerado, ou condicionalmente ‘fora’, do ponto de vista dos padrões já definidos socialmente, as novas experiências direcionaram e modificaram o processo interacional ‘eu-nós’.

É a constatação de que alguns grupos em situação liminar conseguem encontrar formas de ressignificar os sentidos originais e os padrões conferidos a ele, pela sociedade. Transicionam um ‘antes-depois’ para assumir outro *status*, outra identidade. Mudanças subjetivas e intersubjetivas delineiam os *sentidos* do ‘eu’. As dificuldades e a transitoriedade contidas nas situações liminares podem ser reconhecidas como vivências e experiências decisivas para a ação do sujeito social e a ‘posse’ de uma nova identidade pessoal.

Fica mais compreensível a intensidade e influência dos momentos de mudança na definição de novos ‘olhares’ em torno de uma situação em curso que, por sua vez, modifica o modo de pensar sobre ela.

No dia-a-dia do PRORESÍDUOS, observei que isso não foi diferente. Para Alicia, depois que descobriu o que faria no programa, abriu-se um novo cenário:

Hoje trabalho com o Sesc, com escolas Especiais, outras escolas da cidade, Santa Cruz, Santo Inácio – todas as escolas que dão educação ambiental. Com as prefeituras e cooperados. Minha vida mudou prá melhor. Não fiquei mais doente. Vivia de atestado, durante seis anos seguidos (Alicia, Oficina de Papel).

E, ela completa: “*Só agora consegui fazer o que gosto o que queria*”. Existe para ela um ‘antes-depois’ que a faz experimentar, além de um novo conhecimento, outro modo de ‘se ver’, e de viver. É como se perguntasse – ‘por que não descobri isso antes?’.

No mesmo setor, Maria, bem mais recente no grupo, também percebe uma nova fase e a passagem para um novo *status*. Ex-auxiliar operacional da copa da universidade, afastada dos trabalhos mais pesados por ordem médica (limitada por uma cirurgia com duas pontes de safena), Maria está, ao seu tempo, atribuindo novos conceitos vivenciais, que resultam em mudança de comportamentos.

Sua fala revela que, aos poucos, está ‘misturando experiências’, criando uma nova história para si.

O que sei é que eles (refere-se ao lugar como ‘fabrica de papel reciclado’) têm objetivo de reciclar tudo que é preciso, ajudando o meio ambiente. Prá nós e pro meio ambiente [...] Já tinha ouvido falar do programa, mas não tinha conhecimento o que fazia [...] O pouco que percebi, foi de ver, de participar [...] Não pretendo deixar o grupo, não (Maria, Oficina de Papéis).

Foram com ela os meus primeiros aprendizados na confecção dos lápis artesanais. Durante a atividade percebi o quanto ela gosta de estar na oficina. Sente-se bem no ambiente e com as pessoas que ‘vão e voltam’ ali.

Mesmo sendo uma atividade repetitiva, que exige uma produção ‘invejável’ (chegou a mil e setecentas unidades no mês de março, e já tinha previsão de atingir a casa de seis mil nos próximos três meses), ela se mostrava disponível. Assim, junto aos demais, vai conquistando um novo *status*, acrescentando mais momentos bons em sua autoavaliação.

Da mesma forma, observei esse sentimento de transição para melhor, junto ao pessoal da Coleta de Lixo. Descrevo três deles em razão das semelhanças que apresentam:

Não tenho o que reclamar, acho que tá tudo bem. Esse trabalho de catá papel é muito ruim, anda o dia inteiro pela UEM (se refere ao trabalho de recolher papéis espalhados usando um tipo de espeto, hoje feito por outra pessoa). Andava com balainho, ensacava tudo e colocava no ponto que as zeladoras coloca o lixo para ser recolhido. Aqui no programa é melhor. Em atividade, essa é melhor (Zezão).

O grupo nasceu (refere-se ao grupo da coleta) era catador de lixo e fizeram um tal de reciclado. Começou na parte de catar o lixo e depois ficou um projeto de recicla o lixo. Fizeram pesquisa e montaram o programa (Jairo).

O novo sempre vem, e esse programa é isso. A quantidade de ligações que tem e que a gente recebe é grande. É vidro, papéis, etc. Tem os lugares fixos que é comum prá pegar os resíduos todos os dias [...] (Clemente).

O ‘programa’, algo instituído, surge para dar sustentação aos seus novos comportamentos – os *sentidos* de pertencimento. Nos depoimentos eles relacionam o quanto agora tem de benefícios com a vinda do Pró-Resíduos, como se ‘antes’ não tivessem tanta segurança. É o ponto de referência para novas identificações, que vão dando origem a novos *status*.

A nova ‘classificação’, de lixo para resíduos, age modificando a maneira de lidar com a ‘ocupação’. Pelo menos para eles, pareceu-me minimizar os efeitos de conceito ruim, pejorativo, padronizado socialmente, que a conotação do lixo traz. Há um *sentido* diferente em ‘lidar com reciclado’. Constata-se, diante do fato, que a idéia de ‘resíduos’ e de ‘reciclagem’ passou a ter um papel fundamental de referência para as pessoas que vivem no ‘mundo do lixo’.

Como já se descreveu, entre o ‘lixo e os resíduos’, e mais recentemente, a ‘reciclagem’, se misturam concepções de ‘oportunidade de negócios’, ‘nova matéria-prima’, ‘indústria de reciclagem’, ‘geração de emprego-e-renda’. São ideias e conceituações que re-locam o ‘lixo’ em uma categoria social dinâmica e lhe atribui certa valorização.

Nas relações atuais não se trata o ‘lixo’ como meramente um montante de objetos inúteis e descartados.⁵⁰

Foram introduzidas mudanças de nível conceitual, que estimulam, gradualmente, as pessoas a pensar e projetar em novas referências, novas identificações. Esse é o ciclo das identificações, nunca terminado, no desenvolvimento de identidades.

4.4.1 Outros *status*, outras identidades

O espaço liminar de convivência ‘Pró-Resíduos’, como já mencionei, oportunizou aprendizagens bem significativas no entendimento das significações das trocas simbólicas, do processo de construção identitária, passando pelo reconhecimento, aspectos que os legitimam como um grupo, e pessoas singulares, pelo que fazem e como o fazem.

Na explicação prática, encontrei o sujeito sociológico que se torna uma nova unidade social diante de uma nova condição de vida, intencional ou não.

Portanto, se faz importante mencionar dois casos que bem ilustram o movimento de passagem, de mudanças pessoais e os momentos de busca de outras identidades pessoais.

Uma delas com Taciana. Após o mês de maio/2011, resolveu ‘deixar’ o grupo em busca de outro espaço de inserção e de pertencimento. Uma ação intencional, que mostra sua necessidade de busca de outras experiências, e de encontro com uma nova história. Em suas palavras:

Vou sair. Não quero mais isso prá mim. Cansei dessa história toda. (pergunto quanto tempo vai ficar fora) Não volto nunca mais, se deus quiser! Vou tirar minhas licenças e emendar as férias e fico fora dessa ... prá sempre. Minha carta de alforria! Já tenho trinta anos da UEM e no meu aniversário em novembro já completo o tempo de aposentar. [...] Minha vida toda gostei de fazer artesanato, de criar, por isso vim prá cá. Mas chega! Não vou mais sofrer com essas coisas que não depende de mim (se refere as dificuldades de estrutura que interfere em suas relações com os demais). O que depende eu faço, sempre fiz bem [...] Vou atrás do meu ‘maceió’. Um lugar prá se viver bem, ser feliz, sem pressão, sem cobrança. Vou ser eu mesma. Vou me encontrar num lugar desses e viver sossegada, vivendo do meu trabalho, ah! tem que ter uma rede e de frente pro mar. Quer vida melhor? Isso aqui não é vida, está acabando comigo. Amanhã é meu último dia!

⁵⁰ Dib-Ferreira (2005) relaciona em sua pesquisa de mestrado o tratamento da mídia e de matérias jornalísticas, tais como: ‘O útil que vem do lixo’; ‘A reciclagem de objetos utilizados uma segunda vez’; ‘A salvação pelos 3 R’s’, onde se afirma que ‘a nova ordem mundial é diminuir o lixo através da adoção, já em marcha no Brasil, do princípio do 3 R’s: Reduzir + Reutilizar +Reciclar’; ‘Hoje em dia, pode ser reciclado praticamente tudo’; ‘O lixo bem administrado é capaz de gerar renda e emprego’; ‘O lixo passou a ser visto não só como rejeito, mas também como matéria-prima, gerando renda, através do mercado da reutilização, da reciclagem’; ‘O lixo é matéria prima fora do lugar’.

Ao falar ‘*maceió*’ projeta seu lugar imaginário. São as fantasias de onde pretende construir uma vida diferente de tudo que sempre viveu. O lugar pode estar em qualquer lugar, fora da UEM, fora de Maringá.

São seus planos de vida pensados (sonhados) à frente. Aposentar, viver feliz e despreocupada. Viver de trabalhos manuais que gosta. Vai levar ‘tudo’ com ela. Seus pertences principais – as ferramentas de trabalho que são suas e as plantas que trouxe para formar o jardim em frente da ‘sua casa’.

Enfim, vai à busca de *uma outra* experiência, que consolide uma identidade diferente da experimentada até então – momentos que possam se traduzir em outro *status* de vida, outros relacionamentos, outros *sentidos* significativos. Um ciclo que nunca termina.

Despeço-me dela, lembrando que foi uma importante protagonista do PRORESÍDUOS; possuidora de *uma* história singular e que deu vida à uma parte do grupo enquanto esteve ali, com sua maneira de pensar, sentir e agir.

A outra mudança, também intencional, ocorreu com Walter. Mas esta quando soube já havia se afastado, em uma licença não remunerada de um ano, a partir de agosto de 2011.

Uniu-se à intenção da família e de novos propósitos de trabalho, mudando para Natal (RGN) no final de semana de 27 de agosto. Uma ação que lhe dará origem a uma nova situação de vivências individuais e coletivas.

Ao sujeito cabe a possibilidade da ação de inserção ou não, de criação de outros espaços de vinculações, identificações e de pertencimento, assegurando, assim, outras formas de pensamento que geram condições diferenciadas de vida.

Para relembrar, a construção das identidades não existe fora de seu contexto; elas são constituídas nas identificações e trocas simbólicas que as determinam, a partir da visão de mundo que cada um constrói para si.

Intensos, múltiplos e infindáveis são os eventos psicológicos e sociais que se articulam e se misturam ao longo da vida de cada um de nós. Acontece exatamente um movimento de ‘ir-e-vir’ de acontecimentos e experiências, tal como os as combinações de um caleidoscópio e os reflexos do espelho (CAIUBY, 1993; STRAUS, 1999).

Fatos da vida que se acumulam e se transformam, em múltiplas combinações de *sentidos do eu*, com os ‘significados de outrem’, delineando as identidades.

Como espectadora da realidade de ambos, somente posso desejar que esses ‘momentos de passagem’ sejam boas transformações biográficas, cada qual, nos seus novos *sentidos* significativos de vida.

Esse é o infinito processo interacional, e de identificações simbólicas, que junta o passado ao presente, promove rupturas, mas também os encontros de ressignificação, ligando o presente e o futuro (Apêndice 3).

São ilustrações de como agem as percepções humanas sobre os fatos e os transformam em uma *intencionalidade significativa* – ‘aos olhos’ de cada um. Na realidade, nos deparamos com vários mundos: o psicológico, o social, o simbólico, das identificações, das identidades. Todos se constroem e se organizam numa relação de complementaridade e são infindáveis. Por isso, os poetas⁵¹ falam por nós – as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.

⁵¹ GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

4.5 NO PERCURSO DO RECONHECIMENTO E DA IDENTIFICAÇÃO

Resta-me, ainda, descrever mais um importante ponto acerca da interligação entre os processos identificatórios e a liminaridade.

A resposta que procuro está vinculada aos efeitos dos atributos negativos que envolvem a condição da liminaridade e suas implicações sobre a estrutura do grupo. Tomando por referência o universo liminar do Pró-Resíduos em relação à universidade, é preciso analisar que tipo de ‘contaminação’ essa relação traz aos seus integrantes.

De volta aos apontamentos de campo, levantei a frequência com que expressam o sentimento de ausência de apoio pelos demais órgãos e gestores da universidade naquilo que realizam.

A percepção deles decorre da ambiguidade, própria do *limiar*, que os colocam entre ‘dois mundos’, dadas as circunstâncias que cercam a realidade do programa Pró-Resíduos quanto à sua precária estrutura e jeito de funcionar na universidade.

Como, então, o grupo (e pessoas) se mantém ativo em torno de um empreendimento que, por suas características de existência, está na *soleira*? Qual o elemento que dá sustentação para essa jornada de quase oito anos?

São pioneiros no trabalho de gerenciar resíduos, uma iniciativa, segundo Marta, que antecipou certos padrões e exigências legais ambientais. Porém, não recebem o apoio necessário, quer no âmbito de estrutura e suporte de recursos mínimos, ou de pessoas necessárias ao desenvolvimento das atividades do programa.

Outro fato que exemplifica a condição de *soleira* é relativo ao local das atividades. Até hoje, ‘vivem’ em caráter provisório. O programa não tem um prédio *próprio*. O Setor de Projetos trabalhou, de perto, acompanhando a criação do projeto de construção das instalações, uma sede para o programa.

Uma ideia que ficou na planta; um projeto, até o momento, que existe só no papel.

O local não é legal (se refere à ‘casa’ onde estão atualmente). Trabalhei muito com o projeto novo (mostra a planta da construção do novo local no térreo, e andar superior). Tem espaço para trabalhar com a coleta, projetaram um barracão lá, área de tratamento dos efluentes, captação água de chuva, tem tudo que precisamos... sala do desenvolvimento de projetos. Aqui administrativamente é bom, (em relação à região mais central do campus), tecnicamente é ruim. Antes, no barracão improvisado, era pior que aqui. A construção está parada por falta de verba (Luis, Projetos).

Ao que se tem conhecimento, é a justificativa fornecida pela universidade. A falta de recursos financeiros impede o início da construção do local apropriado para o Pró-Resíduos.

No entanto, esta é mais uma das contradições que o grupo enfrenta. Como já se relacionou, o programa tem seus rendimentos, a maior parte, por meio das assessorias externas e os projetos ambientais que executa pela região, além do que ganham com os materiais produzidos pelas oficinas. Porém, o programa não tem autonomia para gerenciar os recursos financeiros provenientes desses trabalhos.

Os projetos realizados possuem formalmente contratos de serviços que, administrativa e financeiramente, se vinculam a um centro de custo específico da reitoria, onde o programa foi criado. Este é um dos pontos operacionais, senão o principal deles, que deixa de viabilizar melhores condições para o andamento das atividades do programa e que não pode ser alterado em razão da sua origem como um projeto de extensão da universidade.

O PRORESÍDUOS vive constante falta de apoio para seu funcionamento. Entretanto, precisa existir, combinadas as questões legais relativas aos aspectos ambientais internos, aos de promoção da imagem da universidade, quanto à responsabilidade socioambiental institucional.

Seguramente, somam-se inúmeros eventos que confirmam o sentido ambíguo vivido nas relações entre o grupo e a universidade, e pelo grupo e seus componentes, que acentuam as características de uma existência conflituosa para eles. Uma condição contraditória, ‘*nem-lá-nem-cá*’, que causa expectativa e, por vezes, estranheza, para os integrantes.

Eu acho que precisa mais de apoio, principalmente na fábrica de papel (refere-se à oficina de papéis). Mas não sei da parte de quem vem esse apoio. É financeiro, é de incentivar a gente de maneira construtiva. Não sinto isso hoje, bem pouco. Acho que é um programa que a UEM depende dele. Faz a coleta do lixo, mas não tem apoio... [...] (Maria, Oficina de Papéis).

E, quando insisto na questão perguntando se ela sente-se bem trabalhando no setor e com o grupo, ela prontamente concorda. Porém, reafirma: – “*Mas precisa de apoio. Precisa de reconhecer que precisamos mais apoio, da universidade toda.*”

Os comentários de Alicia também trazem certo pesar pela situação em que se encontram. “*Vi o Pró-Resíduo nascer, agora já tá crescendo, foi muito rápido com esse crescimento da necessidade ambiental. O Lixo espalhado não se sabe o que fazer. A falta do plano de gerenciamento, o lidar com o meio ambiente, a educação para as crianças... falta tudo isso.*”

Do mesmo modo, registrei na Oficina de Reaproveitamento o desconforto da situação na expressão de Taciana: “*O trabalho um dia vai ser reconhecido... a mão é que faz.*”

A busca de explicações dos sentimentos deles em torno da falta de reconhecimento me conduz a identificar as análises de Paul Ricoeur, cujas interpretações mostram o vínculo privilegiado entre identidade e o reconhecimento.

Seus estudos relativos aos processos de estruturação individual conceituam que a identidade se altera ao longo de nossa existência. Tais transições de identidade, além de exigir do ‘sujeito-ação’ um percurso constante de conhecer, reconhecer, passando por etapas de identificação e de capacidade do sujeito para o reconhecimento de si próprio e dos outros.

Com essa perspectiva de interpretação, identifico uma questão fundamental fazendo parte dos atributos identificatórios do grupo, além do aspecto mais estrutural, e estruturante, inerente à liminaridade, ou a uma situação liminar.

Descubro um novo elemento, um importante determinante na configuração das identidades. Trata-se da questão do reconhecimento como essência da identificação.

Embora ‘identidade-reconhecimento’ sejam conceitos intimamente ligados no conjunto da essencialidade da vida humana e para o projeto de desenvolvimento de vida, dedicarei uma reflexão especial à noção de reconhecimento sem, contudo, desvincular um do outro, pois são elementos interdependentes na formulação das questões identitárias.

O estudo da existência e combinações entre o sujeito singular (psicológico) e o sujeito coletivo (sociológico) nos aproxima da noção do ‘reconhecimento’⁵² de Ricoeur (2006), no seu significado de consolidar a identificação social, de ligar imagens ou percepções relativas a um objeto, para distingui-lo e identificá-lo.

Segundo o autor, a discussão preliminar pautada na noção do reconhecimento como instauração do vínculo social “[...] possui um vínculo privilegiado com o da identidade” (RICOEUR, 2006, p.152), o que explica o reconhecimento como identificação de algo, ou à própria capacidade individual do reconhecimento.⁵³

A noção do reconhecer, constituída pelas etapas de identificação do reconhecimento de ‘si’ e de ‘outrem’, segue um percurso histórico-filosófico e, chega ao ‘sujeito que age’,

⁵² O termo reconhecimento para a tradução do alemão *anerkennung* tem um sentido mais estrito do que em português. Do termo *reconnaissance*, no francês, empregado pelo autor, tem amplitude semântica que vai da simples identificação até a gratidão (RICOEUR, 2006).

⁵³ Em parte de seu trabalho (o ‘Segundo Estudo’), o autor faz diferença para a questão do reconhecimento enquanto capacidade coletiva de fazer história – ‘luta por reconhecimento’, ‘política de reconhecimento’, conceitos que se unem ao plano do direito, da política e da economia, conteúdos que não serão abordados neste trabalho.

concebendo, nessa trajetória, a capacidade do homem da ação de reconhecer. Ou seja, de ser capaz de distinguir formas identificatórias.

A ideia de ‘percurso do reconhecimento’ implica num movimento com *sentido*, não em simples deslocamento, mas, sim, de mudança ou alteração de algo. Revela o *sentido*, significado, a marca – de algo ou de alguém, que está sendo experienciado, experimentado psicologicamente. Movimento que, por consequência, articula o sujeito com o mundo histórico-social.

Para Ricoeur (2006), é no percurso da vontade que o tema reconhecimento aparece marcado pelo domínio do ‘eu’. O reconhecer, no infinitivo, comporta o ‘eu’ que reconhece enquanto está ativo, assim sendo, o sujeito da ação.

Uma espécie de autoidentificação, que também pressupõe os modelos iniciais de nossa vida e prepara a pessoa para identificar outros. Diz Ricoeur (2006, p.197), “o homem é necessariamente reconhecido e necessariamente reconhecedor”.

Nessa ótica da argumentação do autor sobre a nossa necessidade de articular essa ‘ação do reconhecer’ entre o ‘si’ e o ‘outrem’ no processo de identificação pessoal, encontro um subsídio para compreender uma das preocupações expostas por Pedro.

Em um dos momentos de contato em que ele conta sobre o seu momento de vida, argumentando, entre os devaneios, o que poderia ser, ou estar melhor, faz o seguinte comentário.

[...] quando você veio aqui na primeira vez pensou ‘aqui não tem valor prá mim, esse é um Zé, um bobo, um ninguém’... (Interrompe por alguns segundos, olhando para mim, e continua a dizer). Mas eu tenho qualidades (aceno com a cabeça, concordando com ele). Então... eu penso e tenho vontade de ser uma pessoa melhor, não uma tranqueira (Pedro, Separação de Materiais).

No sentido temporal de existência e de permanência de uma pessoa, Paul Ricoeur defende um determinado conjunto de disposições duráveis pelas quais se reconhece uma pessoa (na condição de ‘caráter’). Mas essas disposições têm uma história – elas foram adquiridas com o tempo e influenciadas por outras pessoas de convivência. Sua idéia de reconhecimento implica numa reciprocidade entre o ‘eu’ e o ‘outro’, uma espécie de tratamento mútuo que, por assim dizer, vai sedimentando aspectos mais formalizados pelos quais passamos a ser reconhecidos.

Dessa maneira, a personalidade implica ‘ser’ no mundo e evidencia a condição de ‘ser em relação’. Pedro, na condição de homem que age, mostra que sofre os efeitos da ação, dele e do ‘outrem’. Mostra o quão importante é a condição do reconhecer para nossa existência enquanto um processo que ‘marca’ a identificação do ‘eu’.

Essas dimensões implícitas no percurso do reconhecer fornecem elementos de discussão para os meus questionamentos. Viver o dia-a-dia deles, e com eles, permitiu perceber que o reconhecimento é esse componente de conexão entre essas pessoas e o programa.

Imagem e confiança sobre as atividades e os resultados que apresentam para a comunidade, determinam a maneira como referenciam o programa e se identificam com ele – uma ação do reconhecimento, neste caso, que se inicia de ‘fora para dentro’.

Retomo alguns depoimentos que marcam esse forte vínculo entre o reconhecer-identificar.

Ele (refere-se ao programa) é uma vitrine lá fora, até Espanha, Alemanha, mas não aqui dentro. Aqui se recebe visita de muitos profissionais querendo conhecer como faz o trabalho do Pró-Resíduo, como monta um programa dessa natureza [...] (Luis, Setor de Projetos).

Na UEL, UEPG (compara com outras instituições de ensino) não tem nada disso, somos pioneiros nesse trabalho de gerenciar resíduos (Walter, Administração).

[...] Dão muita importância no artesan. O prefeito deu abertura nesse curso pra Associação dos Artesãos (em relação ao curso que foi realizado no litoral do Paraná como parte da atividade de ensino da Oficina) [...] Ganhamos tantos presentes no encerramento do curso... Foi muito bacana mesmo. Tem muito valor o que fazemos... Foi muito bom, muito gostoso a atenção deles, vale a pena (Alicia, Oficina de Papéis).

Esse é o ‘jogo de espelhos’ (CAIUBY, 1993). O resultado e a boa imagem projetada das atividades realizadas pelo Pró-Resíduos e o fato de serem reconhecidas externamente, reflete a ‘luz’ sobre seus participantes. Por conseguinte, cada um espelha a imagem, e constrói sua autoimagem, carregada de valores positivos.

Retomando as explicações, a representação de ‘si’ e a autoimagem dependem da valoração – reconhecimento, que advém do coletivo social. Por isso representa um processo dinâmico e dialético, dada a intencionalidade ou a multiplicidade em que a sociedade ou o indivíduo se olham.

As práticas de significação não correspondem somente aos fenômenos psíquicos colocados no plural reafirma Barus-Michel (2004, p. 54), pois, “[...] o social, das relações intersubjetivas não é uma coleção de indivíduos justapostos.” Compreende-se, então, que o social é uma unidade nova e estrutural na medida em que permite aos seus membros um código de reconhecimento.

Desde modo, o sujeito integra-se dialeticamente à sociedade; torna-se o sujeito social, do vínculo social, das capacidades, das práticas sociais, das representações coletivas e do reconhecimento mútuo – o (re)conhecer de ‘si’ e do ‘outro’ (RICOEUR, 2006).

Nessa direção, vamos observar semelhante prática, unindo os setores e as pessoas. É o reconhecer da atividade e da ocupação, refletindo sobre seus integrantes, bem como, para a imagem do programa, e vice-versa, como se pode observar a partir das oficinas.

As oficinas dão visibilidade ao Programa. Cria o papel, cria valor comercial (Walter, Administração).

Essa oficina é oficial do Programa, deu visibilidade a ele. Eu coordeno, eu crio, eu monto, faço tudo... [...] Agora, este ano, deu um boom que não estou dando conta... O trabalho já era conhecido para fora, em outras instituições, outras cidades, agora mais ainda (Taciana, Oficina de Reaproveitamento).

O movimento, externo e interno, aumenta a ‘lente’ com que todos olham a atividade. Eles experimentam do ponto de vista psicológico, o *sentido* modificador trazido pelo reconhecimento, que é enaltecedor, promotor do orgulho de ‘si’.

Por consequência, a complexa unidade dialética entre o sujeito e o meio continua seu processo de constituição na subjetividade individual, marcada pela ‘fusão’ das experiências pessoais e profissionais, simultaneamente, no tempo e no lugar em que ocorrem.

Nós somos necessários. [...] Depois dessa vivência passei a reconhecer o trabalho que se faz [...] (Clemente, Setor de Coleta).

Tudo que é carroto correm atrás de mim. Trabalho há oito anos sem domingo, feriado [...] ficava até sem comer. É o que gosto de fazer. [...] Aqui ficou até melhor e nós três tem a chave da porta e tudo bem (Joel, Setor Coleta).

[...] Essa oficina é uma educação ambiental. Perguntam se eu não fico enciumada... (pelo fato dos produtos sair com o nome ‘Proresíduos’) Não fico não. Todos sabem que fui eu que fiz, pelo padrão, pelo jeito que é feito (Taciana, Oficina de Reaproveitamento).

A situação social particular está, dessa forma, interrelacionada ao processo de identificação e do reconhecimento entre os envolvidos - pessoa e o grupo (coletividade).

Na criação das histórias intersubjetivadas, atuam reconhecimentos e identificações no compartilhamento de experiências, pensamentos, sentimentos e significados comuns.

Essa construção mútua e dinâmica permeia a vivência deles e entre eles, como observei junto à oficina de papéis. Exibindo o novo lápis que cobriu usando folha de revista, Maria o apresenta como um troféu conquistado: “[...] foi eu que fiz...! eu que inventei !”, dizia ela. Trazia na expressão ‘um gosto’ de orgulho, de admiração pelo ‘feito’.

Em seguida, mostrando outro modelo de lápis feito com papel de saquinho de embalagem, novamente, reflete a satisfação da descoberta e criação, na afirmativa do ‘outrem’: “*Mostrei prá Marta e ela aprovou! Disse que ficou muito bom!... [...]*”

De volta aos apontamentos do ‘percurso da identidade’, há uma explicação que ajuda a compreender esse fenômeno:

[...] começando com a identificação de “alguma coisa”, em geral reconhecido como outro de todos os outros, passando pela identificação de “alguém” [...] é sobre essa transição entre o “alguma coisa” e “alguém”, dramatizada pela experiência do desconhecível que se constrói a posição do “alguém” para o “si mesmo”, reconhecendo-se em suas capacidades (RICOEUR, 2006, p. 261, grifos do autor).

Parece-me que este é um percurso interacional presente na produção de experiências subjetiva e intersubjetiva, uma complexa unidade dialética entre o sujeito e o meio atual, transformada em consciência ‘objetiva’, tal como expressou Clemente, cujos argumentos evidenciam esse ‘jogo’ de sentimentos e percepções.

Nós somos necessários. Não que somos importantes. Todo mundo quer ficar de branquinho... Independente do grau de instrução e formação, todo mundo pode fazer tudo. A comunidade não tem noção de nada. O lixo é misturado. Passei a dar valor ao gari, depois que vim prá cá. Hoje não coloco uma lâmpada, um vidro, uma coisa quebrada no lixo... Depois dessa vivência passei a reconhecer o trabalho, o que pode causar as pessoas (Clemente, Setor de Coleta).

Uma constatação de que a realidade está mesmo sempre em construção, como defende os teóricos da psicologia social, a quem nos referimos de início (Paiva, 2007; Barus-Michel, 2004; Bock, 2001), e de que essa realidade é elaborada, e reelaborada, tanto em suas bases materiais, quanto valorativas, até o momento em que não se pensa mais o objeto como ‘*coisa-em-si*’ e, sim, como ‘*coisa-para-si*’. O fato objetivo e o subjetivo se integram, fazendo parte de um mesmo momento histórico.

Note-se que na investigação antropológica, o conceito de identidade, além de estar relacionado à idéia de alteridade, sugere a existência de uma soma nunca concluída de um aglomerado de signos, referências e influências que definem o entendimento relacional entre indivíduos (também percebida por seus contrastes, ou seja, pela diferença de si ante outros).

Na investigação sociológica, se busca compreender e dar visibilidade a essa dimensão intersubjetivada que marcam ‘as identidades’ construídas e o que elas representam no cotidiano social, para determinado grupo, comunidade ou sociedade.

Cria-se o lugar de identidade – ao qual se pertence, na forma de espaço, ou como um lugar de interações –, previamente organizado, hierarquizado ou não, intencional ou não.

O vínculo entre representações e práticas sociais se expressa no papel de mediações simbólicas, que as primeiras exercem quando as segundas têm um conteúdo determinado, a saber, a instauração do vínculo social e das modalidades de identidades que estão ligadas a ele (RICOEUR, 2006, p.149).

Tão significativas são essas formas de relação que justificam e mobilizam as ciências sociais e humanas na elaboração de explicações e intervenções em seus campos de origem, sem, contudo, apresentarem um modelo plenamente elaborado, e conclusivo, do desenvolvimento psicossocial humano.

4.6 IDENTIDADE E RECONHECIMENTO - SENTIDOS DE VIDA

Comparado à ‘própria capacidade de reconhecimento’ de Paul Ricoeur, encontra-se a ‘autoidentidade’ de Antony Giddens, construída reflexivamente pelo agente (o sujeito). Segundo Abib (2009, p. 25), “[...] São as narrativas do eu, ou as histórias que o eu conta sobre si mesmo, que elaboram e reelaboram a continuidade da autoidentidade.”

Na investigação da psicologia, a vontade e o interesse são partes do fenômeno que explica e conduz, no sentido interno, a ação individual. A abordagem, por exemplo, de Albert Bandura, segundo a teoria social da cognição, já mostrava o processo cognitivo da pessoa o elemento formador e modificador de comportamentos nas situações sociais.

Seus estudos entendiam e descrevia a autoeficácia como o senso de autoestima ou valor próprio, sentimento de adequação e competência para resolver os problemas.

Pessoas com grau elevado de auto-eficácia acreditam se capazes de lidar com diversos acontecimentos da vida [...] de vencer obstáculos, procuram desafios, persistem e mantem grau de confiança na sua capacidade de obter êxito e controlar a própria vida (SCHULTZ, 2005, p.307).

Em William James, no projeto da psicologia moderna, o sujeito é consciência,

[...] como tal, define-se por suas propriedades. A consciência é particular: refere-se aos processos psíquicos particulares. Também é temporal: é contínua e se transforma. Por fim, é cognitiva e volitiva: a cognição é interessada [...] Mais especificamente: o sujeito consiste no fluxo dos processos da consciência, como a cognição, a volição (ABIB, 2009, p. 22).

As expressões ‘sujeito’ e ‘ação’ combinadas e ligadas à concepção de ser humano, além de serem produtoras de *sentidos* e significados, trazem a dimensão relacional sobre a qual já nos referimos. Os *sentidos* representam o que o sujeito psicológico agregou, registrou por meio de imagens, sensações e afetos. Já os significados são construídos no âmbito social, em palavras, símbolos, rituais, são categorias de sentidos coletivos, pois nascem das interações sociais e podem ser mais duradouros.

Seguindo a visão de DaMatta (2000), a existência do processo de construção do ‘eu’, ao longo de nossa existência, tende a estabelecer um inventário de identidades sociais pelos quais me identifico, possivelmente com perdas e ganhos, mas na expectativa e confiança de inserção, de amparo coletivo.

Aspecto a ressaltar é que o reconhecimento e a identidade se articulam numa dimensão espaço-temporal da existência humana. Um percurso onde há um diálogo, e negociação, constante com ‘outros significativos’ que sinaliza um movimento (concreto) de si e, entre o ‘si e o outro’, para distingui-lo e identificá-lo.

O ato do (re)conhecimento possibilita ao sujeito resgatar as identidades e papéis aprovados socialmente do repertório que usa ao longo de sua vida de interações, de maneira a reformular outros *sentidos* e ações sobre si e sobre os outros. Na discussão dessa temática do reconhecimento mútuo, existe a busca da reciprocidade, da alteridade (RICOEUR, 2006).

Se o fenômeno do reconhecimento, de certa maneira, age como uma fonte de superação em relação ao possível sentimento de ‘exclusão’, então, é possível se pensar outra perspectiva no modo de tratar a liminaridade, em conformidade às pesquisas de DaMatta (2000, p.16) e de suas interpretações: “[...] se trata de um processo pode variar de sistema para sistema, assumindo distintas conotações e adquirindo sentidos diferentes.”

O *limiar* pode representar uma condição nem tanto de isolamento ou marginalização como configurado na idéia original de Victor Turner – uma discussão que remete as pessoas em situações ou processos perigosos. Ou ainda, como sendo algo contaminador e nocivo, como descreveu Mary Douglas.

Neste sentido, dada certa circunstância, a liminaridade pode representar um fenômeno de aproximação positiva gerada pela convivência entre pessoas ou grupos. Os ‘estados liminais’, segundo a noção de individualidade, conjugados à essencialidade do ato de reconhecer, elemento definidor da própria sociabilidade, podem configurar um movimento positivo e intencional.

Essa ótica de interpretação me permite avançar a reflexão e pensar a concepção de liminaridade em diferentes formas da expressividade humana e de sociação de pessoas. E essa condição foi possível se constatar ao investigar o modo de permanência e de vínculos criados pelos integrantes do PRORESÍDUOS ao longo desse período de convivência, diante de fatos e situações tão ambíguas que acompanham sua trajetória.

Essa possível condição liminar analisada enquanto forma de sociabilização e, principalmente, de identificação, menos negativa e de exclusão, são características que determinam as pessoas vinculadas ao Pró-Resíduos. Ainda que configurados num processo liminar por sua estrutura, juntos compartilham elementos identificatórios em torno de uma ‘marca’ – o programa que tem propriedades de salvaguardar seus integrantes –, e de onde é possível observar as individualidades, individualizações e o simbólico coletivo.

O programa define uma nova situação de aproximação, para alguns até dirigida intencionalmente ao escolher estar ali para trabalhar. Tornou-se ‘*um espaço*’ interacional onde as pessoas que nele transitam possuem mecanismos e identificadores (de ordem subjetiva), mas, que se combinam às vivências conjuntas (de ordem intersubjetiva), e age como ‘protetor’ para quem nele se abriga.

São sujeitos que constroem suas dimensões sociais, num movimento que cria suas estruturas, neste caso, uma espécie de anti-estrutura, pois para este grupo emergiu como transformador. Para seus integrantes, criou satisfatórias identificações pessoais, a partir das ocupações com as quais cada um encontrou um novo lugar para ser reconhecido como tal.

São sujeitos sociais que, intencionalmente e ‘entre-eles’, conseguem estabelecer convivência num local reconhecido, na ‘casa’, transformando-a em ‘*uma experiência*’ de valorização positivada para a maioria dos seus membros, na maior parte do tempo.

No tema delimitado para investigação, esse conjunto teórico me forneceu uma forte condição de análise das formas de vinculação do grupo. E, neste ‘ponto de chegada’, o processo do reconhecimento foi um ‘achado’ na compreensão explicativa ‘do que os mantém em torno do empreendimento conjunto’, e lhes possibilitam criar referências, identidades, um sentido de pertencimento, de vida, ainda que situados na *soleira*.

As perspectivas de compreensão teóricas subsidiaram as análises e permitiram conhecer e explicar a produção subjetiva e intersubjetiva entre as pessoas que compartilham experiências e vivências comuns em determinado espaço ou momento social.

Dessa maneira, descrevo alguns pontos de conclusão para o fechamento dessa trajetória de verificação dos modos de ser, estar e fazer do PRORESÍDUOS, nos seus constitutivos – ambiguidades, contrastes, identificações, diferenças, estilos e os ‘jeitos’ de cada um, nas suas identidades pessoais e sociais.

5. NOTAS DE CONCLUSÃO

Nessa trajetória de pesquisa algumas das questões fundamentais analisadas no universo da dinâmica interacional presente em nossa vida, ajudaram-me a entender um pouco mais do tão complexo ‘mundo humano’, e reconhecer o quão extraordinários são os acontecimentos do ‘mundo social’.

Na delimitação do tema liminaridade e do recorte dado para esta investigação, algumas questões preliminares nortearam minha busca em torno das vivências e identificações simbólicas de um grupo específico de trabalhadores da UEM. Tais proposições foram meus importantes guias no encontro de algumas informações do universo interacional, psicológico e social, desses homens e mulheres que constituem o grupo PRORESÍDUOS.

Questões preliminares produzidas em torno da vida do grupo e de seus atores – ‘o que os unem’; ‘as contradições sociais que se apresentam’; ‘como as pessoas coexistem nesse sistema’; ‘que significados e simbolismos definem as pessoas no modo de agir individual e coletivamente’ –, se tornaram um conjunto de pontos fundamentais para nortear a definição do referencial teórico que me acompanhou nesta jornada empírica.

A escolha do processo de observação participante colhendo informações ‘face a face’ com cada um dos observados, e no cenário em que ocorriam as experiências, proporcionou a minha interação direta com o grupo e um diálogo que permitiu ouvir e ser ouvida. E mais ainda, conhecer as significações significativas a partir da ótica de quem os vivencia, como é propósito do encontro etnográfico.

O conjunto de elementos obtidos a partir do que as pessoas falam, ou pensam que fazem e o que realmente fazem, determinou a minha aproximação do núcleo essencial do fenômeno investigado – as relações simbólicas e identificatórias de um grupo em condição liminar.

No decorrer do estudo, analisei o *jogo* das interações na complexidade inerente ao seu movimento. Constatei que nas relações interacionais estão envolvidos muitos elementos intercombinados; eles surgem e misturam-se entre as pessoas.

Verifiquei nesse *jogo* que nem sempre as interações são organizadas e equilibradas para seus participantes; reflexos, luzes e sombras estão cotidianamente nos fatos da vida social. E foi a partir de um espaço *limiar*, na dinamicidade e intencionalidade com que os fenômenos ocorrem nele, que todas essas questões puderam ser melhor observadas e analisadas.

A liminaridade estudada na ótica de Victor Turner é a própria condição que implica em transformações sociais. Um processo que descreve os momentos de transição ‘entre mundos’ diferenciados, e estes, por sua vez, marcam a passagem de *status* na vida dos indivíduos, uma dinâmica condutora da criação de novos pensamentos, percepções, ações, e novas condições de vida.

Assim, a condição liminar é por si, estrutural e estruturante, na medida em que configura um processo de mudança social, e contém uma dinâmica relacional que marca as mais profundas experiências para os sujeitos psicológicos e sociológicos. A maneira e a intensidade com que as interações ocorrem, a vivência dos dramas e as tramas que caracterizam esses momentos de passagem, são os determinantes dos novos *significativos sentidos* de existência de cada um e, geralmente, acontecem carregadas de tensão emocional.

Apoiada nesses pressupostos que fundamentam a concepção liminar, estruturei minhas discussões, e com elas, as análises de como esses espaços delimitados e ‘fora’ dos convencionados expressam e explicam a vida social pelo seu ‘limite’. A partir dessas noções, ainda foi possível construir um conjunto teórico interdisciplinar que me ajudou a melhor compreender os ‘dois mundos’ humanos – o psicológico e o sociológico.

Analisou-se o ‘espaço liminar’ não como qualquer experiência e, sim, *uma* experiência – a expressão humana – lugar de origem de ideias, valores e símbolos. Momentos de *encontros* e *desencontros*, que resultam de ações sociais recíprocas, conjuntas e intencionais.

Foi nesse contexto significativo – da experiência liminar do PRORESÍDUOS – que transcorreu a compreensão dos valores, crenças, motivos e sentimentos humanos, enfim, *um* local e *vários* momentos liminares que possibilitaram reconhecer as ações que interligam os eventos e os agentes.

Um processo que promove e ressignifica as experiências, as individuais e coletivas, e as pessoais e profissionais; que desafia os padrões, as convenções e por suas particularidades e vivências, pode dispor os indivíduos ou grupos em categorias ‘no limite’ e torná-los ambíguos, por que ficam simultaneamente em dois campos semânticos mutuamente excludentes (TURNER, 1974 e 2005; DOUGLAS, 1976 e 2007).

Os ‘mundos’ com os quais os sujeitos liminares se deparam, *betwixt and between*, pode significar formas de aproximação e/ou separação de pessoas e, igualmente, organizar a vida social coletiva. Na perspectiva de ‘aproximação’, minha lente de análise registrou que a situação liminar do grupo marca uma forma de *ser e de fazer* que define a situação de convivência entre os integrantes do PRORESÍDUOS. Um empreendimento coletivo que os faz semelhantes ‘entre-si’ por suas particularidades e as tarefas que realizam cotidianamente.

Guiada por essas descobertas e reflexões foi possível se pensar, então, a concepção da liminaridade enquanto forma positiva de expressão subjetiva e de associação de pessoas. Momentos *limiaries* podem estar configurados como de aproximação e afiliação social, e são possíveis de serem criados intencionalmente.

A realidade com que me deparei me permite levantar este primeiro ponto de compreensão a respeito do fenômeno da liminaridade. É possível entendê-lo como forma de sociabilização e de identificação, e nem tanto de exclusão, como apontam originalmente os estudos antropológicos de Victor Turner.

Este processo especial que ocorre nas relações do grupo transforma seu ‘estado liminal’ em positivo, com atributos benéficos aos seus integrantes, como sinalizou o estudo de Roberto DaMatta. Ainda que possa ser considerado classificatório e ambíguo, trata-se de um processo que ressalta a noção de individualidade – das dimensões individualizantes, mas sem individualismo –, e traz a essencialidade da própria sociabilidade no plano coletivo (DaMATTA, 2000).

Com essa nova percepção sobre os fatos e situações investigadas, o PRORESÍDUOS se revelou uma forma de ‘aproximação positiva’. Nessa condição, o grupo e as pessoas liminares adquirem sentidos sociais de integração, nem tanto de isolamento, marginalização ou extremos limites. Essa visão relacional pode ser um importante atributo e elemento essencial da construção da vida social, e do surgimento de novas dinâmicas interacionais inerentes à condição de existência humana.

A partir dessa constatação e nova dimensão de análise, posso pensar a questão da ‘atividade diferenciada’ que realizam – entre o lixo e os resíduos – no caso deste grupo não envereda pelo estabelecimento de uma ruptura ao sistema.

Por sua situação de criação e de funcionamento, o grupo até pode ser visto como uma categoria ‘fora do mundo da universidade’, por pertencer a um programa e ter práticas distintas dos padrões de uma instituição de ensino. Pode, ainda, ser percebido como um grupo constituído por elementos conflituosos e de contradições sociais por lidar com um tipo de atividade ‘fronteira/marginal’ como se descreve o ‘mundo do lixo’.

São motivos, por conseguinte, que o configuram um espaço de convivência e de trabalho que lhes conferem condições e momentos liminares, mas também, uma experiência de complementaridade, um sistema relacional ‘dentro de um mundo’ apropriado por eles. Tais condições podem ser interpretadas *um* momento especial, essencialmente integrador e provedor de experiências singulares e, para a maioria de seus integrantes, de preservação e de essencialidade na constituição das identidades pessoais e de pertencimento social.

Essa perspectiva de análise me levou a compreender o homem – sujeito social e psicológico – definido por seus estilos, seus modos de fazer as coisas e com um *inventário* de identidades sociais com as quais se pode descobrir o ‘jeito’ de cada sistema humano, como se observou a partir desse estudo com o grupo.

O PRORESÍDUOS marca e é marcado por características da personalidade no modo de ‘ser’ e a singularidade coletiva no modo de ‘fazer’.

Esse delineamento teórico inerente à concepção interacionista e o encontro com o cotidiano do PRORESÍDUOS, mostraram as vias que levam as mudanças e transformações nas pessoas. Uma análise construída com base nos fatos humanos. E esses são históricos, surgem no tempo, dependem da visão de mundo do momento e, assim, se tornam fatos psíquicos, políticos, culturais e sociais. O encontro com o cotidiano deste grupo mostrou as vias que levam as mudanças de vida e as transformações nas pessoas.

Conceitos e concepções sob os quais me pautei em *espelhos e máscaras* (STRAUSS, 1999), no *jogo de luz e sombras* (COSTA, 2004; GONÇALVES FILHO, 2004), na imagem do *caleidoscópio e o jogo de espelhos* (CAYUBI, 2003), na *individualidade humana e nos fenômenos psíquicos* (BARUS-MICHEL, 2004), nos momentos de *diferenciação na vida social* (GOFMANN, 1988), no *percurso do reconhecimento como identificação* (RICOEUR, 2006), foram fundamentais nas análises e como suporte teórico para reafirmar minhas idéias iniciais: *a existência de uma grande cenário vivo e modificável, contextualizado e circunstancial, onde vivem os agentes sociais.*

Com as observações e relatos, constatei fatos e histórias de vida que fazem a conexão entre ‘passado-presente’, promovem momentos de continuidade ou descontinuidade do vivido social. Realçam as experiências únicas e singulares de pessoas que transicionam entre ‘antes e depois’, os movimentos próprios da temporariedade e das mudanças de *status* na vida dos indivíduos.

Um conjunto de elementos que, aos *olhos* de cada um, podem ser construtores, positivos ou não, e podem marcar os momentos de nossas vidas, motivo pelo qual a construção das identidades a partir do sistema de papéis não é tão simples, pois a pessoa se avalia, avalia o outro e é avaliada pelos demais membros.

A dinâmica de passagem de *status* pressupõe uma espécie de ‘escala’ de papéis sociais, ora é conferido à pessoa, ora é alcançado por ela; pode-se dizer que a mudança de posição é dependente da ação do sujeito para ser legitimado. Reflete seu desempenho, o esforço de se integrar, de ‘validar’ seu papel junto no grupo e em ser reconhecido pelo que faz.

Diante dessas reflexões, chego ao segundo ponto fundamental de compreensão, apoiada pelas interpretações teóricas da noção interacional.

Trata-se da questão do reconhecimento como a essência da identificação e a base para o processo da formação identitária. O reconhecimento está intimamente ligado ao conjunto da essencialidade da existência humana e no projeto de desenvolvimento de vida, pois considero os conceitos de ‘identidade e reconhecimento’ interdependentes.

A dinâmica de autoidentificação pressupõe os modelos iniciais de nossa vida e prepara a pessoa para identificar outros, motivo pelo qual o homem é necessariamente reconhecido e necessariamente reconhecedor, como afirmou Paul Ricoeur.

As identidades pessoais e profissionais são e estão reconhecidas *pelo* programa – um espaço simbólico, um ‘autenticador’ instituído coletivamente, mas também de domínio dos sujeitos. O PRORESÍDUOS representa o lugar de significações significativas. É onde se vive, se trocam experiências, se trabalha, criam-se os *sentidos* de vida em âmbito pessoal e profissional.

Esse reconhecer gera a nova condição que permite a *quase* todos os integrantes uma forma de superação da relação mais ‘nociva’ presente nos significados trazidos pelo mundo do lixo/resíduos, e dos seus estigmas associados à sujeira, de coisa imprestável, de entulho.

No PRORESÍDUOS o percurso do reconhecimento (RICOEUR, 2006), minimiza os efeitos dos sinais estigmatizados e significados tão ‘contaminadores’ que poderiam agir sobre eles como uma marca ruim e depreciativa. Esse é um outro dado de análise que passei a repensar sobre a questão da ‘atividade diferenciada’ – entre o *lixo e o resíduo*.

Na presença do *jogo de espelhos* e de *luz e sombras*, o grupo e cada um dos membros refletem e projetam imagens de *uns sobre os outros* – isso ocorre nos eventos interacionais cotidianos entre o programa e as pessoas, e vice-versa. Conforme se estabelece o percurso do reconhecimento nessa dinâmica, o *jogo* também anuncia ‘finais’ bons ou ruins, inerentes às condições do encontro e das ações entre seus agentes (os de *dentro*) e os espectadores (os de *fora*).

Nascem daí as percepções diferenciadas entre os trabalhadores do programa em conformidade com as atividades que ocupam no cotidiano. O lugar de *quase* todos se explica também pelo fator reconhecimento, pois o ato do reconhecer ‘deles’ ou ‘de outrem’ reflete a *luz* ou a *sombra* na sua variação de sua intensidade. Por conseguinte, cada um espelha a imagem e o autoconceito que resulta dessas transações.

Confirma-se, portanto, que a ideia de percurso do reconhecimento implica num movimento com *sentido*, não em simples deslocamento. Como se viu no grupo, o processo do reconhecimento conduz mudanças ou alterações na visão-de-mundo, reveladoras de novos *sentidos* significantes e das marcas de algo ou de alguém, acumuladas ao longo das existências.

É um meio de entender o indivíduo não como uma causalidade psíquica, mas dotado da capacidade de conhecer (da cognição) que lhe permite agregar à sua vontade, percepção e experiência, o que já é conhecido coletivamente. Em outras palavras, a pessoa traz para ‘si’ o que também já é conhecido pelo ‘outro’, uma relação complexa de significações, subjetiva e intersubjetiva. Uma dinâmica interacional que interconecta quem conduz (o ‘eu’) e quem orienta a ação (o ‘outro’).

É assim a complexa unidade dialética entre o sujeito e o meio. Histórias de cada um se misturam às de todos, e carregam nelas os percursos das identidades e do reconhecimento. Por consequência, articula o sujeito com o mundo histórico-social.

Neste ‘ponto de chegada’, ao voltar o olhar, percebo o quanto o PRORESÍDUOS proporcionou a mim, na qualidade de observadora e participante do grupo, um universo de importantes compreensões teóricas e, sobretudo, da questão humana.

Como é prazeroso conviver com pessoas cujas histórias de vida são, em todas as suas amplitudes e ‘mundos’, *um* modelo e não qualquer modelo. Pessoas que na plenitude da sensibilidade de ‘ser humano’, são donas de uma exemplar trajetória de vida e, no período da pesquisa de campo, me ensinaram o que realmente significa a dialética ‘eu-nós’. Nos dramas inevitáveis das tramas, ‘todos nós-juntos’ chegamos até aqui. Vivendo muitas histórias e contextos, e convivendo com emoções e sentimentos, alguns novos ou outros já experienciados.

Mesmo diante da minha capacidade limitada para perceber e compreender ‘tudo’, nesse balanço de *saída*, chego acreditando que a construção dessa práxis ampliou minha lente de vida. Considero que aprendi e apreendi algo mais sobre a vida vivida no bastidor ‘entre mundos’, da minha própria condição liminar como pesquisadora, e dos elementos constituidores dessa experiência: as pessoas, a universidade, o programa, o lixo, os resíduos, e tantos outros mais universos interacionais que fizeram parte dela.

Entender essa condição é o caminho para conceber o indivíduo psicológico, com a perspectiva de que existe ‘ele’ e o ‘outro’, e esse ‘outro’ é a minha complementaridade. Aproximei-me, sobretudo, das infindáveis redes de relações simbólicas e identificatórias, onde o sujeito psicossocial encontra a essência e dá finalidade e sentido à sua vida.

Fui ao encontro de minhas metas de conhecimento. Realizei um exaustivo exercício de *olhar de dentro e de longe*, que exigiu muita disciplina, disposição para repensar, de se contradizer, de relembrar detalhes pequenos, momentos, gestos, de representar ‘objetivamente’ o mundo das ideias.

Um exercício em forma de intervenção e interação, que valeu a pena por ter conhecido pessoas tão especiais. Não pude deixar de fora meu lado subjetivo - afetivo/emocional.

Mesmo na limitação da experiência e da minha percepção, conheci coisas e com elas passei também a sentir coisas que antes desconhecia, e não sentia. Sou muita grata a todos, mas em especial, o que aprendi e vivi junto à equipe da coleta e da reciclagem, pela simplicidade e o aprendizado de vida que demonstram ao longo de tantos anos nesse árduo trabalho do ‘mundo do lixo’.

A invisibilidade social que acompanha especialmente esses trabalhadores se traduz, conforme Fernando Costa averiguou, numa ‘cegueira pública’, um fenômeno político e, ao mesmo tempo, psicológico.

Político em suas relações às desigualdades históricas entre classes sociais. Portanto, há interesses de classe informando a cegueira – aqueles que se recusam a ver o outro, trabalhador subalterno, porque não o reconhecem como ‘igual’. E psicológico, na medida em que participamos, ou até intensificamos, a manutenção dessa cegueira, mesmo que sem o perceber.

O ato de ‘não ver’ vai além de uma determinação histórica da distância social entre pessoas de classes distintas. Uma percepção social que pode ser anulada no movimento interacional dirigido com a intenção de se reconhecer a presença do outro, ou de reconhecer seu direito de falar e ser ouvido. Um ato humano onde o outro passa a ser visto.

Sob a luz das interações, dos momentos de passagem e das conexões coletivas, o grupo também representou para mim *uma* mudança de *status*. Uma condição transicional positiva de ‘ir-e-vir’ entre ‘mundos’, de diferente modo de pensar, pelas práticas e, principalmente, pelas novas experiências que acumulei. Universos por onde transitei e aprendi importantes noções que consolidaram meus propósitos de pesquisa empírica no campo das ciências sociais.

Assim encerro a escuta desses sujeitos sociais. Com uma riqueza de informações – no residual das falas, nos gestos, nos comportamentos, nas interações e ações.

Foram elementos fundamentais para a análise de aspectos de identificação psicossocial implícitos e/ou explícitos, para as identidades e as transições vividas por todos nós.

Fecho esse conjunto das reflexões, lembrando a citação de Clemente de que “*o mundo é feito de parcelas*”. Seu tom tranquilo de fala e a expressão que tinha naquele momento, sinalizavam um *sentido* de grandeza das relações e de sua apreensão da interdependência de onde estamos ou nos colocamos, diante dessa imensidão dos mundos sociais particulares e coletivos. Um reconhecimento particular que junto com as experiências, há um *jogo* interacional de muitos resultados, ‘para mais ou para menos’.

REFERÊNCIAS

- ABIB, J. Antonio Damásio. “Quem sou eu?”. In **A Constituição do Sujeito e a Historicidade**. (E. Tomanik, A. Caniato e M. Dias Facci - Orgs). Campinas: Alínea, 2009, p. 13-32.
- AGIER, Michel. **Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização**. Rio de Janeiro: Mana. vol.7,n.2, p.7-33, out. 2001.
- BARUS-MICHEL, Jacqueline. **O Sujeito Social**. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2004, capítulos 1 e 2.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. (C.A.Medeiros, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editorgrtr, 2005.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOCK, Ana Mercês B. GONÇALVES, Maria das Graças Marchina e FURTADO, Odair (Orgs.). Fundamentos Teóricos da Psicologia Sócio-Histórica (parte 1). In **Psicologia Sócio-Histórica** (uma perspectiva crítica em psicologia). São Paulo: Cortez, 2001.
- BOCK, Ana Mercês B.; FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BRANDÃO, Carlos. (Org). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRANDÃO, Carlos. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO (org). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.7-16.
- CABRAL, Sueli Maria. **Trabalhadores do Lixo: o relato de uma pedagogia da desordem**. Proto Alegre, RS, 2001. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRS. Disponível em [<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/986/688>]. Acesso em: 21 nov. 2011.
- CAIUBY, Sylvia Novaes. “Introdução” e “A Identidade no Sentido Amplo – O Outro como Modelo”. In **Jogo de Espelhos: Imagens da Representação de si através dos outros**. São Paulo: EdUSP, 1993, p. 22-33 e 60-74.
- CALDERONI, Sabetai. **Os Bilhões Perdidos no Lixo**. 4ª ed. São Paulo: Humanitas. FFLCH. USP, 1998.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever (cap.1). In **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da UNESP, 1998, p. 16-35.
- COSTA, Fernando Braga. **Homens Invisíveis: Relatos de uma Humilhação Social**, São Paulo, Globo, 2004.

COSTA, Fernando Braga. **Moisés e Nilce: Retratos Biográficos de Dois Garis**. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. São Paulo, SP, 2008, 403f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP.

CUNHA, Marina Roriz R. L. **Risco e Consumo** - A construção da identidade a partir do lixo, Goiânia, GO, 2009. 155f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, UFG. Disponível em [http://www.ufg.br/this2/uploads/files/108/Marina_Ro.pdf]. Acesso em: 21 nov. 2011.

DaMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DaMATTA, Roberto. “O Ofício de Etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues’”. In: Nunes, E.O. (org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.

DaMATTA, Roberto. **Individualidade e Liminaridade**: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. Rio de Janeiro: Mana, ano 6, v.1, p. 7-29, abr. 2000.

DaMATTA Roberto. Um indivíduo sem rosto. In **Brasileiro Cidadão?** (coletânea). São Paulo: Cultura Editores Associados, 1992, p. 02-32.

DaMATTA, Roberto. Palestra: **Rituais de identidades e identidades rituais**. Vídeo publicado na íntegra em 01/01/2010. Disponível em: [<http://cafesfilosoficos.wordpress.com/2010/01/19/rituais-de-identidade-e-identidade-rituais-2/>]. Acesso em: 15 jun. 2011.

DAWSEY, John C. **Victor Turner e Antropologia da Experiência**. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 13, p. 162-176, 2005.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DIB-FERREIRA, Declav R. **As Diversas Visões do Lixo**. Rio de Janeiro, RJ, 2005, 160f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental). Universidade Federal Fluminense, UFF. Disponível em [<http://diariodoprofessor.com/wp-content/uploads/2007/10/as-diversas-visoes-do-lixo-dib-ferreira-declav-reynier.pdf>]. Acesso em: 15 nov. 2011.

DOUGLAS, Mary. **Como as Instituições Pensam**. São Paulo: EdUSP, 2007.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EIGENHEER, Emílio Maciel. O Povo do Lixo. In FIGUEIREDO, Haydée da Graça Ferreira de (org.). **Vozes da educação: 500 anos de Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, DEPEXT, 2004.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. (Michel Schröter - Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GAULEJAC, Vincent de. **As Origens da Vergonha**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: TLC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. P. Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOBBI, Marlene. **Resíduos uma necessidade indiscutível**. Boletim Informativo UEM, Maringá: Assessoria de Comunicação Social, Ano XVII, nº 765 - 28/2 a 6/3/02/2007. Disponível em: [<http://www.informativo.uem.br/novo/index.php?option=category&id=32:informativo-765&Itemid=38&layout=default>]. Acesso em: 10 jan. 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GONÇALVES FILHO, José Moura. A invisibilidade pública (prefácio) In: COSTA, Fernando Braga. **Homens Invisíveis**: Relatos de uma Humilhação Social. São Paulo: Globo, 2004.

GONÇALVES, M. da Graça Marquina. A Psicologia como Ciência do Sujeito e da Subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, GONÇALVES e FURTADO (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica** - uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001, p. 37-52.

HAGUETTE, Teresa M. Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. T. Silva e G. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAPIASSU, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A. e TURNER, J. (org.). **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Unesp, 1999, p. 127-174.

LAYARGUES, Philippe. O Cinismo da Reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, LAYARGUES e CASTRO (Orgs.) **Educação Ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002, 179-220.

LIXO EXTRAORDINÁRIO. Produção de Angus Aynsley e Hank Levine. Direção de Lucy Walker. Participação de Vicente José de Oliveira Muniz (Vik Muniz). Rio de Janeiro: Produtora O2Filmes, Distribuidora Downtown Filmes. 2009. Filme-Documentário. 99 min. Dados Técnicos disponível em [<http://www.lixoextraordinario.net/>].

MAGNABOSCO, M. Madalena. **Identidade, Alteridade e Globalização**: reflexão a partir do testemunho de Rigoberta Menchú. Brasília: Psicologia Ciência e Profissão. 2002, vol.22, n.1, p. 10-17. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932002000100003&script=sci_arttext]. Acesso em: 15 nov. 2011.

MARCONI, Marina A. e LAKATOS, Eva M. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de 'eu' (quinta parte). **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MAYRING, Philipp. **Introdução à Pesquisa Social Qualitativa**. [Einführung in die qualitative Sozialforschung]. Weinheim: Beltz. Técnicas de Análise Qualitativa. Cap. 04 (traduzido). 2002, p.102-135. Disponível em [www.cin.ufpe.br/~pcart/metodologia/pos/Mayring043.pdf]. Acesso em: 10 jan. 2010.

PAIVA, Geraldo J. **Identidade Psicossocial e Pessoal como Questão Contemporânea**. Porto Alegre: Psico PUCRS, v.38, n.1, p.77-84, jan./abr. 2007.

POPPER, Karl R. **Conhecimento Objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, M. Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia G. **Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2009.

RICOEUR, Paul. **Percursos do Reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

SÁ PINTO TOMÁS, Júlia Catarina de. **A invisibilidade Social, uma Perspectiva Fenomenológica**. 2008. Disponível em [http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/285.pdf]. Acesso em: 15 nov. 2011.

SCHULTZ, Duane P. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Thomson Learning Edições, 2005.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez. 2007.

STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e Máscaras: A Busca de Identidade**. (trad. SOUZA, Geraldo Gerson de). São Paulo: EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

TOMANIK, Eduardo A. **O Olhar no Espelho: 'conversas' sobre a Pesquisa em Ciências Sociais**. Maringá: Eduem, 2004.

TOMANIK, Eduardo A. O Sujeito Humano e o Conhecimento. In (E. Tomanik, A. Caniato e M. Dias Facci - Orgs). **A Constituição do Sujeito e a Historicidade**. Campinas: Alínea, 2009. p. 33-61.

TURNER, Victor. Betwixt and Between: o período liminar nos ritos de passagem. In **Floresta de Símbolos**, Niterói: EdUFF, p. 137-158. 2005.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. (Tomaz Silva - Org. e Trad.). Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07-72.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada **Os atributos da Liminaridade: identidade e relações simbólicas de um grupo em um Programa de Gerenciamento de Resíduos**, sob a orientação da Prof^a Dra. Zuleika de Paula Bueno, do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UEM - Universidade Estadual de Maringá.

O objetivo da pesquisa é conhecer o grupo em suas atividades no dia-a-dia, como se relacionam uns com os outros, a forma de cada um participar e de se identificar com a atividade e com as demais pessoas do grupo.

Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria nas seguintes formas: *entrevista individual (anotada e/ou gravada), preenchimento de questionário, participação de grupo de discussão, e por períodos de observação por parte do pesquisador, podendo ser fotografado ou filmado*. Os conteúdos cedidos serão de uso exclusivo dessa pesquisa e serão tratados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade de modo a preservar a sua identidade.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

A partir do relatório final de pesquisa, será dado um retorno aos participantes sobre os resultados possibilitando seu conhecimento sobre como o grupo se organiza, seu modo de ser e de agir desse grupo.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pela Prof^a. Zuleika de Paula Bueno.

_____ **Data:**.....
Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Alice Dias Paulino, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ **Data:**.....
Assinatura do pesquisador

1) Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador/orientador:

Nome: Zuleika de Paula Bueno

Contato: (44) 3011.4288 ou 8905 (UEM/PÓS-GRADUAÇÃO)

2) Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá-PR.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede / Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM. CEP 87020-900.

Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444 - Email: copep@uem.br

APÊNDICE 2

Lista dos locais de Coleta de Lixo - Campus UEM		Identificação do local
1.	Bloco Q 03	Reitoria
2.	Guaritas da Vigilância	Entrada da Reitoria
3.	Bloco 102 - PCU	Prefeitura do Campo
4.	Bloco 117	Casa da Música (em frente)
5.	Bloco Q E 05 (depósito cercado em frente a CEF)*	'Brunão' (conhecido por)
6.	Bloco 04	Próximo a Cantina Central
7.	Bloco 10 (dois cercados grandes)*	Em frente ao Bloco 104
8.	Bloco 18	Antiga Farmácia
9.	Bloco 28 (prédio Central de Vestibular)	Prédio Central de Vestibular
10.	Bloco 22	Química (passarela próxima)
11.	Bloco 103 * (vizinho à sede Pro-Resíduos)	Copa Central
12.	Canchas de Futebol	Próximo as quadras esportivas
13.	Prédio BCE *	Biblioteca Central
14.	Bloco D34 (próximo ao Auditório Ney Marques)	Dep. Economia
15.	Bloco C34 (atrás do Auditório Ney Marques)*	CSA (Centro Sociais Aplicadas)
16.	Bloco C23 * (acima do Auditório Ney Marques)	Dep. Administração
17.	Bloco 31	Lab. Química (em frente ao <i>Dacese</i>)
18.	Bloco A 01	Correio
19.	Bloco O 10	Patrimônio
20.	Bloco O 09	DSM
21.	Bloco O 08	Teatro Oficina e Casa de Cultura
22.	Bloco O 06	Garagem
23.	Bloco O 11	Serralheria
24.	Bloco O 11	Marcenaria
25.	Bloco O 11	Passarela enfrente
26.	Bloco O 13	Artefatos
27.	Bloco O 27 (acima da Marcenaria)	Obras (conhecido por "Pedrão")
28.	Bloco O 33	Museu
29.	Bloco O 01 – Estação Climatológica	Meteorologia
30.	Bloco C 67	Dep. Física
31.	Bloco C 56 (novo acima do C67)	Dep. Informática
32.	Bloco D90	Dep. Engenharia Química
33.	Cantina e Quiosques de xérox *	'Copinha' (conhecido por)
34.	Bloco E 46 *	PEQ – Eng ^a Química (lado esquerdo)
35.	Bloco E 46 *	PEQ – Eng ^a Química (lado direito)
36.	Bloco H 90 *	Nupélia (lado de cima)
37.	Bloco H 90 *	Nupélia (lado de baixo)
38.	Bloco 79	Ciências Morfológicas/Anatomia
39.	Bloco J90 *	Próximo ao Lepac
40.	Bloco P O3 (cercado)	BCE (abaixo do Prédio da Biblioteca)
41.	Bloco P02 (conhecido por 'Buracão')	DEC/ LEPENC
42.	Estacionamento 17	Lado direito
43.	Estacionamento 17	Lado esquerdo
44.	Bloco J 13 *	Anpacin (escola)
45.	Bloco J 57	Agronomia
46.	Bloco H 67 *	Dep. Química (próximo)
47.	Bloco J 45 – novo próximo ao J 57	Dep. Agronomia
48.	Bloco T 10	Laboratório (peixes)
49.	Centro de Ciências Biológicas (acima)	Laboratórios
50.	Bloco K 80	Dep. Farmácia
51.	Bloco K 10	Próximo ao Laboratório - LEPAC

(*) locais com piores condições de retirada do lixo, segundo a percepção do grupo da Coleta.

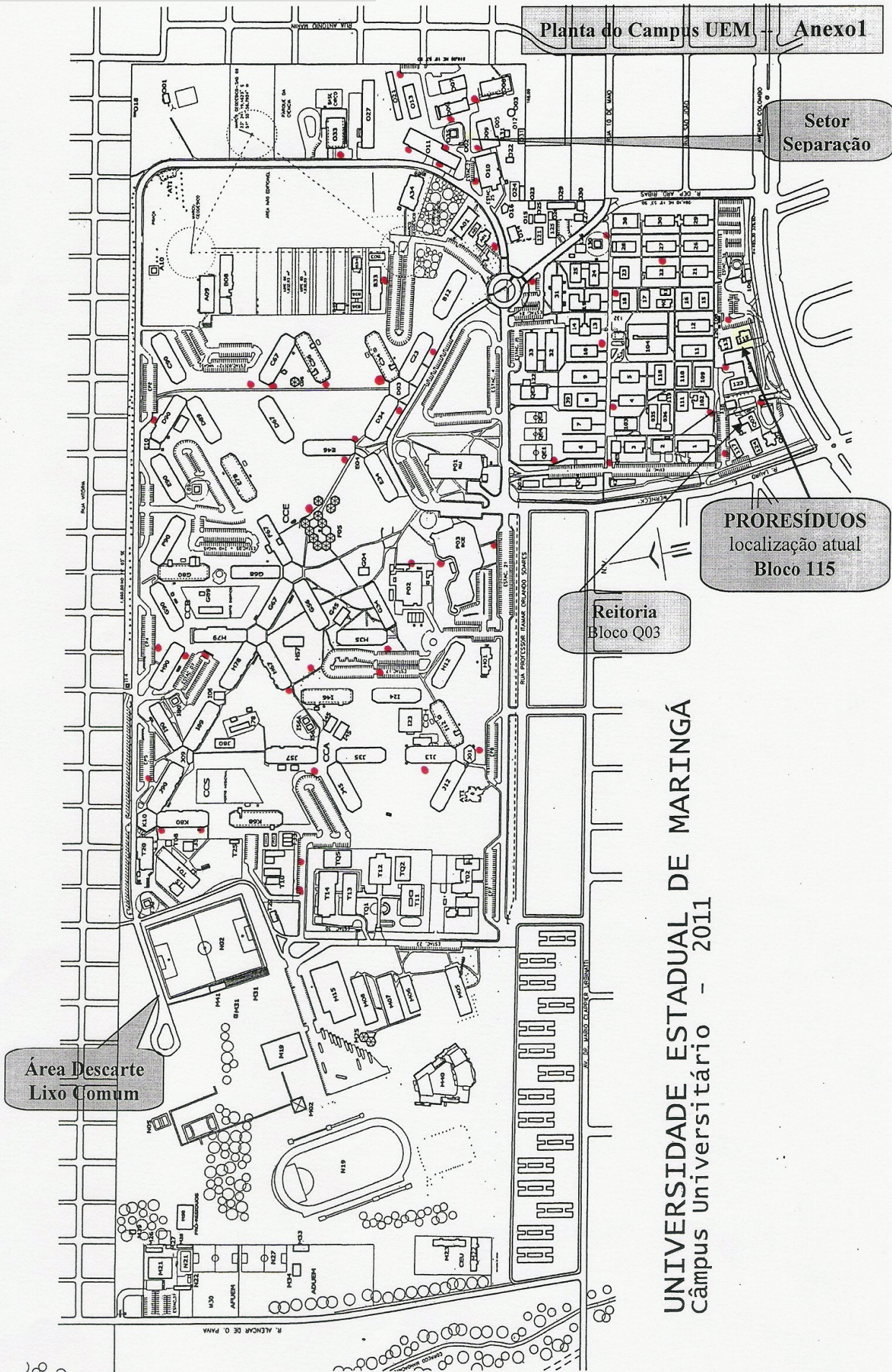
APÊNDICE 3

Trecho da palestra “*Rituais de identidades e identidades rituais*” proferida por Roberto DaMatta.⁵⁴

Um mundo é um palco.
 Nós todos somos atores nesse palco, todos nós entramos no palco.
 Temos uma hora de entrada e temos uma hora de saída,
 e, durante o período que nós ficamos nesse palco, desempenhamos várias faces
 Identidades? Quando falamos em identidades, nós falamos em papéis sociais.
 A diferença entre os papéis que são desempenhados numa novela, peça ou filme,
 do drama que a gente assiste na televisão, no cinema e no teatro, e a vida real,
 é uma diferença curiosa.
 Você tem a verossimilhança.
 Quando você vê um papel se identifica com alguns dos personagens, mesmo
 que não tenha vivido, você sabe que não é, mas sabe que existe.
 Esses papéis, você desempenha, se identifica com alguns papéis.
 Alguns que você desempenhou,
 papel de mãe, de irmão, de pai, de jovem, de homem, de mulher,
 você reage a esses papéis.
 A diferença fundamental entre a vida tal como conhecemos
 e o teatro, é que no teatro tem início, meio e fim, e na vida não tem!
 Na vida nós temos o nosso fim, mas na peça a vida não termina, na vida real não.
 Isso é intolerável. Para que é onipotente, não dá pra segurar.
 Bate um desespero terrível. Ele ou ela gostaria que o mundo acabasse junto,
 mas, o mundo não acaba com a gente.
 O filme termina, a coisa mais importante do filme é o final,
 está escrito ‘*the end*’, ‘fim’.
 Esse fato, de que você tem um drama humano,
 você tem um conjunto de identidades que se articularam
 que entraram em conflito, que entraram em harmonia,
 criaram uma história porque é o contraste, é o jogo, são as oposições, são os conflitos
 que geram as surpresas, as reviravoltas, as grandes frustrações,
 sem as quais, não existem as grandes satisfações, sem uma coisa não tem a outra.
 Quando você vê o drama na tela, tem um final,
 às vezes você tem a intuição do final.
 Agora, nas nossas próprias vidas, nós não temos.
 Esse processo que nos interessa, e são processos que nos perturbam,
 Porque, que final vai ser?
 Nas nossas próprias vidas, nós não temos resposta...

⁵⁴Trecho transcrito por mim. Material em vídeo publicado na íntegra em 01/01/2010. Disponível em [http://cafesfilosoficos.wordpress.com /2010/01/19/_rituais-de-identidade-e-identidade-rituais-2/]. Acesso em: 15 jun. 2011.

ANEXO 1 - Pontos de Coleta de Lixo



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
câmpus universitário - 2011